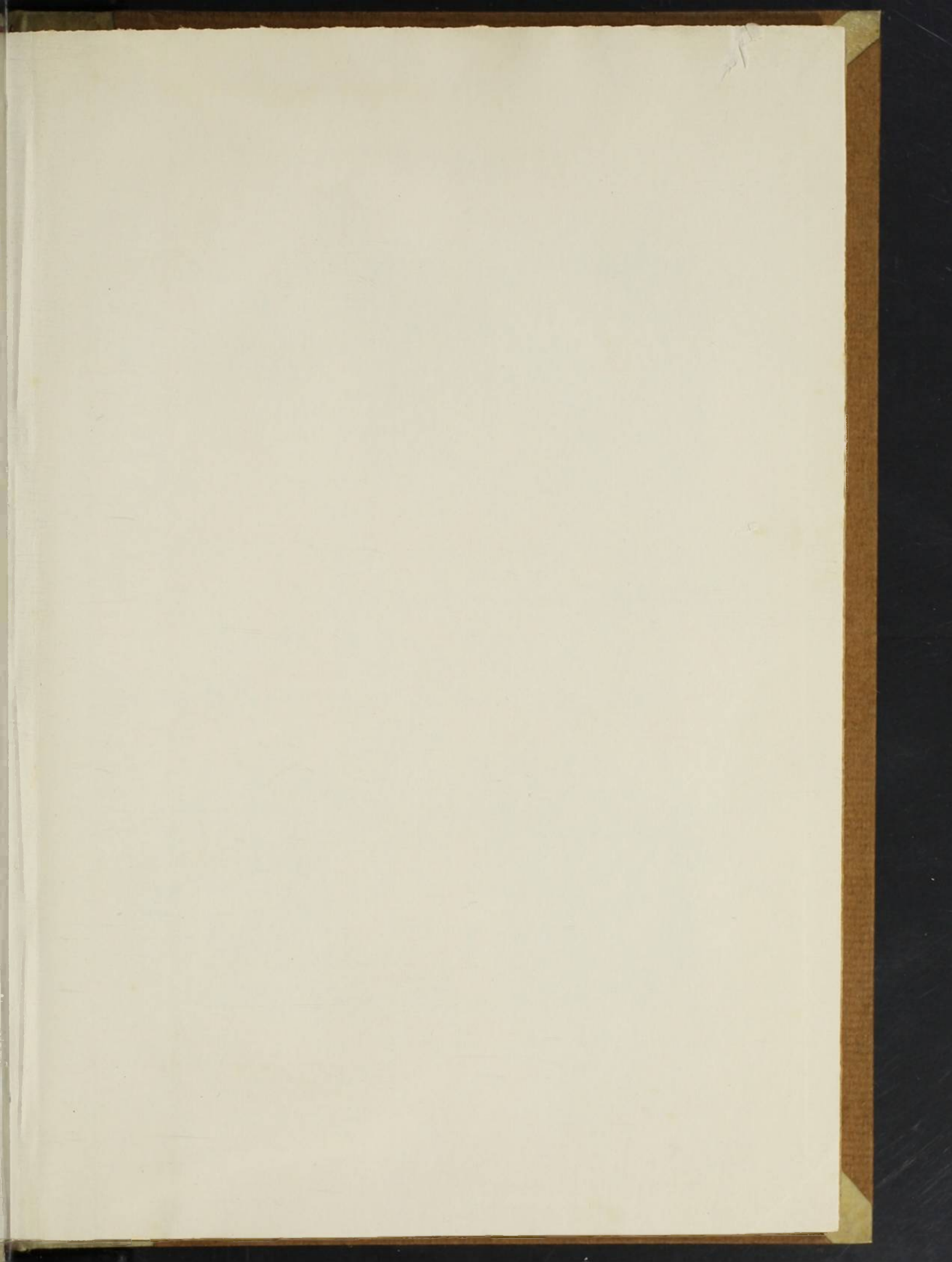
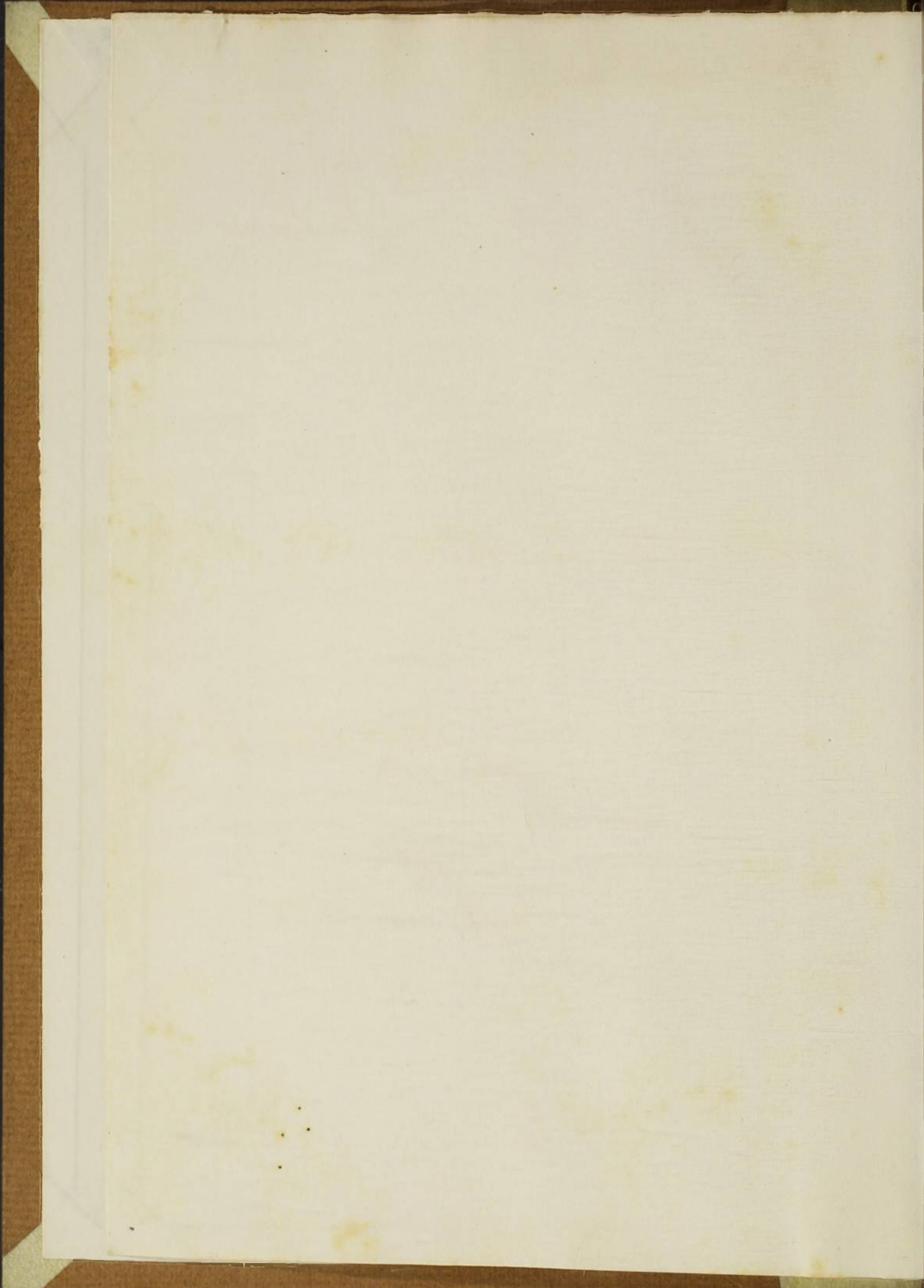


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





B

10

# BIOGRAPHIA

DE

JOÃO SANCHES MONTEIRO  
BAENA,

CONEGO DIACONO DO CABIDO DA CATHE-  
DRAL DA PROVINCIA DO GRAO PARA'

*Escripta*

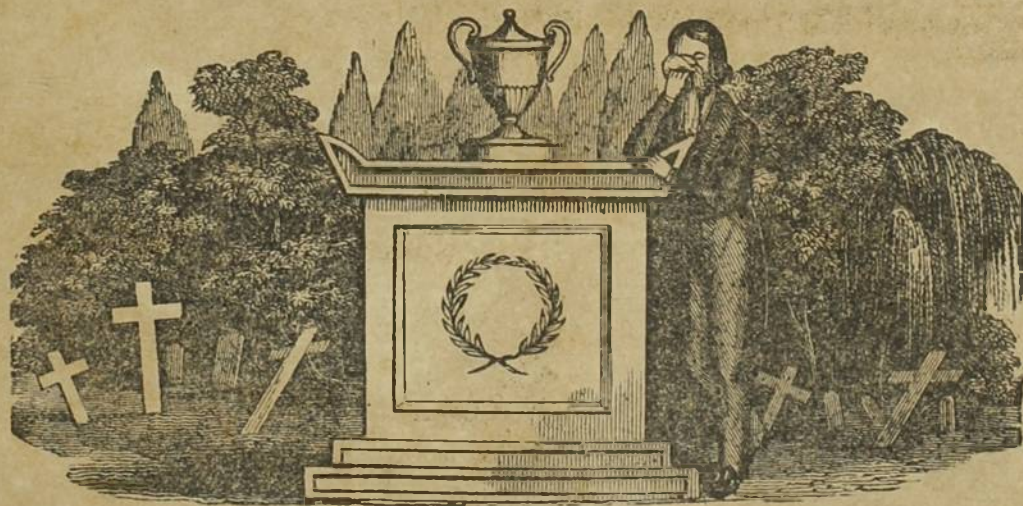
*POR SEU PAI*

ANTONIO LADISLAU MONTEIRO BAENA.

~~~~~

EXPLETUR LACRIMIS, EGERITURQUE DOLOR.  
*Ovidio. Liv. 4. Elegia 3.*

~~~~~



PARA' 1848. — TYPOGRAPHIA. DE SANTOS & FILHOS.

*La mort a des rigueurs à nulle autre pareilles:  
On a beau la prier;  
La cruelle qu'elle est se bouche les oreilles,  
Et nous laisse crier.*

( Malherbe. )

## PRENOTAÇÃO.

Correm acontecimentos não desordinarios e estranhos, que todavia são lastimosos e doridos á medida que a sensibilidade moral supera o vigor da reflexão. Tal he o calamitoso successo de um inopinado corte da morte, que condemnou o meu filho Joaõ Sanches Monteiro Baena a subitaneo tumulo no mais viçoso de seus annos.

Nada ha mais infallivel do que entrar nos umbraes da sòfrega Morte. Ella he uma Lei irrevogavel da Natureza: e comtudo he sempre reprovada e lamentada, porque he um golpe a que não pode, nem sabe resistir a Razaõ. He fenomeno mui ordinario abysmar-se no sepulcro um filho immaturo: he certissimo que o cavallo verde, (\*) em que Saõ Joaõ vio a morte encavalgada, piza reiteradas vezes os annos, que pareciaõ mais seguros, os verdes, a flor da vida. E nem por isso se pode ter a dureza louca de suffocar os ternos sentimentos derivados do nome dulcissimo de filho: do amor ardente provocado pela voz da natureza: dos desvelos empregados na primeira idade: dos sustos e dos cuidados com a mais ligeira sombra de doença: da prudencia cautellosa em derramar na alma as sementes beneficas da virtude: e da sollicitude em prevenir o contagioso-exemplo da estolida malignidade, que indiscreta corrompe a innocencia infantil, e lhe prepara de longe mil pezares.

---

(\*) Diz o texto na versaõ de Tertulliano: *Et equus viridis.*

Alem destes energicos motivos ha outros germanos dos mesmos filhos, que eiles muitas vezes patenteão, como são os dotes da alma, e o peculiar desenvolvimento da razaõ consumada pela sciencia: os quaes annexos aõs indicados sentimentos collocaõ um filho em um lugar bem distincto no coração paterno. A morte fechando no tumulo um filho nestas florentes circumstancias desarraigã do coração um objecto, que nelle possuía a melhor parte, occasiona-lhe um vacuo, que o atribula, magõa, e esmaga taõ insupportavelmente que as mais vigorosas facultades racionaes chegaõ a naõ poderem abraçar lenitivo algum se naõ depois que o tempo assás insigne pela sua edacidade consiga gastar a impressaõ dolorosa, dando lugar á inexplicavel mistura de amor, ternura e tristeza, chamada saudade, cuja suavissima doçura he o que alliviadamente resta aõs que se vêm pungidos e anciados de magoas que os finaõ. Ou tarde, ou cedo paixões fenecem como tudo acaba.

Com taõ infausto lance afflicto me desatei em sinaes de dor tamanha que de angustia um pranto involuntario me banhò a face. Naõ pude concordar tanto mal com a existencia: affundei-me no abysmo da paixãõ: envolvi-me nas sombras de tenaz melancolia, e o que me fez força a surgir um tanto della fõi o cumprir com o officio de Pai com os outros filhos: fõi a minha submissa resignaçãõ na Providencia e o dar á minha familia um traslado de paciencia e moderaçãõ até no sentimento. E tudo isto só pude effeituãr depois que volvido algum tempo resurgio a luz da minha intelligencia em estado de conhecer a razaõ e aceita-la: porquanto somente por meio do entendimento desempedido he que se pode reconhecer que sem-



pre acerba fadiga e desventura caminhaõ associadas á condiçaõ mortal neste mundo horrores todo, bem que envolvido em roupas de flores.

Este filho era o primeiro doce fructo produzido da minha conjugal ternura: era por isso o mais idozinho. E ditosamente nascido com um coração sincero e amigo da virtude com facilidade lhe formei a indole moral, gravando-lhe profundamente pouco a pouco no peito a imagem da rectidaõ, a honra, o zelo da verdade, e o amor da justiça, do bem da Patria, e da humanidade, lei universal, que a todas as leis deve ser anteposta. A sua comprehensãõ clara, o mui avultado engenho que caracterisava o seu espirito, e a sua prodigiosa memoria, abalisaraõ-se muito no proveito do estudo das materias, com que despendia attençãõ. Era isto mais um accrescimo aõ incentivo da minha ternura paterna: a qual muito cuidava de situar este filho na possibilidade de ser o arrimo certo da familia depois que solto o meu espirito da corporal cadeia eu fosse entrar pelos umbraes da gloria para ser recebido na dita sempiterna.

A minha esperança produzio seus fructos: qual dezejei ver o filho meus olhos viraõ. Pasmosamente breve eu tive o gosto de o ver occupar o quarto lugar no Archibanco Diaconal da quadratura do Cabido da Cathedral do Pará, e dar prelecções Filosoficas no Seminario Episcopal, e neste tambem guiar aõ conhecimento da Grammatica Franceza, e aõ mesmo tempo exercer o cargo de Mestre de Ceremonias do Ordinario. Vi-o concionar em duas festas cyclicas religiosas e na Matriz da Trindade, e perorar dous actos litterarios no dito Seminario: e vi-o aureolado com inclitos encomios, que o seu mereci-

mento real soube induzir. Neste periodo da vida de meu filho entendi bem que se devem abrir os passos á ventura: sem si proprio ninguem será ditoso: somente a sorte move os principios.

Da fortuna á desgraça o passo he curto. A toda esta ridente perspectiva o Monstro-Morte pressurosamente correo a sua lugubre cortina, tirando meu filho do ambito da creação: e assim crua encravou na minha querida familia o asperissimo gravame da dor e da perda da bonançosa imagem da ventura, da unica esperanza de um futuro viver sem peso sobre os dons da Sorte dos seus semelhantes aõ menos, quando mais não fosse, identico com o presente na satisfação tanto das necessidades naturaes como das que a ordem social traz necessariamente após si. Eis o sinistro fundamento da minha anxiedade e da enlutada saudade de meu filho, que dos olhos me faz escorregar o pranto, mas não imitar o sentimento do celebre Jesuita Vieira quando nas exequias de Dona Maria de Ataide proferio: " Casos succedem no mundo que parece se descuida Deos do governo delle, e se alguns são á nossa admiração maiores motivos, são os da vida e da morte. Se repararmos bem com attenção quem vive neste mundo, e quem morre, he necessaria muita fé para crer que ha providencia ".

Em meu filho perdi um amigo, um successor no regimen domestico, um concidadão lucroso á Igreja e á sociedade civil. E não tenho sufficiente razão para contristar-me? Quando a dor he ingente não será justa a queixa? Havérá por ventura alguém que me desaprove não poder eu esmerar as forças para domar a magoa? Não. Não se pode conceber tanto desvario. Isso seria injuriar a humanidade: seria querer ser la-

beo da natureza. Como Pai, como homem, e como cidadão, apreciei meo filho: senti ver que falsa Medicina lhe abrisse prematuro triste monumento: e vivo, e vivi-  
rei saudoso delle, e com a turva saudade consolarei o seu pó volvido á terra em quanto este meu cansado corpo fôr dirigido pelo raio eterno da essencia Divinal, que nasce e anda connosco. Resta-me debaixo de uma das tres indicadas qualidades, que he a de Cidadão, considera-lo como ja obrei com o meu fallecido amigo o Senhor Dom Romualdo de Souza Coelho (\*) Bispo respeitavel do Pará, escrevendo a sua Biographia: a qual remetti aõ Instituto Historico e Geografico do Brazil na forma do seu estatuto, e se acha consarcinada no Tomo Terceiro da sua Revista Trimensal pagina 423, e a expensas do Senado Canonical reimpressa na Typografia de Santos e Menores, Rua de Alfama N.

---

(\*) *Em prova da honra e do apreço, com que me tratava este virtuoso e douto Prelado, darei aqui a transcripção das duas cartas, que elle me escreveu depois da leitura do meu Compendio das Eras do Pará, e do meu Ensaio Corografico sobre a mesma Provincia, de cujas obras eu lhe tinha feito o donativo de dous exemplares: ellas são as seguintes.*

*Illm, Snr. Antonio Ladislau Monteiro Baena.*

*A impulsos do vivo prazer, que sinto de poder ainda ler posto que com muito trabalho, a erudita e bellissima obra com que V. S. realça a grandeza e vantajosas circumstancias da nossa Provincia, não posso deixar de agradecer a V. S. a lembrança de honrar-me com um exemplar, que tanto acredita a extensaõ de luzes e ju-*

15 no anno de 1843, a cujo respeito dirigi aõ mesmo Senado uma Carta annotativa datada de 24 de Março do referido anno: tendo eu escripto antes da mencionada Biographia por observar um dos artigos do systema regulamentar do mesmo Instituto e naõ me-

---

*diciosa critica do seu Author, com preferencia no meu conceito aõs que tenho lido de outras Provincias. Entretanto estimo a sua boa saúde e que se lhe continue sempre feliz para se fazer cada vez mais util com alguma nova producção naõ só aõ Pará, mas a todo o Imperio.*

*Deos guarde a V. S. muitos annos. Pará 28 de Junho de 1839.*

*De V. S.*

*Fiel Cativo Amigo e Criado.*

*Romualdo Bispo do Pará.*

*Illm. Sr. Antonio Ladislau Monteiro Baena.*

*Muito agradeço a V. S. o alivio, que me causou na triste situação, em que me acho, a excellente producção da sua penna: o bello Ensaio Corografico com a Statistica fornecem mananciaes puros a um corpo completo da Historia Amazonica, e me inspira a oportunidade de louvar a Deos, que assim anima o seu zelo para empregar tão utilmente os talentos, de que a Natureza o dotou.*

*Com estas ideias lisongeiras parece-me que a Nação Brazileira muito pouco cederá em Litteratura e bom gosto ás do antigo mundo, pelo menos tudo caminha com tanto ardor á perfeição que já o estilo, lingoagem, e energia nada tem que invejar aõs Quinhentistas da Patria-Mãe.*

*Entretanto, estimo a boa saúde de V. S. e que me*

nos por zelo patriótico dous Elogios Historicos de dous Paraenses fallecidos o Vigario Geral do Episcopado José Monteiro de Noronha, escriptor de um Roteiro da Provincia, e o Escrivãõ da Meza Grande da Alfandega do Pará Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, bom poeta, que foraõ colligidos no Tomo Segundo da sobredita Revista pagina 252.

Merecendo precisamente meu filho que eu praticasse com elle o mesmo que usei com aquelles seus conterraneos não me tolheo para isso o pensamento de que outra multicôr palheta deveria servir para traçar o quadro da sua existencia laconica, e de que he suspeito o louvor na propria boca, tocando melhor a estranhos descrever as suas qualidades moraes. Não me estorvou a ponderaçãõ de que era Pai, e de que nesta condiçãõ seriaõ duvidosos os gabos por mim empregados, porque tambem o meu espirito estava seguro de que o meu notorio amor da verdade eliminava esse conceito da mente alheia, e de que ha direito a louvar-se o que he louvavel e de que serviria de apoio plausivel ás minhas asserções do merecimento litterario a Noticia Bibliographica, que addiciono á presente Biographia para se formarem as analyses e juizo critico.

Estava na minha faculdade evitar que as suas composições ( muitas em parallelo da duraçãõ da sua

---

*auxilie com devotas orações para obter da Divina Clemencia uma boa hora.*

*Dcos guarde a V. S. muitos annos. Pará 1 de Julho de 1840.*

*De V. S.*

*Attento Venerador e Criado.  
Romualdo Bispo do Pará.*

vida util ) cahissem na clausura do silencio, no olvido, e jamais se soubesse delle e dellas como convinha á memoria dos Paraenses, que cultiváraõ as lettras. O preclaro Joaõ de Barros, o primeiro dos Historiadores Portuguezes na ordem do merecimento, chamou sepultura aberta aõ descuido, em que se deixa que o tempo com a sua imperiosa alçada soterre os mais respeitaveis monumentos da Litteratura. Eu salvarei a meu filho de que lhe acabe no sepulcro a memoria: tenho para essa honrosa empresa os necessarios monumentos. E certamente a seu respeito naõ me acontecerá o que experimentei quando me propuz a escrever a Biographia de alguns antigos Paraenses, cuja rememoraçaõ escondida em annos só me apresentou uma desclaridade de noticias relativas a cada uma dessas intelligencias eminentes, que se collocáraõ na alta esfera da Litteratura, e que por isso se fizeraõ credoras da justa admiraçaõ dos sabios, que cultivavaõ as sciencias e as artes.

Com extremoso gosto vou resgatar os seus nomes do esquecimento em que jazem commemorando-os nesta Prenotaçaõ como se ella fosse uma marmorea columna rememorativa da superioridade real dos espiritos transcendentos, na qual eu os cinzelasse e em redor delles alongasse festões, e sobre a qual a pezar da vicissitude dos tempos os meus coevos e os vindouros podessem lançar os olhos com regozijo e ufanía proveitosa: ei-los.

Frei Estevaõ Lameira, Religioso de Nossa Senhora das Mercês, Prelado local e Secretario de toda a Congregaçaõ e mui habil na Arte Oratoria: era filho legitimo do Capitaõ Mor do Pará e Cavalleiro Fidalgo da Caza de El Rei Antonio Rodrigues La-

meira da Franca e de sua mulher Dona Cecilia de Mendonça nativa da Capital do Maranhão.

Frei Matheus de Carvalho e Siqueira, filho legitimo do Capitão Mor da Capitania e Praça de São Luiz do Maranhão Matheus de Carvalho e Siqueira e de sua mulher Dona Leonor da Franca natural da Cidade do Pará: era Religioso de Nossa Senhora das Mercês, Pregador, Commissario e Vizitador Geral de toda a Congregação: foi sepultado na Capella Mor da sua Igreja pela grande distincção com que era tratado e respeitado na sua Religião pelas suas louvaveis prendas.

Frei João Evangelista, Provincial do Convento de Nossa Senhora do Carmo e mui distincto pelas suas Pastoraes para o bom governo dos Missionarios Carmelitas e observancia das Actas Geraes. Era filho legitimo do Sargento-Mor João de Betencourt Moniz e de sua mulher Dona Agueda de Mendonça Furtado: este Official Superior foi o açoute dos Indios Tupinambás, Marauanazes e Aruans.

O Padre Jeronimo Ferreira Barreto Bacharel em Canones formado pelo Collegio de Santo Alexandre do Pará, e Filologo atilado: teve um Irmao Conego da Sé da mesma Provincia e tambem Bacharel em Canones chamado José Ferreira Barreto. Foraõ seus Pais Felix Ferreira Barreto, Cavalleiro Fidalgo da Caza Real, e Dona Catharina de Vasconcellos.

O Padre Antonio Manoel Furtado, Bacharel e Lente de Filosofia, e Vigario da Vara na Villa Viçosa de Santa Cruz de Camutá por apresentação do Soberano, e bastante animador da Mocidade para a cultura do entendimento: era filho legitimo do Sargento-Mor de Infantaria Ordenança da Cidade do Pará

Joaõ Furtado de Vasconcellos e de sua mulher e prima Dona Anna de Araujo, os quaes tiveraõ outro filho denominado Alexandre Manoel Furtado, que tambem foi Sacerdote do Habito de São Pedro e Bacharel em Filosofia, e morreo vigariando a Igreja do Espirito Santo do Rio Mojú. O dito Sargento-Mor fenecio de paixãõ motivada de uma calumnia antes de poder mostrar a sua innocencia denegrida por dous Clerigos de pessima conducta, que delatáraõ contra elle dizendo era infiel á Coroa e que meditava meios para entregar a praça a Cayenna, visinha colonia de França. Naõ deixáraõ entãõ alguinas pessoas de ponderar que Deos quiz que fossem dous Ministros da Igreja authores da calumnia para castigo do gravissimo insulto feito pelo mesmo Sargento-Mor havia annos em outro Ministro com uma bofetada.

O Padre Joaõ de Mello Gusmaõ, Conego do Cabido da Cathedral do Pará, que trovejou muitas vezes cheio da sciencia do Pulpito.

O Padre Mestre Frei Pedro Mendes de Araujo, Religioso da Ordem de Nossa Senhora das Mercês e Redempçaõ dos Cativos, homem doutissimo e virtuosissimo: era filho legitimo do Sargento-Mor Manoel de Araujo Pestana e de sua mulher Dona Izabel de Ataide.

O Padre Nicolau Gaspar da Fonseca, Conego da Sé do Pará, Bacharel em Theologia pelo Collegio de Santo Alexandre da mesma Provincia, e mui sabedor da Lingua Gentilica Geral, e que sustentou correspondencia litteraria com homens doutos de Portugal.

O Padre Manoel das Neves, Arcediago (\*) da Ca-

---

( \* ) *Nesta qualidade parochiou em 1763 a Villa*



thedral do Pará, graduado pela Universidade de Coimbra na faculdade dos Sagrados Canones, o qual mui bem representou com doudas fallas numa Assembleia de Ministros Seculares e Ecclesiasticos no Palacio do Governo em fins de Julho de 1772 presidida pelo General Governador Fernando da Costa de Ataíde Teive á cerca de dar posse ou não ao Bispo Dom Frei João Evangelista Pereira por deficiencia da Carta Regia. que acompanhasse as Bullas e a Procuração.

O Padre Custodio Alves Roxo, Bacharel em Canones, Vigario Geral do Episcopado, Deputado da Junta das Missões, e assás erudito das Sciencias Ecclesiasticas.

Frei Pedro de Santo Elizeu, Mestre de Theologia e dedicado inteiramente ás Lettras assim por profissão como por genio, do qual não chegáraõ até nós as suas Orações e Discursos tanto sagrados como profanos.

O Padre Miguel Angelo de Moraes, Doutor em Canones, que escreveo Dissertações sobre quaes foraõ os Canones por que a Igreja Lusitana se regea nos primeiros seculos, e quaes os Ritos que praticára, cujo trabalho jamais vio a luz publica.

O Padre Mestre e Commendador das Mercês Frei João da Veiga, filho legitimo de Joaquim da Veiga Tenorio e de sua mulher Dona Catharina da Silva Franca: foi Orador solido, valente, polido nas expressões, culto nos pensamentos, e destituído de todos os brincos de engenho e de tudo quanto he pueril e affectado. Compoz para uso dos seus Discipulos dous

---

*de Melgaço, da qual tinha sido desviado o Padre Bellingier por escandaloso e por burlesco no Pulpito.*

Compendios, que intitulou Instituições Filosoficas e Prelecções Theologicas, dos quaes nenhum se fez publico pela impressãõ.

E derradeiramente Frei Francisco de Santo Elias, Vigario Provincial do Carmo do Pará, de quem na Corte foraõ applaudidos dous pareceres, que deo em 3 de Outubro e em 8 de Setembro de 1747 á cerca da Representaçãõ do Irmaõ Diogo da Conceiçãõ sobre as Igrejas e Curas, que se deviaõ crear nos Governos do Estado do Brasil para cada uma das Aldeas dos Indios, e sobre ir dous Missionarios de Varatojo volantes para cada um desses Governos; e á cerca da Carta Regia de 21 de Março de 1747, que dispunha naõ se expedisse Tropa de resgate sem que primeiro se ponderasse na Junta das Missões do Estado se era conveniente manda-la, e se no districto a que houvesse de ir se achãõ Indios com as condições, com que a mesma Lei permite o resgate, dando-se conta aõ Soberano do que parecer á Junta na materia.

He meritorio de trazer-se a este lugar um passo deste segundo parecer: elle he o seguinte " Entende se porem esta conveniencia fazendo-se o resgate com justiça como manda a Lei, e naõ para se dar consummo á Fazenda de Sua Magestade, e sãõ tirarem os gastos das Tropas embebedando os Indios infieis e induzindo-os a que prendaõ e amarrem os seus parentes, ajudando-os com Soldados e com Indios convertidos, porque isto naõ he resgate, mas guerra injusta embuçada na capa de resgate, cargo de consciencia, engano da Magestade, descredito da Nação, e provocar a justiça Divina, a vingança, como se vê nos amarradores de peças, em quem tudo vai para traz, e naõ obstante as muitas vendas acabaõ pobre e miseravelmente, porque no Rio

Negro ja se não podem fazer tantos escravos, pois são ha dez annos a esta parte se tem feito treze mil escravos, como consta do Livro do Registo, e de sete mil, que descêraõ, que fazem aõ todo vinte mil almas, não fallando nos que se não sabe, e estaõ estes sertões abrazados pelos Portuguezes desde o principio destas conquistas, os quaes nos recordaõ os devastadores do Oriente pelas suas perolas e rubins, e os oppressores da Africa um tanto agreste, cuja heroicidade não consistia em serem os verdadeiros amigos da humanidade, mas em serem os flagellos da especie humana.”

Todos esses Paraenses do seculo decimo setimo e decimo outavo, que por meio de um feliz cultivo dos seus talentos se constituiraõ os maiores lumes da sciencia no solo, em que vieraõ aõ mundo, e com os mesmos talentos serviraõ a Patria nos empregos, que justamente lhes confiáraõ: todos estes homens de solida virtude, costumes puros, e acreditada probidade, que ennobrecêraõ as Ordens Regulares e o Clero Secular, illuminando os povos com sãs e louvaveis doutrinas asssim nas Aulas como nos Pulpitos e nos Confessionarios, e que por isso tem bastante direito aõ nosso sincero reconhecimento, não fôraõ esquivados do pó da indolencia, o qual com o poder do tempo motivou a escacez de memorias desses inclitos da Litteratura Paraense como lhes competia porque os seus amigos e parentes não forão sollicitos em unir e conservar os monumentos, que nos manifestassem qual foi a actividade da sua applicação aõ estudo dos vastos ramos da Litteratura Portugueza, qual a sua erudição, trabalho e critica, a fim de se conhecer o genio delles, a indole do seculo em que escrevêraõ,

e quanto cada um accrescentou á massa dos conhecimentos scientificos. Porem não obstante a incuria, que condemnou os seus escriptos á obscuridade, em que ficáraõ sepultados, o pouco que achei numa Genealogia, que adiante cito, não será por mim occultado e aferrolhado na forma do antigo gosto: com esse mesmo pouco me julgo habilitado para asseverar que nessas idades mais do que na actual os Prelados e os Generaes Governadores tinhamão aõ seu lado homens cuja mente era cheia de saber e o coração rodeado de virtudes. Erão taes então os factos praticados pela administração civica que não davão a presupor ignorancia crassa ou preversidade habitual; e assim erão elles o indice mais seguro do estado dos conhecimentos e costumes principalmente das pessoas, que compunhão o Governo. E com este meu juizo denoto que não estou enviscado da hodierna mania de engrinaldar o presente, pretendendo augmentar-lhe o credito em prejuizo da reputação do preterito.

Um procedimento semelhante aõ que fica notado á cerca do esquecimento dos antigos Litteratos do Pará houve com os escriptos do Governador e Capitão General da mesma Provincia José da Serra destinados a El Rei Dom João V. : os quaes segundo a voz da tradicção forão queimados por insinuação do seu Confessor, que era Ignaciano: e por esta queima ficámos despojados de um thesouro litterario digno de todo o apreço, em que o dito General teria manifestado excellentes arbitrios ministrados pela sua experiencia e juizo. Igualmente o Brazil teve o desgosto de não ver publicado por meio da estampa o seu primeiro Cadastro Geral trabalhado por Martinho de Mendonça de Pina e Proença, natural da Cidade da Guarda,

porque os seus herdeiros vendêraõ aõs Religiosos de São Francisco da Cidade o manuscripto, que deveria existir na Secretaria de Estado ou no Conselho Ultramarino, de que o author fôra Deputado e depois Bibliothecario da Bibliotheca Real, e Guarda-Mor da Torre do Tombo, desse amplo e opulento deposito de materiaes idoneos a erguer-se um riquissimo e perpetuo monumento á gloria Lusa. Envolvidos nas mesmas trevas jazem ou se perdêraõ muitos Roteiros e Descripções topograficas antigas do interior e das costas das Provincias do Brazil. Alguns papeis deste genero escriptos em dias mais contiguos aõs nossos haõ tido igual destino: só da terra do Pará ví na Secretaria respectiva quatro Descripções topograficas e seis Roteiros, que se fizeraõ até o anno de 1793, e nenhum hoje apparece: o que se teria evitado por meio da devida boa custodia ou por meio da notoriedade da imprensa.

Os nomes daquelles Paraenses abundantes de riquezas intellectuaes hoje mesmo naõ se veriaõ sacados do alto descuido, em que até aqui estiveraõ immersos, se o desejo, que me anima de os ver reluzir entre essa escuridaõ, e de os honrar e perpetuar sua memoria, naõ me levasse a empunhar a penna preservando-os aqui do pelago do esquecimento, a que o destino os tinha condemnado. Eu os achei enucleados em um Livro de Genealogia escripto em parte com letra dourada e floreteada, e as paginas tarjadas com particular imaginativa de algum curioso ornatista, que o Mestre de Campo de Cavallaria do Terço Auxiliar da Praça de São José de Macapá, Pedro de Siqueira e Queirós, mandou organizar pelo Reverendo Doutor Manoel Teixeira de Queirós e Vasconcellos, e deo

no dia 28 de Maio de 1770 a sua Prima e Consorte Dona Angela Francisca Arcangela de Moraes Aguiar e Castro, esta e aquelle Mestre de Campo Bisavós maternos dos meus filhos. Em cuja Genealogia vi os sobreditos nomes toldados de tão acanhada especificação que não me consentia urdir os seus elogios quanto podêsse em estilo energico, vivo, igual e cheio de espirito filosofico, que patenteasse a gloria propria delles e sobeja para os fazer eternamente respeitados: e achei noticias, que não me soube ministrar o Conego José Manoel de Sá Moraes hoje fallecido, a quem investiguei quando intentava a composição do Elogio Historico do supramencionado Vigario Geral José Monteiro de Noronha, seu coetaneo no serviço da Cathedral.

He verosimil que o Pará nessas eras preteritas numerasse maior quantia de sapientes do que aquella que acima narrei: porque então os Conventos do Carmo, das Mercês, de Santo Antonio, e o Collegio de Santo Alexandre do Instituto de Santo Ignacio de Loyola, memoraveis pelo grande numero de varões de assignalada litteratura, que nelles florecião, tratavaõ de ser como estabelecimentos litterarios dedicados ao ensino e adiantamento das sciencias. A sua entrada estava franqueada á mocidade secular por bons Ecclesiasticos, versadissimos nas antiguidades Gregas e Romanas, ataviados de virtudes e de sciencia. Nisto de certo foraõ grandes homens: elles entendêraõ bem que a nossa alma obra em razãõ do que existe enriquecida: e por isso aperfeiçoavaõ as qualidades do seu espirito, e conheciaõ que a ignorancia he a raiz infecta de todos os crimes, e que a felicidade publica e domestica tem por solido fundamento a instrucção bem

regulada, a qual sendo applicada a dar manuducção recta ás faculdades mraes, de que somos dotados, cria e fortifica e perpetúa os sentimentos virtuosos.

Ora se eu não me poupei a escrever a Biographia dos tres Paraenses acima apontados, de cuja vida eu tinha bastante conhecimento: e se nesse trabalho não prodigalizei extremos louvores: e se ninguem ainda ouzou tachar-me de hyperbolico ou de ter a propriedade optica do microscopio, que engrandece os tenues corpos e os olhinhos do insecto zunidor, como deixaria eu de proceder da mesma sorte com o meu filho, o qual se nas virtudes e na doutrina que o alumiaua não os sobrepujou, emparelhou sem duvida com todos elles, que muito se discrimináraõ daquelles que prezumem que tudo quanto vai alem do seu saber são cousas absolutamente inuteis, dessas almas vulgares, dessas indoles escravas, que rastejão por antiga senda, e não sabem abrir caminho intacto, mas que são mui cuidadosos de perfumarem-se no seu incenso. Não se deve esperar de mim na presente Biographia se não que eu me conduzisse pela linha daquella mesma verdade, que sempre tem endereçado a minha penna em todas as producções do meu espirito. Tenho bem em vista que a inveja detractora e pestifera, enxovalha e persegue as cinzas: e eu quero contrabate-la fornecendo aõs Litteratos cordatos alguns monumentos do meu filho, que fação honra á verdade, e á historia da cultura do espirito, e aõs que a ella guia um vivo ardor de saber.

Memoria perduravel, fama eterna gosão as producções dos talentos superiores por meio da tradicção escripta: seu nomes assim se estendem e luzem pelos seculos vindouros, não consentindo imperio aõs estra-

gos do tempo, ás leis da morte: ninguem pode negar-lhes a admiração, seu jus, seu premio dos trabalhos e merecimentos, que os affamárao. Porem a espalda deste quadro he quinhão dos mesmos talentos se os seus escriptos não são tomados no vehiculo do prelo para fazer entrar pelo seio dos Vindouros as virtudes e acções, por que elles se fizerao dignos de tão alto favor, ou não são conhecidos por alheias escripturas. Que erguidos nomes de Ingenhos de dicção disertá não tem sorvido o esquecimento? Meu filho, e os seus patricios, que o precedêrao no estadio dos objectos scientificos teriao a mesma tenebrosidade de nome se eu pretermittisse a composição desta Biographia. A Sorte alue, abate o que o homem construe, derruba os palacios e prostra os bronzes: a historia dos trabalhos literarios mais estavel que os marmores de Phidias e que as cores de Apelles doma os fados e faz sempre viver os nomes daquelles, que procurárao sinceramente ser uteis á sua Patria.

Tendo na mente este mesmo sentir o Pregoeiro eterno da gloria Portugueza exprimio na Est. 100 do Canto V.

Porque o fraterno amor e puro gosto  
De dar a todo o Lusitano feito  
Seu louvor, he somente o presupposto  
Das Tagides gentis e seu respeito.





Si quis est sensus defunctis, sit tibi gratum  
Postremum hoc mæsti funeris officium.  
Tu lugere vetas, quoniam tua fama superstes  
Orbi te illustrem conspicumque refert.  
( *I. Gallandi.* )

Chaque jour est un bien que du Ciel je reçois;  
Je jouis aujourd'hui de celui qu' il me donne:  
Il n' appartient pas plus aux jeunes gens qu' à moi,  
Et celui de demain n' appartient à personne.

Estes quatro versos foraõ feitos por Mr. de Maucroix,  
Conego da Diecese de Reims, na idade de oitenta  
aunos.



# BIOGRAPHIA

DE

JOAÕ SANCHES MONTEIRO BAENA.

---

Em perennal memoria teu nome em  
mim se escute, em mim se veja como  
mereces.

( Do Biographo. )

JOAÕ SANCHES MONTEIRO BAENA foi dado ao Mundo no dia 16 de Novembro de 1824: e recebeu a graça baptismal no dia 29 de Janeiro de 1825 na Freguezia da Cathedral do Pará das mãos do Conego Primicerio desta Santa Igreja Episcopal Joaquim Pedro de Moraes e Betencourt, (\*) com quem o renato nas

---

(\*) *Progenie do Capitão-Mor João de Moraes, Morgado de Crapajó, de quem o Bispo do Pará Dom Frei João de São José e Queiroz na sua Viagem e Visita do sertão do seu Bispado começada em o dia 10 de Novembro de 1762 e terminada no dia 5 de Maio de 1763 disse que era catholico e pio cavalheiro: que a sua consorte era pia, prudente e estimavel matrona, cercada de oito filhas e modestissimas damas: que tinha no seu engenho casas magnificas e adornadas ao estilo de Corte com cadeiras de veludo, cortinas de damasco, papeleiras, commodas, e cantoneiras com serviço de baixella e porcellana e tudo com grande accio: que a familia era excellentemente educada e tão numerosa que só de mulheres brancas excedia de quarenta:*

santas enchentes do Baptismo era ligado por estreitos vinculos de consanguinidade. Serviraõ-lhe de Padri-nhos no Sacramento o Tenente Coronel da Segunda Linha do Exercito e actualmente Coronel e Commen-dador da Ordem de Christo e Consul da Nação Por-tugueza Fernando José da Silva, e Dona Joanna Mi-caella de Siqueira e Queirós, sua Avó: e seus Pais em legitimo matrimonio foraõ o Major Commandante do Corpo de Artilheria de Primeira Linha e Lente das Sciencias Militares na Aula do mesmo Corpo e hoje Tenente Coronel reformado Antonio Ladislau Montei-ro Baena e Dona Maria Bruna de Siqueira e Queirós.

A Natureza o dotou de genio cubiçoso de cultivar as Lettras, de excelsitude de concepções, e de talento proprio da instrucção proveitosa: e aõ mesmo tempo o illustrou pelo nascimento fazendo-o descender de duas linhagens paterna e materna antigas e bem conheci-das pelas distincções arbitrarías a que a ordem so-

---

*que entre Indias, Negras, escravos e meninos passava de duzentas pessoas: e que se lembrára dos conventos re-coletos da Mai de Deos, Sacramento e Conceição da Luz em Portugal quando ouviu cantar a coros com muita de-voção e harmonia uma Ladainha dentro da Capella do dito engenho. Foi este Capitaõ-Mor o unico da Villa de Camutá que mereceo taõ honrosa menção aõ dito Bis-po, porque elle a respeito da mesma Villa deixou aõs vin-douros a ideia seguinte: " Ella se chama hoje Villa Viçosa: se lhe chamassem Villa Viciosa não era testemu-nho nem improprio o nome. Ella he hum theatro de in-trigas, de mortes, de aleivosias, dando mais cuidado aõs que governaõ que oitenta ou noventa povoações de todo o Estado. "*

cial as tinha elevado. Porem não he na baze de seus maiores que se deve pôr o seu merito: não he pelo vaõ esplendor da quimerica nobreza herdada, desse idolo imaginario que elle deve ser apreciado, sim pela generosidade, pelos bons movimentos da alma, pelo melindre de proceder, e pelos talentos uteis, a quem só he devida toda a veneraçãõ. Os titulos unicos, em que se funda o legitimo direito dos singelos e imparciaes elogios consistem nos progressos, que os homens fazem nas Sciencias e nas Artes. A sciencia apura e mais realça a humana essencia.

A carreira das armas, que seu Pai seguia desde 1801, não foi aquella para a qual elle pretendia habilita-lo após da sua mais tenra mocidade. Não quiz que este filho experimentasse na profissãõ militar o ver o seu nome posto nos fastos indeleveis da Ingratidaõ como aconteeo a seu Pai, o qual por escolha propria se tinha dedicado a ella, e sem aprazimento inteiro de sua Mãe Dona Maria do Resgate Monteiro Leite Pacheco, que Viuva desde a meia-infancia deste filho providenciava quanto era necessario para a sua educaçãõ como os deveres da honra e da natureza pediaõ. Arredou-se de consentir que abraçasse uma vida, em que o seu pessoal se compunha pela mór parte do refugo da Naçãõ, e em que a desdoutrina não servia de empecilho para subir aõs postos maiores do Exercito, e presentemente reduzida á condiçãõ mais lumilde e desprezivel. Os nunca interruptos factos contraditorios da honra attribuida aõs professos na Arte da Guerra provaõ assás que apezar dos progressos da razão humana e das luzes que esclarecem os homens mais capazes de contribuir para o aperfeiçoamento da ordem social jamais os Militares conseguem completamente a consideraçãõ proclamada, an-

tes achão Governos que na infamia e na injustiça são comparaveis com a ingrata Grecia: e he taõ improba a sua estrella que mesmo entre elles se vê identica desconsideração vivendo em notavel antinomia, mais ou menos sem disfarce, nem dissimulaçãõ.

Do que tratou seu Pai foi consultar as disposições do espirito deste filho, dirigindo-o primeiro a adquirir os conhecimentos precisos para o perfeito desenpenho de seus deveres, para a inteira fruição de seus direitos, para o uso mais conveniente de seus talentos, e para o mais prudente maneiõ de seus haveres e propriedades.

Nelle naõ só se vio brotar quasi desde a infancia disposições vantajosas para a pratica do bem e para o conhecimento da verdade, mas tambem se vio essas mesmas disposições perfeitamente aproveitadas logo na primeira flor da mocidade, e sem nunca terem indicado a menor declividade para admittir os paradoxos dos Filósofos embelecadores, porque devia mais á natureza do que era preciso para rejeita-los com o seu reflectido exame, e para mostrar-se notavelmente diverso de tantos Mancebos, que se embellezãõ nessas composições ardentes trajadas de eloquencia e estranhas aõ juizo exacto. A carencia de analyse fria no Padre Antonio Pereira de Souza Caldas, Brasileiro de genio extraordinario tanto na sua força como na sua vastidãõ e excellente na piedade e virtudes Christãs, quando na idade de 21 annos e antes da sua mudança de estado aõ ler o discurso de Joaõ Jaques Rousseau sobre a origem da desigualdade entre os homens deo lugar a que elle compozesse uma Ode Pindarica *aõ homem da estúpida bruteza*, em cuja ode ampliou contra as vantagens da vida social o paradoxo daquelle filosofo disparatado, em cuja mente o fogo quasi sempre predominava a razaõ, da qual só as

cores lhe serviaõ para vestir as suas entonadas opiniões. Para estes philosophos, que desdenhaõ da organisação das sociedades civis edificai cabanas entre os Iroquezes, Finlandianos, Tartaros errantes, Mouros, e vereis se elles elogiaõ a sua sorte.

Todas as soberanas qualidades moraes de Joaõ San-ches Monteiro Baena foraõ subsidiadas pela escolha de Preceptores, que associavaõ á sciencia do assumpto da respectiva Cadeira a boa morigeração, gravidade e sisudeza de character. Tudo bebe com o leite a branda idade, e tudo entaõ aprende facilmente se tem Pedagogo ou Mentor prudente e que conheça as boas oppor-tunidades dos tempos e das cousas, e que saiba infiltrar com muito tento um licor suave e brando.

As doutrinas, que constituem o objecto das escolas de instrucção publica primordial, foraõ-lhe expostas por Francisco Rodrigues Valente do Couto, que naõ era provido em logar algum de Mestre nas Escolas pertencentes ao Estado, mas que se occupava no ensino voluntario e particular de Calligraphia pelo unico titulo de ser livre a todo o homem o exercicio innocente dos seus talentos. Elle commeçou a instrucção deste seu discipulo no anno de 1832: e muitas vezes se vio necessitado a sobresaltar o seu emprego pelas intestinas turbulencias encadeadas desde o dito anno até o de 1835 como sequella natural das primeiras convulsões populares. A este apto Mestre, que falleceo na Villa de Camutá, onde resguardou-se com numerosas pessoas da ultima revolta no dito anno de 1835, succedeo no ensino em 1837 o Carmelita Frei Elias Xavier da Transfiguração, o qual sendo entaõ Coadjutor do Vigario da Freguezia de Santa Anna do Bairro da Campina, Conego Honorario e Vigario Geral do Bispado Francis-

co de Pinho de Castilho, se acha hoje collado em uma Conesia Subdiaconal da Cathedral do Pará e Reitor do Seminario Episcopal. Ambos estes Mestres, que lhe espreitárao bem as inclinações, especializavao honrosamente em suas informações oraes que este seu Discipulo se distinguia pela mansuetude e amabilidade da sua condição, e pela sua feliz comprehensão, e que por si se continha sempre nos deveres da puericia: nem ainda por brinco commettia cousa alem do honesto, era mui commedido em todas as suas fallas, e nunca se lhe via o menor resquicio de maldade.

No anno de 1838 passou a estudar Grammatica Latina no Convento de Santo Antonio dos Capuchos com o Padre Mestre Frei Antonio de Santa Tereza: o qual não só lhe deo a perceber os principios particulares da Grammatica da Lingoa da antiga Senhora do Mundo, e mostrou a sua correspondencia com a pura lingoagem Lusa, mas deo a conhecer a Litteratura das duas Nações e o quanto o Lacio orna o Sceptro das Sciencias. O mesmo Religioso sobremaneira agradado da presteza com que o engenho do Alumno soube conquistar a intelligencia dos escriptores Latinos deliberou-se a produzir-lhe tambem preceitos de Filosofia e das duas Artes de escrever e de pensar e de raciocinar chamadas Rhetorica e Logica em horas diversas das dos Cur-santes da Latinidade. Com este grato empenho corou este venerando anciao o seu trabalho de leccionar, porque uma enfermidade interna lhe tolheo consummar a disciplina com as prelecções Filosoficas, e cooperar effectivamente para a doutrina de tantos Mancebos, que o escutavao na sua escola, em summa empregar as não vulgares qualidades, que constituem o dom caracteristico de um grande Professor como elle era. Em



Junho de 1841 foi descançar no seio da Eternidade das terrenas fadigas, e receber das mãos do summo Deos, que por segundas causas obra no mundo e tudo manda, aquella recompensa que por seu zelo e mais virtudes religiosas e civis havia procurado merecer.

Este funesto succedimento occasionou a escolha de ouvir sem ser alistado por Alumno as lições de Filosofia de José de Napoles Tello de Menezes, e de Grammatica Franceza do Doutor em Leis Joaõ Lourenço Paes de Souza, empregados na qualidade de Mestres dos ditos ramos da instrucção publica no Liceo ou Escolas do terceiro grão, que por seu destino devem abranger todos os conhecimentos scientificos aptos para servir de introducção aõ estudo profundo das Sciencias, e de todo o genero de erudição.

Nesse mesmo tempo declarou-se propenso aõ serviço da Cathedral appetecendo o emprego de Capellaõ Acolito. Supposto que seu Pai zeloso do bem dos seus filhos naõ os sujeitasse desde os primeiros annos a uma educaçãõ parcial e sempre endereçada a um objecto unico, e observasse as disposições do espirito delles e o seu nativo pendor: e supposto que lhe parecia que as deste filho naõ o guiavaõ a uma resoluçãõ precipitada, e igualmente achando opposto aos dictames da razão alumuada pelo estudo profundo do homem e dos seus direitos primitivos desvia-lo do caminho, que mais naturalmente devia dirigi-lo á felicidade, todavia absteve-se de pronunciar nesse momento approvaçãõ ou rejeiçãõ, e para que o seu espirito cessasse de ondear entre pensamentos antinomicos tendo um principio seguro para a sua decisaõ consultou um amigo respeitavel pela sua rectidaõ de sentimentos e pureza de costumes o Arcediago do Ca-

bido da Cathedral Manoel Evaristo de Brito Mendes, communicando-lhe a vontade do filho, e que não querendo priva-lo da parte que todo o ser racional deve ter na eleição do seu individual destino temia passar pelo desgosto de ver desaproveitar no exercicio diurnal de Capellaõ Acolito o tempo da sua applicação intellectual, e destruir nelle as abundantes sementes do amor da sabedoria, que ja começavão a germinar no seu espirito com extraordinario vigor. Respondeo o mesmo Arcediago que sem duvida a recitação das rezas do Breviario de manhã e de tarde não combinava com a cultura das lettras, mas que para de algum modo contentar a pretensão e aõ mesmo tempo verificar se ella era uma simples velleidade ou uma vocação decretoria se pedisse aõ Veneravel Bispo uma Provisão de Capellaõ Acolito Supranumerario, porque nesta qualidade só era obrigado aõs exercicios Clericaes na Estante e na Psalmodia aõs Domingos e Dias Santos, e desta arte ficava todo o mais tempo idoneo para o seu genio applicado e habito de estudar.

Aceitado este arbitrio tão cordato começou as funcções de Capellaõ Acolito Supranumerario por Provisão passada aõs 12 de Março de 1841, desempenhando-as sempre com tal dignidade e sisuda reflexão que mereceo tanta estima dos Prebendados, que o tratavão como se fosse seu adjuncto na mesma cathegoria.

Servindo na Cathedral por este theor distincto fazia simultaneo estudo methodico de Filosofia e de Lingoa Franceza. Nesse estudo patenteou-se notavelmente benemerito pela sua conducta moral e pelo rapido desenvolvimento, a que o levou a sêde doutrinal. As expressões de grande applicação, assiduidade, intelligencia progressiva, e optimo comportamento no interior

e exterior da Aula, erão unissonas na boca de todos os seus Preceptores, os quaes para conceberem delle as mais vantajosas esperanças achavão o fundamento nas decisivas provas da sua memoria indefectivel, da sua não vulgar habilidade para o cultivo das Lettras, e da preeminencia dos seus talentos.

No anno de 1843 depois que seu Pai volvera da Inspeção Militar, Topografica, e Economico-Politica, que de ordem do Governo fizera na Villa e Fortaleza de Santo Antonio de Gurupá, na Villa e Aningal de Mazagão, e na Villa e Vallas e Praça de São José de Macapá, rogou permissão de estudar na Academia de Medicina e Cirurgia da Bahia; e sem custo a obteve de seu Pai, que sempre inclinou ouvidos a seus rogos para empregar-se pelas Lettras. Começou esta viagem no dia 18 de Novembro de 1843, e ultimou-a no dia 3 de Dezembro contiguo. Como carecesse da doutrina de Geometria para a integridade dos estudos preliminares indispensaveis da faculdade Medica a fim de ser lavrado o seu nome na respectiva Matricula cuidou em continenti de assumir lições naquella parte dos principios elementares das Mathematicas puras de Galvão Lente de Geometria no Liceo, que as abriu no dia 9 de Dezembro do mesmo anno, servindo de texto ás explicações do magisterio o Livro elementar de Le Gendre.

Em meiado de Janeiro de 1844 vio-se aggravado de irrupções nervosas e de pulsações cordiaes, que parecia tender a priva-lo do anhelito. Experimentou convalescença depois do uso de sangria e de pilulas ferreas prescripto por Gesteira, Medico de Profissão e Lente de uma das Cadeiras, de que consta a Academia segundo a sua distribuição legal. As irrupções

nervosas manifestáraõ transito para intervalladas e menos energicas, sendo julgadas provenientes do abatimento corporal, e não das pulsações cordiaes, porque essas tinham mingoado consideravelmente. Em Março cumprio o conselho de tomar banhos maritimos na Gamboa: e no mez subsequente observou que as pulsações cordiaes estavam attenuadas, e nos derradeiros dias de Março vio-se quasi guarecido e apto para proseguir o estudo de Geometria. Desfortunosamente erão mostras falsas de melhora, pois as pulsações ainda em Junho não estavam completamente prostradas, e o systema nervoso padecia inquietações periodicas. A esta molestia os Clinicos davão o nome de Aneurisma: e della apparecião naquella Cidade varios individuos salteados: um delles era o Medico Salustiano Ferreira Souto, o qual repulsando a Therapeutica de palliativos e tratamento severo e dieta, raiz de frouxidão, determinou se a ir buscar na França algum meio prophylactico ou a instauração do estado ingenito da economia animal.

Tendo reluctado por algum tempo ao pensamento de regressar ao chão patrio, que lhe nascia da consideração do que padecia, e de que estava motivando a seu Pai um dispendio maximo e conjuntamente esteril pelo empeço de estudar, e de que não podia animar-se da prudente esperança de instaurar a sua saúde segundo se via induzido pela noticia de exemplos funestos de errados medicamentos na mesma molestia, descativou-se de toda a perplexidade decidindo-se a abandonar para sempre a recepção do ensino das Sciencias que tem por objecto theorico a conservação e o restabelecimento da saúde dos homens, e por pratica muitas vezes a duração dos males que devoraõ a tris-

te humanidade, e a operar sem detença a sua tornada aõ lar paterno. No dia 8 de Julho de 1844 caminhou para o Pará no mesmo Vapor Imperatriz, que o transportara para aquella Cidade metropolitana da Provincia da Bahia: na qual deixou lastimados da sua sorte todos quantos por sua urbanidade lhe fornecêrão occasiões, em que teve a fortuna de communica-los, e lhe rendêrão bastantes testemunhos de singular estima, que tinham pela sua pessoa, e do conceito que formáraõ da sua eximia educação, da sua honrosa conducta, das suas prestantes qualidades, e do seu talento assás patente.

Como não tinha despedido aviso desta sua resolução por ella ser tomada no mesmo dia em que afer-rara o porto o sobredito Vapor vindo do Rio de Janeiro para as Provincias Septentrionaes appareceo inopinado aõs 23 de Julho de 1844 no gremio da Familia causando-lhe a um tempo prazer com o seu regresso, e magoa com a exposição dos afflictivos phenomenos que em si observava desde que a Medicina exercêra nelle o seu poder assustador reconhecendo por experiencia propria a certeza do dito de Santo Agostinho: " Quantas são as medicinas, tantos são os tormentos ". O deterioramento da sua saúde exigia prompta attenção na cura: e a sua constituição naturalmente debil e delicada obrigava a viver com cauteloso regimen, e abster-se absolutamente de todos os alimentos, que não fossem muito saudaveis, e preparados sem adubos.

O uso do banho fluvial, e de nutrimento adequado, e do ferro infuso em bom vinho para beber em tempo assinado teve a possibilidade de executar a recuperação da saúde. Tambem concorreo effectuosamen-

te para tanto a residencia de quatro mezes na Villa de Camutá, aonde a Familia tinha hido em Maio de 1845 para assistir aõ baptismo de uma filha do Juiz de Direito daquella Comarca o Doutor Joaquim Rodrigues de Souza, e neta do Cabeça da mesma familia. Foi então que elle manifestou a seu Pai que no caso de achar-se como se achava arredado da aba do precipicio, a que o conduzirão, se dedicaria ao Ministerio da Igreja, e celebraria a sua Missa nova na Festa anniversaria de Nossa Senhora de Nazareth, a quem fizera o voto de assim praticar.

Esta manifestação feita no mez adjacente daquelle, em que se descerrão as Aulas do Seminario Episcopal, onde devia aprender Theologia Moral, apressurou a descontinuação daquella estada. Seu Pai o apresentou nos primeiros dias de Outubro de 1845 perante o Reverendo Bispo o Senhor Dom José Affonso de Moraes Torres; e deo-lhe noticia da sua immovel dedicação aõ sagrado ministerio do Sacerdocio, e igualmente a segurança de que não precisava recommendalo, porque estava convencido de que elle nada mais desejava do que empregar dignamente todo o Ministro do culto da Religiaõ, que pelo seu saber da Litteratura Sagrada tivesse adquirido reputação bem merecida.

No dia 5 de Outubro do anno acima relatado enctou o estudo Theologico na Aula destinada para o respectivo ensino, e posta a cargo do Conego Luiz Barroso de Bastos, o qual dava completas noções com a mais seria attenção, expondo-as clara e methodicamente. Na perspicacia deste Lente em distinguir às diversas qualidades e talentos, que caracterizavão o espirito de cada um dos seus Discipulos, a viveza de entendimento e a subtileza de engenho de João San-

ches Monteiro Baena motivou um conceito tão superior que o moveo a trata-lo abertamente com distincção e applauso, e a travar entre ambos uma estreita amisade, e a encarrega-lo com frequencia de o substituir nas funcções do Magisterio.

Estas substituições magistraes no curso de ensino apezar do seu desempenho justificar claramente quão acertada havia sido a designação accendêraõ a inveja de alguns Alumnos. Elles as submettêrão ás suas invectivas, attribuindo-lhes a origem na affeição deslumbrada do Lente, e não no sobrepujante merecimento, que elles todavia não ousavão contestar. Bem podia neste caso o mesmo Cathedratico recordar-se das expressões seguintes: " Quando houver outros, que com iguaes titulos aspirem á mesma honra, tambem lha concederemos " As quaes formáraõ a resposta, com que Mr. Camus, Socio da Academia das Sciencias de Paris, sopeou a opposição de alguns Academicos á sua proposta de dar-se a Mr. d'Alembert o lugar de Pensionista supranumerario. A' vista pois do seu desenvolvimento em fazer interessante a sua disciplina accidentaria com os fructos da mais assidua applicação litteraria e da mais sisuda reflexão filosofica cessáraõ as invectivas alçadas contra quem as confundia com a sua conducta sempre regular e sempre nobre.

Nada disto era ignoto aõ preclarissimo Bispo, o qual achando que devia dar á Igreja um homem sufficiente chamou-o de seu motu proprio, e o iniciou em Ordens no dia 20 de Dezembro de 1845, e determinou que se habilitasse na Camara Ecclesiastica de Geneve, Vita et Moribus e Patrimonio, tendo elle apenas dous mezes de escola de Theologia. Aõs 13 de Abril de 1846 o admittio á Ordem de Subdiacono na

Villa de Camutá, onde o Prelado se achava de Vi-  
sita, o qual o convocára para essa admissãõ.

Terminado o estudo da Theologia por um modo digno da expectaçãõ do seu Mestre; por este foi designado com outro Alumno o Diacono Francisco Antonio Pantoja para apadrinhar Theses e insinuado para formalisar e proferir na conclusãõ desse acto um Discurso analogo aõ assumpto da Escola. Executou-se o certame theologico no dia 17 de Agosto de 1846: e a brilhante ostentaçãõ, que fez na leitura de um Discurso sobre a necessidade do estudo da Moral, e na defensãõ das Theses, em que não se circunscrevia em responder por si, mas ainda acudia aõ seu collega no prelio quando este por timidez ingenita parecia não ter forças para rechaçar as objecções, deo-lhe avultada reputaçãõ litteraria. Elle manifestou a transcendencia dos seus conhecimentos de um modo; que só podia ser posto em duvida por aquelles que o conceituavãõ rutilar com luz alheia, não podendo conceber que em tão jovens annos coubesse tanta erudiçãõ quanta indicava o mencionado Discurso.

Esses que assim ajuizavãõ quão pouco sabiãõ de qual tem sido em todos os tempos a marcha do espirito humano no seu successivo desenvolvimento, e quantos exemplos de homens privilegiados a sociedade humana tem apontado, sobre os quaes não ha poder que os embruteça. Certamente não resvalariãõ no desar de uma tal avaliaçãõ se tivessem noticia por exemplo de que um Dom Thomaz Caetano de Bem da Congregaçãõ Theatina ( \* ) em Portugal contava apenas a idade de 21 annos quando deo á luz o seu

---

(\*) Nella celebravãõ-se com toda a solemnidade ses-



Elogio de Dom Francisco de Almeida Mascarenhas, Principal da Santa Igreja Patriarchal de Lisboa, e o seu Poema Latino intitulado Castreidos, em que celebra a gloriosa victoria, com que Dom João de Castro Quarto Vice-Rei da India obrigou os Generaes de El Rei de Cambaia a levantar o sitio da Praça de Dio, poema de nenhuma sorte inferior ás melhores producções poeticas da maior parte dos humanistas Latinos do ultimo occidente da Peninsula hispanica: e tambem de um Pascoal José de Mello, que na idade de doze annos tinha concluido os estudos previos das Faculdades maiores, e na de dezenove estava graduado Doutor em Leis com geral satisfação da Universidade de Coimbra. O desenvolvimento das faculdades intellectuaes não tem norma invariavel: não he o mesmo em todos os entes racionaes, e por isso se vê uns darem logo na primeira flor da mocidade sinaes evidentes da força que a sua alma tem, isto he, da facilidade e promptidão com que o entendimento ganha lustre e vigor, e outros rudes na sua primeira mocidade e depois passarem a dar provas de intelligencia e perspicacia.

Ora que muito era ver-se em João Sanches Monteiro Baena identico fenomeno se elle devia á natureza os sublimes dotes acima substanciados; se nunca congraçando-se com o ocio na meditação dos assumptos scientificos e procurando sinceramente com a luz do seu engenho ser util á sua Patria estava na conjunctura de dizer com Salomão *que aprendia a sciencia*

---

*sões academicas, onde se davaõ premios de sciencia e de eloquencia, e onde El Rei Dom João V. desde 1713 costumava assistir regularmente.*

*sem ficção e a communicava sem inveja.*

A Sociedade Filomatica Paraense de recente fundação naquelle tempo vendo que existia um homem com quem podia honrar-se e a quem devia honrar por gloria propria escreveo-lhe por intermedio do seu Presidente o Medico Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães no dia 22 de Agosto de 1846 uma Carta, em que lhe participava a eleição, que nelle se fez para socio effectivo, e lhe remettia a sua Carta Patente por ella chamada diploma, e os Estatutos da mesma Sociedade. No dia subsequente a Carta Patente e os Estatutos tornáraõ á sua fonte no encerro de uma Carta reversal explicita da incompatibilidade de corresponder á distincção, que lhe demonstrava aquella associação em desejar recebe-lo no seu seio. Mas aõs seus amigos, que nisso lhe fallavaõ, dizia que bem divisava a precisão de um ajuntamento de semelhante especie na Cidade do Pará, porem que lhe doía ver no germe da nova sociedade a existencia de todos os principios do seu futuro e breve desfazimento, o qual era taõ evidente que não precisava de uma Pythia para o predizer. A recordação do passado he a unica busso-la que o homem tem para descobrir o futuro.

No dia 19 de Setembro de 1846 foi revestido na Ordem Diaconal: e por Provisão passada aõs 25 do dito mez teve o emprego de Mestre de Ceremonias do Bispo: e vio-se commettido do Magisterio de Filosofia Racional e Moral no Seminario Episcopal por Nomeação lavrada no 1.º de Outubro, e por outra Nomeação firmada no dia 7 do mesmo mez da Cadeira de Grammatica Franceza, em cuja instrucção havia sido escutado o proprio Prelado até o tempo em que sahio da Cidade para a sua Visita Pastoral.

A communição das ideias á cerca da Filosofia principiou no dia 5 de Outubro do referido anno: e nesse dia tambem começou a exposição da sua doutrina sobre a Grammatica Franceza, da qual ja havia dado noções no impedimento do Mestre provisorio o Doutor Joaõ Lourenço Paes de Souza, que então nesse ensino suppria o Bispo, que andava em Visita da sua Diecese.

Em virtude de uma Carta Imperial de Apresentação de 13 de Novembro de 1846 passada em effeito do Decreto de 5 do mencionado mez e anno succedeo no dia 19 de Janeiro de 1847 antes das Vesperas na vacatura do Canonicato Diaconal occasionada pelo obito do Padre Joaõ Simões da Fonseca Pacheco. Seus filhos scientificos, isto he, seus Discipulos abrindo-se em exultações manifestáraõ-se jubilosos por varios modos com a Prebenda conferida aõ seu Lente. Elles se achavão em estado de assim demonstrar, naõ por indução da lisonja, mas porque a ordem, o methodo e a vigilancia no ensino eraõ taes que em todos elles fizeraõ entranhar respeito e amor competente á aquelle que trabalhava com rectidaõ natural de juizo em os conduzir a colher todo o fructo da sua habilidade e pericia para que mostrassem ser dignamente o mundo das ideias delle, assim como de Socrates o foraõ os seus discipulos. Doze adquiriraõ a intelligencia sufficiente da Lingoa Franceza: e dezoito alcançaraõ abonação plenaria em Filosofia: e destes tiveraõ premio seis, dos quaes tres que fôrão Joaõ Virissimo Alves Junior, Daniel Pedro Marques, e Francisco Marianno de Loureiro, sustentárão Theses no dia 18 de Agosto de 1847. Em cujo acto, concluido elle, o Lente proferio uma allocução breve, animadora, que muito a-

prazeo pelos sentimentos vehementes, que patenteava a bem do adiantamento nos estudos, e pelas ideias filosoficas proprias da erudição disferida em apoio das mesmas Theses.

Novo Theatro não acanhado e obscuro como o das Aulas se lhe offereceo em que o seu talento achou campo para dilatar-se á vontade do zelo Religioso que aquentava o seu coração. Este theatro foi o Pulpito: e a primeira vez que o occupou foi no dia 25 de Maio de 1847 segunda Oitava do Pentecostes na Freguezia da Santissima Trindade da Cidade de Belem do Pará, solemnisando-se uma Missa promissoria do Proprietario Agostinho Thiago Alves aõ Espirito Santo. Neste sermaõ que o Leitor achará na Noticia Bibliographica adunada á presente Biographia, poderá conceituar se elle estava ou não no simile da condição, que Fenelon, eminente agricultor de luzes, descreve de um Orador moço sem fundo de estudo, sem experiencia, sem reputação adquirida, que procura talvez fazer fortuna no ministerio em que se trata de ser pobre com Jesus Christo, de levar a cruz eom elle abnegando-se a sí proprio e de vencer as paixões dos homens para os converter. Se um Tertuliano teve metaforas asperas: Saõ Cypriano periodos turgidos: Santo Ambrosio negrimes no estilo: e Saõ Pedro Chrysologo trocados de palavras: não será muito que um Mancebo tenha deffeitos no seu estilo concionatorio não obstante que não impere presentemente o gosto estragado dos tempos posteriores aõ de Augusto, em que vivêraõ aquelles Padres. Porem se não existe esse gosto a elle se acha subrogado outro genero de imperfeição, qual o de declamar e não orar, e a má escolha de modelos, e a escassa consciencia de posses para o desempenho, e não

menos a falta de imitação dos Apostolos, a cujo respeito disse Santo Agostinho. *Só falla com sublimidade aquelle de quem a vida não pode ser exposta a desprezo algum.* Julgue-se de Joaõ Sanches Monteiro Baena segundo estes derradeiros principios e então surgirá á mente do julgador o seu verdadeiro merito.

Não he só no que até aqui o seu Biographo tem narrado que reside o seu inteiro merecimento. Elle comparando o distincto lugar, que o Pará em outro tempo havia occupado na ordem das mais Provincias do Brasil com o estado de atrazamento a que via reduzida a melhor das terras que o Sol escalda, não podia deixar de reconhecer as primeiras causas da actual fraqueza na degeneração dos costumes, na decadencia dos conhecimentos, e no despecuniamento causado pela demencia politica. Sentia ver a Provincia representar um papel menos digno do que ja tinha representado: sentia ve-la não seguir e acompanhar as Provincias, que mais avançavão na cultura da intellecção: e sentia ver a existencia efemerica de sociedades litterarias instituidas com tanto desembaraço debaixo de titulos copiados de outras que apparecião em diversas partes, sem a menor consideração de que o estabelecimento de taes associações era para os instituidores uma empreza parecida com a de Eridano querer ser o conductor do coche de Apollo, pois que as sociedades litterarias somente se organizão com homens, que tenham chegado aõs limites dos conhecimentos elementares, e que sendo impellidos pelo enthusiasmo litterario e pela ambição de gloria a sair desses limites estaõ na attitude de poderem promover os progressos das mesmas sciencias e artes. (\*)

---

(\*) Mercier não era deste pensar segundo se depre-

Entendia ser exequível a reforma da decadencia do gosto das Lettras, e por conseguinte a collocação dos Paraenses em conhecimentos scientificos a par das Provincias mais esclarecidas em doutrina pelo emprego de meios capazes de alentar o melhoramento das doutrinas illustrantes, e não de dar motivo aõs desconcertos da ignorancia, como se estava observando. Desta convicção nasceo-lhe o calido desejo de separar os Mancebos seus patricios da linha, que os guiava a serem licenciosos e turbulentos, animando-os com o exemplo para os affeiçãoõ estudo das Sciencias e Artes: e para isso não se contentava com a instrucção nas escolas do seu cargo, convocava-os á sua pousada para reiterar as lições: abalava-os a darem-lhe Diatribes ou Memorias de sua composiçãõ sobre varios temas: aguilhoava-os com parenesis suasorias e com premios seus, porque os tres ministrados pelo Seminario não alcançavaõ quantos se abalisavaõ: queria vellos todos frequentadores de livros de abonada leitura e anciosos de se levantarem do vulgo e buscarem ter inclito renome: indicava e pedia direcções, que lhe erãõ prompta e honrosamente concedidas pelo Vigario Geral do Episcopado o Chantre Raimundo Severino de

---

*hende das sequentes suas expressões á cerca das sociedades litterarias: " ellas são viciosas por sua natureza, essencialmente inuteis, e radicalmente nocivas: ellas fomentaõ a ignorancia e o orgulho, inspiraõ o charlatanismo, e favorecem o ocio inepto em prejuizo do merito laborioso." Verdade he que ha e tem havido associações distinctas em puerilidades academicas, em obras que não tem o miscuit utile dulci: porem isso não constitue regra geral.*

Matos, que governava na ausencia do Prelado em visita pastoral, sendo a isso levado o mesmo Baena pelo cuidado de salvar os discipulos dos desconcertos e desbarates e fancias do Reitor Domingos José Cardozo, que infelizmente por falta de idoneidade era a unica rémora, que soffria o exercicio das lettras no Seminario: e finalmente para que nas bellas Artes elles tivessem tambem um ensino methodico não em todas por carencia de meios, porem aõ menos na Arte da Musica, que em 1803 assás prosperava mormente a Musica de Igreja, a qual acompanhava dignamente a pureza de coração, com que cumpre nos apresentemos no lugar destinado aõ culto de Deos, lembrou e conseguiu que se estabelecesse uma escola de Musica debaixo da denominação de Instituto Musico-Instrumental Paraense, e sobre bazes dadas na Proposta por elle apresentada para a erecção do mesmo Instituto. Este viveiro musical comprehendia a musica instrumental e a composição, porem faltava-lhe o canto ou musica vocal: o methodo de ensino era bom, pois se avisinhava ao gosto da musica moderna. Precedêraõ nesta lembrança os Jesuitas do Rio de Janeiro, os quaes tambem quizeraõ que os seu Pretos de ambos os sexos fossem cultores de Euterpe, dando-lhes na sua amplissima Fazenda de Santa Cruz uma escola de musica vocal e instrumental.

Outro-si meditava que se devia compor compendios rudimentares apropriados á natureza e extensão de cada escola. Da sua parte estava deliberado a propor aõ douto e exemplar Prelado quando voltasse da visita o ensino de Filosofia em dous annos, e que no exito de ser admittida a sua proposição apresentaria dous Compendios fundados na disciplina de Storchenau am-

pliada com os dictames dos melhores elementos modernos de *Filosofia Catholica*: cujos compendios elle dedicaria aõ Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Senhor Dom Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, Bispo do Rio de Janeiro, Conde de Pirajá e Capellão-Mor de Sua Magestade o Imperador, por obsequio e deferencia á amizade subsistente entre este e o Prelado Paraense. Julgava igualmente preciso o estabelecimento de um Collegio de illustração na Villa de Camutá, attendendo a que era desta parte a mais habitada da Provincia que tinha sahido a maior quantia de homens para o Estado Ecclesiastico, dos quaes alguns chegáraõ ás Prebendas e Beneficios da Cathedral, e com especialidade dous foraõ alçados aõs Sólíos das Dioceses do Pará e da Bahia, e a que se achava hoje em mais faustas circumstancias do que aquellas, em que projectou dar-lhe um hospicio doutrinal o desfortunoso Jesuita Gabriel Malagrida, que feneceo nas mãos da Inquisição chamada tragador Busiris pelos aversos desse Tribunal.

Incutido de gosto pela leitura do *Cathecismo Historico* do Abbade Fleury, e da *Demonstração Evangelica* de Mr. Duvoisin Bispo de Nantes, intentava aproveitar-se de um e de outro para compor uma obra, que fosse um compendio de instrucção do fundo da verdadeira Religião de Jesus Christo, e saturado de razões persuasivas contra a incredulidade Filosofica, a cuja obra elle destinava a denominação de *Repositorio de Verdades Moraes para os que estão convencidos de que o temor de Deos he o principio da sabedoria*. Seu Pai sendo consultado por elle neste assumpto approvou o intento, e notou-lhe quaõ bem elle havia entendido o plano das duas escolhidas obras, e quaõ acertada era



a colheita que pretendia fazer nellas; mas que lhe parecia tambem preciso buscar na Historia dos Membros da Academia Franceza mortos desde 1700 até 1771 o Elogio que Mr. D' Alembert fez aõ sabio e virtuoso Abba-de Fleury, no qual elogio se vê a mesma difficuldade que foi o objecto da sua Carta escripta a Frederico Rei de Prussia em Janeiro de 1770: e pelo que tocava aõ Bispo Duvoisin ponderou que supposto que elle tivesse dado aõ seu trabalho o mesmo titulo que o Bispo Huet dera aõ seu, comtudo differia assás deste, pois que sem tanta exposiçãõ de copiosa erudiçãõ, mas com certeza indestructivel, chegára a demonstrar que a fé Christã repouza em baze, cuja solidez he constituida pelos milagres de Jesus Christo e de seus Apostolos: e finalmente que obraria bem se trabalhasse na organisaçãõ do sobre-indicado Repositorio, fazendo-o conter tudo quanto podesse atar a efficacia com que Fleury quiz instruir o Leitor dos factos apontados pela Escriptura e pela Tradicçãõ desenvolvendo aõ mesmo tempo os Misterios da Fé e os Dogmas Catholicos, com a efficacia com que Duvoisin patenteou uma exacta e austera critica e uma bella orthodoxia discursando pela funda-çãõ do Christianismo e pelos milagres e pela authenticidade dos escriptos historicos e dogmaticos dos Apostolos e dos Discipulos de Jesus Christo.

Elle subordinava todos os projectos e ideas, que lhe occuriaõ, a principios geraes. Para não ser mais longo e diffuso do que convem á natureza deste genero de escriptos deixo de expor outros pensamentos, que o desejo do bem publico e o amor da gloria da sua Patria lhe suggeriaõ a cada passo, e que mais de uma vez forão o objecto das praticas e discussões particulares, em que seu Pai se dignou entrar com elle relativamente aõ

que desejava fazer para a illustração do seu paiz, e á necessidade de metter a Mocidade em caminho diverso do que estava trilhando desde que nova ordem de cousas havia succedido á antiga. Neste amor do cultivo do espirito alheio assemelhava-se a Petrarca, que no Pontificado de Nicolau V. abriu as Bibliothecas fechadas pelas mãos dos Barbaros.

A modestia acanhando os impetos da vaidade exaltava o dote do seu engenho. Era admiravel o seu insuperavel desejo de saber, e todo consagrado a ser communicado aos Jovens seus patricios. Assim dentro das escolas, como fóra dellas, a sua applicação manifestava-se por igual theor: era constante na aquisição da variedade de conhecimentos, e desta arte tendia a hobrear com o celebre Joaõ Henrique Lambert, que sendo apresentado a Frederico II. de Prussia como digno de ser contado entre os Socios da Academia de Berlin, e perguntando-lhe aquelle Monarca, prototypo dos Monarcas, o que sabia, lhe respondeo *Tudo Senhor* e reperguntando-lhe de quem o aprendêra lhe replicou sem demora *De mim mesmo*.

Nas vizinhanças do mez de Setembro de 1847 logo no exordio do tempo ferial pediu licença ao Primicerio e Provisor e Vigario Geral do Episcopado Raimundo Severino de Matos para banhos em Camutá, onde permaneceu desde 24 do dito mez até 28 de Setembro, em que partio para a Cidade por ter de orar na Festa de Nossa Senhora de Nazareth na sua Capella suburbana. Antes desta partida no dia 26 do segundo dos mezes referidos, em que a Irmandade de Nossa Senhora do Socorro na Igreja do Lugar de Azevedo pouco arredado da Villa para baixo, celebrou o anniversario festival da mesma Senhora, subio á Ca-

deira evangelica para encher a instancia do Conego Honorario e digno Vigario da Villa José Antonio Ventura e do Tenente Coronel Pedro Miguel de Moraes Betencourt, os quaes na antevespera do dia inicial da Novena simultaneos lhe rogáraõ que para condecorar mais a solemnidade elle quizesse ser o seu Pregador. Talvez pareça inverosimil que um Mancebo tanto em principio da sua carreira ecclesiastica urgido inesperadamente a explanar na Cadeira da Verdade as normas do Evangelho produzisse uma Oração como a que está na Noticia Bibliographica aqui annexada. Mas sem a menor possibilidade de infirmação he certo que elle a exprimio sem desmanchar a honrosa idea, que motivou a rogatoria das sobreditas pessoas, tendo-a formado com maravilhosa promptidaõ e mui pouco cuidado em corrigi-la como lhe pedia o genio nisso semelhante aõ de Carlos Bonet, que affirmou naõ haver feito uma unica emenda no manuscripto de uma de suas obras.

A mesma destreza patenteou no Discurso, que proferio a Nossa Senhora de Nazareth após do Evangelho na festa desta Senhora no dia 24 de Outubro de 1847 dirigida pelo Inspector da Fazenda Nacional Joaõ José de Deos e Silva. A sua benemerencia arrebatou applauso ao numeroso auditorio e até foi preconisada no Anuncio da Festa publicado (\*) por meio da estampa antes do dia do Sirio: tanta era a excentricidade da estima que elle merecia pelo que de si dava a conhecer aõs outros homens. Mui proporcional era que assim succedesse, porque elle levava aõ Pulpito o suave conceito que de sua vida tinhaõ os ouvintes: naõ atroava, feria com as

---

(\*) *No dia 24 de Setembro de 1847 debaixo do nome do mesmo director da Festa.*

palavras de Deos em seu verdadeiro sentido, e com os actos da sua conducta, á maneira de David que não derubou o Gigante com o estalo da funda, sim com a pedra.

Cheguei em fim aõ passo, em que tenho de lavrar expressões entristecidas com a penna envolta em choro: o quadro donoso e augurante de bens progressivos, que apresentava a existencia do Conego Joaõ Sanches Monteiro Baena, vio-se esvaecido completamente de um modo, que ninguem pelas agras veredas do calculo de probabilidades na Loxodromia da vida humana podia chegar a antever.

No dia 7 de Novembro de 1847 de manhã antes da Terça canonica elle retirou-se da quadratura dos Conegos para sua casa por sentir innovaçãõ na saúde. Entendendo que havia enfermado de uma constipaçãõ tomou o remedio congruente e melhorou nesse mesmo dia: e no seguinte recomeçou-lhe a constipaçãõ e com febre. O Medico Camillo José do Valle Guimarães prescreveo-lhe os medicamentos justos a uma defluxãõ, de que o julgou invadido: e no segundo dia vendo-o quasi remediado deixou de apparecer. No dia subsequente uma febricula, que se manifestou de tarde, persuadio a chamar o dito Medico, e não sendo encontrado recorreo-se aõ Medico Francisco da Silva Castro, que o vio e lhe dictou uma beberagem e o proseguimento da mesma dieta prescripta pelo Clinico precedente. Amanheceo no dia 11 desempeçado da febre: mas de tarde ella deo denotações de si com pequena intensidade. Da meia-noite para o albor do dia começou a ter inquietações diversas: destas passou a mostrar a boca um pouco hiante e olhos fixos com apparencia placida e pouca promptidão em responder ás perguntas como quem se achava

em alto extase e finalmente tremerao-lhe as mãos e a vida se lhe despedio, remontando aos Ceos o que dos Ceos proveio. Antes das extremas da sua morte e na proximidade das 5 horas matutinas o Pai taõ veloz como faisca electrica desprendida de Batavo aparelho tinha corrido a chamar o Medico Castro. Este vio o seu enfermo, que acabava de sofrer o occaso de sua vida, e saindo da Camara travou da mão do desventuroso Pai, pedio-lhe que se assentasse no canapé e disse-lhe depois de brevissimas expressões preparativas: *Seu filho he morto.*

Cogitai Leitor humano, cogitai qual seria a resultancia desta tremenda manifestação na alma de um Pai, que tanto se tinha desvelado com um filho, que tudo lhe merecia. Affiguem-se na alma os que sensiveis hão nascido o que na delle lidava. Mais facil he imagina-lo que exprimi-lo. Nunca soube o que delle foi nesse cruel momento: e o que só recorda he que quando em si tornou se sentio em uma rede bloqueada daquelles que o desapegárao do corpo do filho, e de outros que se condoiaõ de o ver apoderado de horrenda amargura. Nenhuma persuasão poude ser alliviosa, porque quando o sentimento he grande não admitte allivio, e mesmo em dar-se pezames renova-se a dor e não se diminue a pena: debalde empregavaõ em adoçar-lhe a amarga desventura quanto a Religião mais adaptado lhes ostentava: debalde lhe ponderavaõ que o filho foi o que somos, que havemos de ser o que elle he, que na sepultura vai parar tudo, e que tudo o que alli não aproveita he nada: agora mesmo o coração se lhe estreita e aos olhos assomaõ lagrimas.

Progredirei para pôr o ultimo remate a esta Biographia, a qual formei o projecto de escrever suadido pe-

lo amor paterno, que só por querer que se não apague de todo a memoria deste filho se expoz a provocar com as recordações o sentimento adormecido. Sim o Conego Joaõ Sanches Monteiro Baena segundo o entender do Medico Camillo José do Valle Guimarães morreo de um assalto sanguineo no cerebro, e segundo o Medico Francisco da Silva Castro de uma gastrites: eis como discrepaõ os que exercitaõ essa sciencia nascida entre os Egyptcios. O termino da sua vida negrejou aõs 12 do Novembro de 1847 pouco depois das 5 horas da manhã, coincidindo esse para sempre infausto e lamentavel momento com o da sua aparição neste mundo no mesmo mez, e não no dia pois lhe faltavaõ quatro para consummar 3 annos sobre quatro lustros de idade.

Aõ soar nos ouvidos da Cidade a fulminante nova desta morte apossou-se de todos espanto e magoa. Todos se empenháraõ na partilha da afflicção e escura tristeza, que senhoreava a desfortunosa Familia; a Casa acolheo ondas de povo, que a enxamiou até de tarde em que caminhou morosamente o pomposo enterramento: revezavão-se para ver o objecto dos seus pesames, porque não podiaõ todos ao mesmo tempo caber alli e alguns então sentiraõ rodar lagrimas pelas faces. Os Amigos que nelle acháraõ constante amisade benevola: os Discipulos que nelle tiveraõ um Mestre amante avido de os allumiar com a tocha das Lettras: os Collegas que nelle observáraõ em Capitulo qual era o grão do seu discreto zelo da dignidade do Cabido e da decencia e respeito individual reciproco: e as Pessoas de bom entender que nelle não descontinavaõ o sobredourado das apparencias, mas sim um porte raras vezes visto nos da sua idade: todos se

amiseráraõ da perda precoce de tanta importancia moral.

Lá foi o corpo inerte transportado no ataúde para a Cathedral pelo Cabido acompanhado espontaneamente da Clerezia, das Religiões, dos Seminaristas, da Irmandade de Santa Roza de Lima, e do Cortejo de dó, de que fazia parte o Pessoal da administração da Provincia, aõ repetido som de lugubre musica executada pela Banda Instrumental da Caza dos Educandos, que tambem não quiz omittir essa demonstração voluntaria de tomar quinhão no desgosto do dia: lá desceo do funerario leito o caduco resto para entrar no sepulcro, nesse asilo e sagrado da morte segundo o judicioso Tertuliano, á vista de um populoso concurso circumfuso que occupou toda a amplidão do magestoso Templo: lá ficou separado perpetuamente dos olhos humanos o terrenal involtorio que vestia o espirito de um Mancebo, que na primavera da existencia patenteou graves costumes e theor de vida mui affavel, simples e uniforme qual convinha aõ seu estado: que foi humano e benefico em seu trato e por suas virtudes admiravel, bom e manso de animo, e muito inclinado á devoção (\*): que adquirio reputação pelos seus trabalhos (\*\*): e que desejou ver crescer o numero dos homens de merecimento distincto. Eis aqui tudo quan-

(\*) *Digo devoção verdadeiramente no sentido, em que Boileau se exprímio na Satira XI.*

*L' évangile au chrétien ne dit en aucun lieu,  
Sois devot: il nous dit, soit doux, simple, équitable.*

(\*\*) *E por isso elle differia em extremo dos Conegos desenhados por Despréaux*

*Ces chanoines vermeils et brillants de santé  
S' engraisaient d' une longue et sainte oisiveté.*

to fez sentir amargamente o anticipado somno eterno com que jazeo, e estillar lagrimas de muitos saudosos e magoados: alguns houveraõ que lembrados de um passo sentimental de Chateaubriand no seu Triumfo da Religiãõ Christã expressáraõ ” Irei continuamente sobre o teu jazigo depositar tributo perduravel de naõ enxuto pranto á maneira da terna Natchez, que perdendo o filho ia sempre sobre o tumulo derramar niveo leite misturado com pranto enternecido ”.

O Conego Joã Sanches Monteiro Baena deixou eterna saudade nos corações dos seus Parentes e Amigos e de seu Pai, o primeiro desses amigos, que trabalhou para fazer chegar a sua exalçada celebridade e gloria á posteridade no grão de pureza e estimação que ella de justiça merece. Os Capuchos de Santo Antonio no seu Convento no Pará, e os Barbadinhos Italianos no seu Hospicio da Piedade na Bahia de proprio moto suffragáraõ por elle com serviço solemne nos respectivos sanctuarios: foi isto um officio de humanidade meritoria, e intercessãõ pela alma de quem passou da morte á immortalidade, porque nunca cessou de crer a Christo: e no uso desta caridade mostráraõ que entendiaõ como Santo Agostinho ser melhor sobejarem suffragios aõs que naõ saõ necessarios que faltarem aõs que o saõ: ser melhor sobejarem a quem naõ fazem damno que fallecerem a quem podem fazer proveito: *Melius supererunt ista, quibus non obsunt: quem deerunt quibus prosunt.* Portanto havendo a consideração do rigor do exame da cadeira judicial de Deos, ante o qual todos havemos de ser julgados, ninguem se atreverá a dizer que ha tempo em que se naõ possa e se naõ deva dizer por toda a al-



ma aquelle responso que diz: *Commissa mea pavesco et ante te erubesco.*

Dos que lhe tecêraõ discursos funereos o primeiro foi o Conego Luiz Barrozo de Bastos, Lente de Theologia Moral no Seminario Episcopal e Examinador Synodal do Bispado, que fôra o seu Mestre de Theologia, e que desde entaõ seus animos se tinhaõ unido pela conformidade de genio, relação na maneira de sentir, perfeito conhecimento de um e outro coração, cuja amisade era um desses assomos de sympathia, que não consentem definir-se. Outros o lamentáraõ em suas composiçõs métricas, e em coplas tristes, que fôraõ sujeitas a um compasso de toáda chorosa e que nove mezes depois da sua vida ter chegado aõ féretro e entrado as sombras da noite infinita seu Pai accidentalmente ouviu modular pelo proprio compositor da musica João de Deos e Silva (\*) sem permitir a continuação de uma Endecha, que não podia escutar sem acommettimento de languida tristeza. E no Diario de Pernambuco fez-se menção desta perda do Pará: e no Guaicurú da Bahia N.º 499 e na Revista Americana Tomo I. Parte Segunda, Janeiro de 1848, foi transcripto o Discurso luctuoso, que appareceo no Treze de Maio N.º 753. Folha Periodica do Pará. E tudo isto são testemunhos sinceros de dor, que não podendo attribuir-se nem á gratidão nem á dependencia provaõ evidentemente a publica estimação de que

---

( \* ) *Cego a nativitate dotado de ingenho musical: toca rabeca, piano-forte, clarineta e flauta. Elle poz em musica com acompanhamento de piano as quadras do Padre Siqueira, que estaõ na Parte Segunda da Noticia bibliographica.*

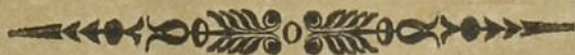
gozava e que tinha merecido pelas prendas do seu engenho, pelo amor do bem, e pelo seu cabedal de virtude, e confirmaõ aquella sentença instructiva que diz: *Naõ se pode seguramente louvar o homem, nem quando começa, nem quando he, se naõ quando acaba de ser.*

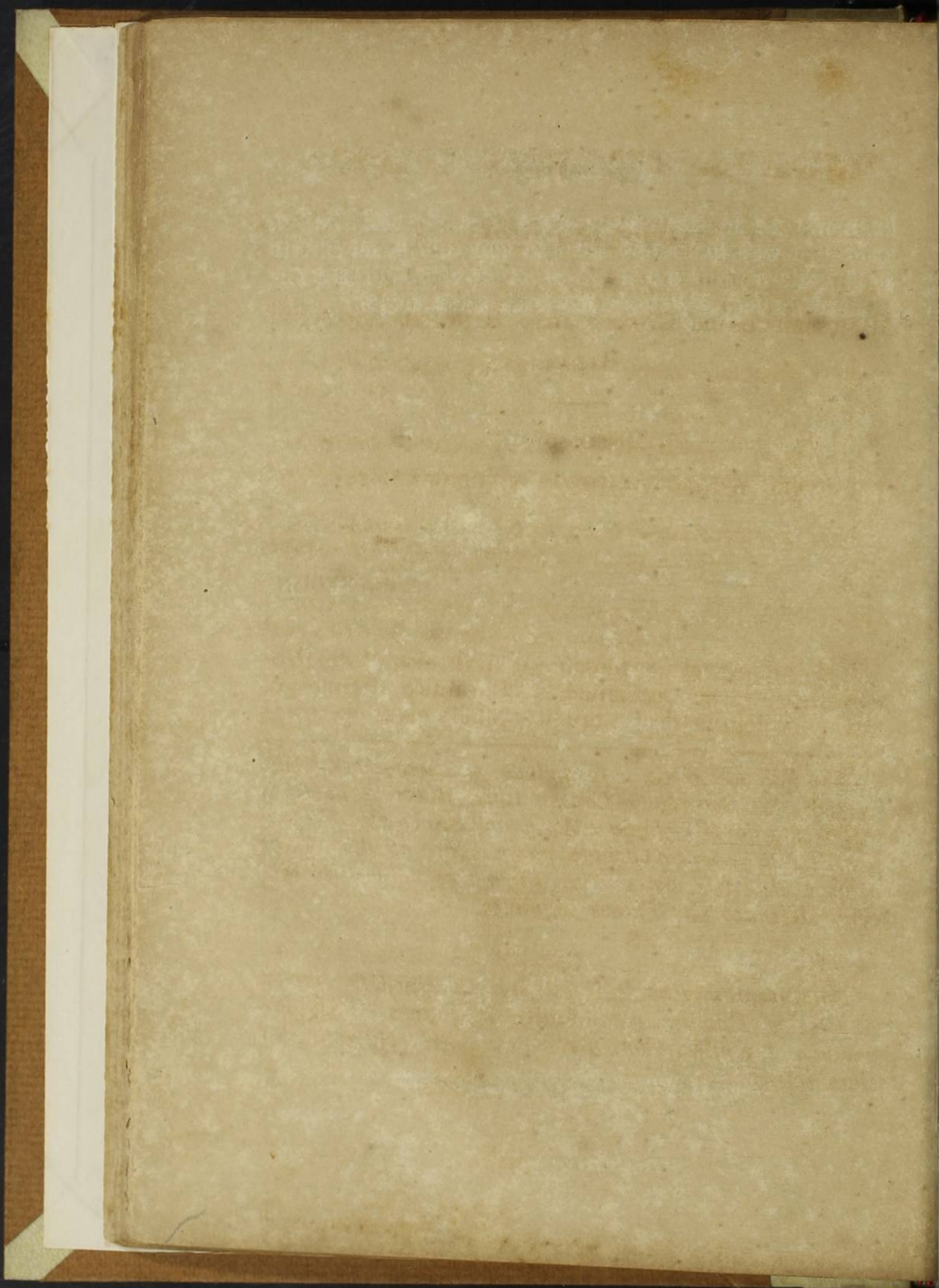
Mancebos Paraenses: de todos os deveres da vida o mais indispensavel he o da gratidaõ. O Conego Joaõ Sanches Monteiro Baena, que para sempre a campa ausentou de nós, e que sempre vivo será nos corações pela saudade e pela minha penna a sua memoria, praticou comvosco tudo quanto podia adquirir-lhe no vosso coração o dominio. Lembrai-vos do seu constante dizer que naõ ha mais bem fundadas esperanças que as que pomos no Ceo e nas Virtudes: lembrai-vos da recommendação de assignalar o procedimento com acções de desinteresse e de justiça: e lembrai-vos da assidua expressaõ que os Paraenses devem honrar a terra que foi o seu berço com a sua perenne applicação ás Letras e ás bellas Artes. Acenda-se na vossa alma o amor da gloria litteraria: seja o vosso estudo principal copiar em vós e induzir os outros a copiar em si os sentimentos moraes do vosso fallecido Mestre, do vosso verdadeiro amigo, deste entre todos os bens o maior, que com o seu exemplo vos deo a melhor e a mais proveitosa das suas lições: e desta sorte alçareis sobre o pó em que elle se resolve um mausoleo superior aõs de Halicarnasso, ( \* ) e o melhor que jamais a gratidaõ se lembrou de tributar. Reconheça-se nas Eras do Futuro que a imitação do Mestre em honra da sua

---

(\*) *Cidade maritima de Caria na Asia Menor.*

memoria se aposentou na alma dos seus Discipulos,  
e destes vai passando de um em um sem limite  
a fim de avivar no Pará o amor das Letras e en-  
treter este sagrado lume com as suas lidas.





# NOTICIA BIBLIOGRAPHICA,

## PARTE PRIMEIRA.

MANUSCRIPTOS DO CONEGO JOAÕ SANCHES MONTEIRO  
BAENA.

---

### DISCURSO (\*)

SOBRE A NECESSIDADE DO ESTUDO DA MORAL.

Cœli enarrant gloriam Dei  
et opera manuum ejus annun-  
ciat firmamentum.

[ Psalmo XVIII. ]

HE admiravel a filosofia e a theologia do Pro-  
feta Rei no seu recommendavel cantico decimo oi-  
tavo. A leitura desta erudita, sublime e pia com-

---

(\*) *Foi concebido e formulado em cumprimento da vontade do Reverendo Conego Luiz Barrozo de Bastos, Lente de Theologia Moral do Seminario Episcopal do Pará, e pronunciado na manhã do dia 17 de Agosto de 1846, em que o seu author sendo Subdiacono defendeo as Theses seguintes.*

1.<sup>a</sup>

*Sacramentum novæ legis est signum sensibile sacrum à Christo Domino permanentemente institutum ad significandam et producendam per se, ex opere operato gratiam interiorem.*

h

posição, a que Theodoreto chamou o Psalmo das

2.<sup>a</sup>  
*Nec plura, nec pauciora septem extitunt in nova lege Sacramenta.*

3.<sup>a</sup>  
*De facto nulla extitere in brevissimo innocentiae statu Sacramenta.*

4.<sup>a</sup>  
*Christus Dominus omnia et singula novae legis Sacramenta instituit; et quidem per se et immediatè.*

5.<sup>a</sup>  
*Sacramentorum institutio á Christo Domino ad salvandos hominès fuit absolute necessaria.*

6.<sup>a</sup>  
*Sacramenta novae legis tribus perficiuntur, scilicet, rebus, verbis et Ministro cum intentione.*

*Estas Theses foraõ dedicadas aõ Illm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Raimundo Severino de Matos, Chantre da Cathedral e Vigario geral do Episcopado: e tiveraõ esta epigraphe " De solo tibi credito talento respondere para. Si multum recepisti, da multum; quod si modicum est, et id tribue". (São Bernardo. )*

*O mesmo Discurso no dia subsequente aõ das Theses foi remettido pelo author aõ seu sobredito Lente para o censurar, e voltando trouxe a Carta seguinte:*

Amigo e Snr. Baena.

Li mais de uma vez com toda a attenção o seu Discurso: no meu humilde conceito está mui perfeito no seu genero: se boa foi a escolha do assumpto, melhor o artificio da composição, e recommendav l a habiliade da penna, que o soube embellezar: pode pois ter o innocente desvanecimento de haver principiado por onde muitos desejarião acabar.

S. C. 19 de Agosto de 1846.

Amigo sincero  
Luiz Barrozo de Bastos.

tres Leis, (\*) conduz immediatamente á contemplação da perspectiva, que vemos na portentosa machina do Universo, ou no seu todo, ou em cada uma das suas peças.

Sentimentos tão naturaes despertados por aquelle magestoso e scientifico Cantico de David, homem evangelico antes da promulgação do Evangelho, eu não podia deixar de experimentar igualmente: sim a minha consideração quando observo os immensos globos, que enchem de luz a vasta etherea abobeda, e a constante harmonia dos Ceos, e as obras e leis fisicas da Natureza, em summa a incomprehensivel infinidade das perfeições divinas, que reluz na participação, que dellas tem todas as cousas creadas, não só me faz reconhecer o assombroso poder, e a alta e profunda sabedoria do Creador, mas ainda respeitosa e tributar-lhe affecto e gratidão, e obediencia aõs preceitos deste Ser supremo, eterno dominante do Universo: bem como o dever necessario de tratar amorosamente os que me são iguaes em pertencer á estirpe infesta de pais criminosos pelo seu desatino.

Eis aqui porque no meu entendimento tenho o sobredito Cantico como um despertador irrecusavel das minhas relações para com Deos, e para com os homens: isto he, da Moral que nos deve guiar na pratica das virtudes civis e naturaes com relação á nossa Religião Divina segundo nos cumpre na ordem do Universo, onde a mutua beneficencia deve ligar a fra-

---

(\*) *Lei natural ou interior conhecida por meio da boa razão e das relações entre Deos e o homem e os mesmos homens entre si. Lei velha ou revelada a Moysés no monte Sinay. Lei da graça ou doutrina de Jesus Christo,*

ternidade universal na conformidade do Código sagrado do Evangelho.

Toda a força da Moral deriva-se do sincero e íntimo reconhecimento das obras das mãos de Deus, e da fé formada, que em consequência deste mesmo reconhecimento nelle devemos ter. E não se podendo duvidar do que os olhos divisão na cúpula do firmamento e no terreo globo, quero dizer, em toda a obra da criação clara, exacta, e elegantemente descripta por Moysés, esse Theologo sublime, esse author de uma Lei figurativa, que era a preparação, o emblema da Lei mais perfeita, de que os Christãos são os sectarios, comtudo o Filosofismo do seculo actual pretendendo organizar uma religião a seu gosto, que obscurecesse a verdade, e denegrisse os misterios da Theologia e Filosofia Christãa, buscou os meios de tornar duvidoso e falso todo o assumpto do primeiro Livro das Sagradas Lettras escripto por aquelle Legislador de Israel, e por conseguinte arredar a fé deste Livro canonico, no qual temos o fundamento de toda a Filosofia Christãa, porque elle nos manifesta que o mundo he obra de um supremo Artifice, que nem começou nem ha de acabar. No principio creou Deus o Ceo e a Terra: he isto uma verdade, que o Author do Pentateuco divinamente inspirado annunciou a todos os povos, e da qual dimanão todos os dogmas da nossa Fé.

O mesmo Filosofismo sempre activo em seu desig-nio assás proprio para conduzir aõ Atheismo tem-se cançado extremosamente para demonstrar falsa a Chronologia e a Cosmografia do santo e sabio Chronographo da criação do Universo: mas elle emperrado encálhou e feneceo com o resultado de tantas pesqui-



zas, que a sua malicia dirigia. Todos quantos ja como Naturalistas, ja como Geologos, e ja como Archeologos, tem percorrido com passos perscrutadores as diversas partes do globo terrestre, tanto as dos seus polos, como as do Oceano lageadas de ilhas, tem visto confirmado tudo quanto nos relata o Genisis.

He com estes factos e melhor do que Paravey debellou as asserções de Volnei, de Fourier e Dupuy, que podemos rebater, prostrar, destruir os sophismas e as imposturas desses impios chamados filosofos completamente malaventurados em suas diligencias aggressivas do Ente Supremo, e do homem, a obra mais primorosa da Creação, á qual o primeiro filosofo dos Christãos chama alma fallante, e cujo proprio bem só lhe pode vir do bem dos outros homens.

Está provada portanto pelas mesmas ultimas descobertas dos mais empenhados em conhecer um Mundo, que Deos entregou ás disputas dos homens, a materia do primeiro Livro do Pentateuco: e segundo este primeiro termo da nossa crença religiosa todos os mais Livros anteriores á doutrina, com que Jesus Christo completou a Lei natural, e os Livros posteriores á promulgação da Lei da graça, são todos dignos da nossa veneração e estudo: porque elles mais ficáraõ para regra do porvir do que para lembrança do passado, mais servem de medirmos nossas obras por elles do que para as contarmos, pois diz São Paulo: "Tudo o que nelles he escripto para nossa doutrina se escreveo: tudo o que aos antigos aconteceu em figura he para nós exemplo de verdade".

Tudo isto forma uma base firmissima, em que a nossa alma repouze, e passe a ter permanente o temor de Deos, com que poderá saber adora-lo affectuosamente,

e amar as creaturas racionais, conhecendo nellas todas as faculdades de espirito para viverem em sociedade civil, e para merecerem a visãõ beatifica destinada aõs sequazes da doutrina do Libertador da progenie humana. Foi levado talvez de pensamentos semelhantes que o sabio Traductor do Ensaio sobre o Homem de Pope disse em uma das suas importantes Notas: Santa Religiãõ! Tu que pela consciencia tornas o homem recto e inexoravel Juiz da bondade ou maldade das suas mais occultas acções, ideas, e pensamentos: tu hes e serás sempre o apoio da humanidade, o sustentaculo do poder soberano, e a base de toda a justiça”.

Esta dupla obrigação pois de conformarmos o nosso procedimento segundo o amor que devemos ter aõ Creador, e aõs seres da nossa especie, não digo bem, esta obrigação de amarmos uns aõs outros, de cuja observancia se segúe infallivelmente amarmos a Deos, em que consiste o preceito divinal da Lei da graça, que formou a cadeia, que liga o mortal aõ divino, e a terra aõ Ceo, impelle a que todos adquirãõ ideas claras da filosofia moral e da Ethica natural, cuja falta de estudo tem feito os povos do mundo vertiginosos e disparatados. E sendo isto assim sem sombra alguma de duvida, como podem omittir este estudo aquelles que intentãõ vincular-se aõ serviço do Altar por meio do Sacramento da Ordem? Nenhumamente. E por isso o Augusto e Sacrosanto Concilio de Trento tendo em vista o Capitulo XI. do Concilio Lateranense Segundo, e a Constituição de Alexandre III. tratou na Sessão 23 Capitulo 18 de Reformatione do estabelecimento de Seminarios em todas as Provincias Ecclesiasticas para que nelles alem de outros estudos elementares indispensaveis adquirissem ideas metho-

dicas da orthodoxa Theologia todos os que se constituíssem alumnos dos mesmos Seminarios.

Este, em que hoje nos achamos congregados, desde que o instituiu o veneravel e douto Bispo Dom Frei Miguel de Bulhões pelas mesmas razões produzidas por São Carlos Borromeo quando fundou o seu Seminario na Capital do reino Lombardo-Veneziano, até aos nossos dias, em que a Santa Igreja Paraense se acha presidida pelo Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Senhor Dom José Affonso de Moraes Torres, a Mocidade conduzida pelo magisterio de Professores dignos obteve sempre as precisas disciplinas ecclesiasticas, fazendo-se por isso estimavel em todos os empregos, que lhe foraõ conferidos. He dentro do ambito destas paredes que ella jamais deixou de alcançar a verdadeira sciencia, porque o ensino tinha invariavelmente por estrella polar o temor de Deos. Esta casa de educação nas letras humanas e Divinas mudamente nos incita aõ estudo, pois a noticia tradicional, que temos della, assim nos obriga a proferir, e naõ menos a conhecer que as luzes são o patrimonio do estudo.

Se esses Comprovincianos nossos, que nos tempos passados aqui vieraõ beber sã doutrina, não se intimidarão com a meditação sobre os Livros, e por isso se habilitarão para merecer cargos, ou pelo menos para captar a estima dos outros homens, como poderemos ficar apathicos em nosso desproveito, e em descredito da aptidaõ mental dada por Deos aõs naturaes deste paiz, deixando de applicar-nos aõ que tanto nos interessa, e frustrando deste modo o fomento, que dá aõs Estudos desta utilissima Casa o nosso douto e providente Bispo, mui distincto pelo Apostolico espirito, com que promove o bem e o re-

medio espiritual dos seus Diocesanos: fomento, que fundado no conhecimento do coração humano estimula e acende o engenho por meio de premios, que adjudica aõs que mostraõ mais percebimento das doutrinas, que constituem o objecto do ensino nas Escolas, a que pertencêraõ. De certo se estas considerações todas não batessem no meu espirito eu não teria neste momento a honra de vos dirigir esta falla, porque me teria recusado aõ convite do meu Mestre de Theologia o muito reverendo Sr. Conego Luiz Barroso de Bastos. O que sei desta sciencia devo ás prelecções deste Professor habil pelo seu saber e talento verdadeiramente classico: e por gratidaõ cedi aõs seus desejos, passando a contextuar este curto discurso como competia á pequenez do meu entendimento, e aõ fim, a que me devia propor, de não tomar o tempo a este respeitavel Congresso, cuja maioria não precisa dos meus pensamentos.

Confio pois que a obediencia, que pratiquei, me gran-geará indulgencia a favor da minha tenuidade de saber: pois que eu neste momento não podia apresentar producções do meu espirito em proporção do muito que recebi conforme o conceito de São Bernardo, que o meu sobredito Professor collocou no frontispicio das The-ses por elle dadas para este dia: *De solo tibi credito talento respondere para. Si multum recepisti, dá multum: quod si modicum est: et id tribue.* Tal qual he este meu discurso, elle deve ser considerado como o

*Prima tibi ingenii do monumenta mei*

segundo se expressou Dom Francisco de Mello, primeiro Bispo Eleito de Goa, na sua elegante Dedicatoria em versos elegiacos dirigida a El Rei Dom Manoel,

Tenho mostrado postoque rapidamente a necessidade de preencher os fins desta Casa tão conveniente ao espirital reino da Igreja Militante, nos quaes se acha sempre empregado o zelo fervente e illustrado do nosso virtuoso Prelado, que tanto deseja que este Seminario torne a ter o appellido de Casa das Lettras, que antigamente se lhe dava á semelhança do povo de Israel, que distinguia a Cidade de Dabir com o nome de Cariath-Sepher, que quer dizer Cidade das Lettras: tenho mostrado tambem que o estudo da Moral necessario a todo o homem e mormente á aquelles que tem de fazer coruscar a tocha do Evangelho, he quem nos ministra idoneidade para regular ajustadamente as nossas acções na vida, e quem mais nos facilita o recurso piedoso da nossa alma ao *Præstet fides supplementum sensuum defectui*, e quem finalmente nos constitue inconcussos, invulneraveis no meio da infernal peste da impiedade, que em nossos tão estragados tempos faz mofa e guerrea a Religião Christãa e a FÉ Catholica: darei remate a este meu humilde raciocinio com as expressões de Mr. Toulousan e Mr. Gavoty na sua egregia obra do Ensaio sobre a Historia da Natureza, porque ellas são a linguagem do homem sabio e religioso, do homem que não desconhece que elle he grande, sublime, feliz, e digno de si mesmo, quando contempla, e tem fé no Throno Eterno do Augusto Motor dos Mundos. Eis as bellas expressões dos indicados Escriptores, que tenho o prazer de copiar em nosso idioma.

” Ente sempiterno, Causa Primeira, tudo em ti existia: e o Universo concebido na tua mente só esperava que as tuas mãos o realizassem. Tu quizeste, e a materia nesse mesmo instante creada patenteou

todas as formas, todas as dimensões, todos os caracteres. Povoando o espaço, compassando a extensão, tu chamaste o movimento, e o movimento abalou o espaço, e fixou a medida do tempo. Então as forças actuantes e reciprocas destruíraõ a inacção e o repouso: a luz afugentou as trevas, e o calor vivificou a extensão por meio de Sões sem quantia, que rutiláraõ nas suas regiões, e que serviraõ de apoio aõ edificio do mundo. Todos os entes chamados á vida vieraõ immediatamente multiplicar as maravilhas da creação. Porem isto não foi mais do que um pensamento inicial de outro pensamento ainda maior. Tu te dignaste communicar ao homem uma porção da tua intelligencia, e só elle se tornou capaz de apreciar tantos beneficios. Sim, Deos Maximo, as vassalagens que elle então te prestou, os sentimentos amorosos, de que elle foi penetrado, nós os achamos em nossos corações confundidos com o nosso reconhecimento. Ah! Quanto este não deve augmentar-se ainda na presença de novos objectos, que cada dia descobrimos no theatro da Natureza! Abalisada pelo cunho da tua grandeza só ella falla dignamente da tua sabedoria, e da tua potestade".

Disse.

---

## ORAÇÃO (\*)

### AO ESPIRITO SANTO

TENEBRÆ et palpatio in æternum donec effundatur spiritus de excelso.

As trevas esparzidas pelo espirito da mentira haõ de toldar o mundo universo até que o Espirito Santo venha illumina-lo pela boca dos Apostolos.

Assim se declara nas Sagradas Lettras.

Esse funebre espectaculo apresentou o Mundo compulsado pela sua cegueira, e pelas paixões dos idolatras. Virão-se os espiritos envolvidos em trevas taõ condensadas como as da natureza antes da existencia da obra dos seis dias: povos immersos em feroz ignorancia viviaõ sem Templo, sem Altar, sem Culto e consequentemente sem Deos, como diz São Paulo. (\*\*)  
Os que imaginavão uma religiaõ a seu sabor eraõ tidos por sapientes. Os erros sobresaíaõ creando Deoses venaes, injustos, inconstantes, de raiva, de vingança, de torpeza, taes quaes as almas vis, que os concebêraõ, e fazendo adorar os insectos no muladar e e os potentados no throno. O sangue humano rociava os Idolos: e Deos só era conhecido como um Deos dos povos conquistadores de Canaan, e naõ como o Deos verdadeiro, o Deos author e conservador do universo. Desta sorte a terra em vez de ser o Templo da sua

---

(\*) Foi recitada na Freguezia da Santissima Trindade da Cidade de Belem do Pará aõs 25 de Maio de 1847, segunda Oitava do Pentecostes, em que se celebrou uma Missa votiva do Proprietario Agostinho Thiago Alves.

(\*\*) Sine Deo in hoc mundo.

gloria, era um Templo de Idolos: e aõ passo que o Orbe crescia em habitantes appareciaõ novas divindades: o seu numero ultrapassava o dos homens, e não bastando a adoração das obras do Omnipotente curvavão-se cegamente diante das obras das suas proprias mãos. O homem deslumbrou-se tanto com o esquecimento de que elle era feitura singular de Deos que chegou a conceber que tambem podia formalisar um Deos. E como nesta concepção se houveraõ ? Uns acháraõ nos vergeis materia para divinizar: outros de um tronco ocioso ou de um movel qualquer organisavaõ o seu objecto idolatrico: o marmore e a pedra trivialtinhão acatamentos: e tributavão-se votos aõs mesmos hediondos depositos dos tumulos sem o menor reparo de que o dedo da morte nelles havia sinzelado o horror do seu nada com caracteres indeleveis.

Estes Deoses fantasticos eraõ thuribulados pelos Filosofos e pelos Sabios. Catão conformava-se com o povo no culto, e não duvidava proferir que era loucura querer desabusar os homens. Tal era a urbanidade do Mundo, o seu typo moral, a sua doutrina até á setima idade do globo terrestre: e tal ainda seria hoje sem a portentosa effusão do Espirito Santo. Em summa com o Imperio dos Assyrios e Chaldeos começou a nefanda Idolatria, digno castigo do Ceo, que pois os homens se fizeram adorar, chegassem os mesmos homens a adorar páos e pedras. Os Reis, que eraõ ou tinhaõ sido os idolatras, canonizados depois pela adulação e lisonja ou na vida ou depois da morte, vinhão tambem elles a ser idolos. Passáraõ os idolos e tambem passáraõ os Oraculos, com que nelles respondia o Rei do Inferno, pai da mentira, porque aõ som da verdade do Evangelho todos emudecêrão, reconhecendo aquelle que fallou; *Erguei-vos:*



*naõ temas. Do Deos eterno tendes plena benção, olhai-me, oh justos, vede em mim o primeiro e o ultimo.*

Com esta divina luz os Apostolos sem alforge e ceveira dirigiraõ-se a todas as terras fulgurando-lhes na boca a tocha ardente do Evangelho: o seu zelo não se limitou como o do Vice-Deos Moysés aõs districtos adjacentes de Dan e de Bersabé, passou a todos os angulos do Orbe. Doze homens depois de receberem a sua missão no dia de Pentecostes tratão da conversão de muitos reinos, da reforma do mundo universal. Não forão Dinastas nem Guerreiros os que pregãõ a Lei vinda dos Céos: forão pequenos e desconhecidos: elles enchêraõ de luz a terra attónita e assombrada: reinou o silencio nas intelligencias summas do seculo, e ficou manifesta a estrada do honesto e justo. E para isso quanto no zelo da mesma religião se naõ affervorou o animo destes Doutores da Verdade e Martyres do Evangelho! A Pedro não bastaõ a Judea e a Syria. Paulo bemque recebêra mais tarde as primicias do Espirito corre toda a Grecia, e vem unir-se com elle em Roma. As prizões do Tetrarcha da Galilea não podêraõ enregelar a impetuosidade do espirito, que o transportava. Ah! Estes homens naõ desacoração na obra de levar a paz e a salvação aõs outros homens. *Quam speciosi pedes Evangelisantium pacem!*

O fructo, que os Apostolos operaõ, he certificado pelos seguidores da Lei Mosaica titubando, inquietando-se, e caindo aõs pés da Igreja, que os regenera em virtude da sua Pedra angular. Succede em Jerusalem a revolta: revolve-se o Judaismo na desestimação: com dous sermões de São Pedro convertem-se oito mil Judeos, deplorando o seu procedimento com o manso cordeiro

do Calvario, e lavão-se no sangue, que tinham diffundido: desaba a soberba Jerusalem, ouvindo o potente clangor das trombetas evangelicas, passão os Templos a estarem privados dos altares, os altares de victimas, as victimas de sacrificadores, e o Paganismo de Deoses: surde emfim da gema das trevas um novo mundo, e este novo mundo he o mundo cultor de Christo, em cuja sciencia medrava a Religião.

A não ser o Espirito Santo a fonte de tudo isto os Apostolos só por si jamais bastarião para os rapidos progressos do Evangelho. Os povos viraõ-se tomados nas redes destes pescadores celestes, porque Jesus Christo os fez enlaçar nellas. Encaminhemos, Christãos, como os Apostolos toda a gloria á aquelle Senhor eterno, verdadeiro manancial de todo o bem, galardoador infallivel das boas obras, o qual lá tem apparelhadas com larga copia grandes graças em torno da baze do seu Throno. Apresentemos o primeiro culto do nosso reconhecimento: e imploremos o soccorro daquella que se vio cheia de graça no momento, em que o Arcanjo da Annunciação lhe articulou *Ave Maria*.

Conflictos de ambição, de pusillanimidade, e de pavor: desejos do primado no imperio do Divino Fundador do Christianismo: intrigas particulares, e rompimentos abertos por obra da emulação: e contendias de preeminencia até no mesmo dia, em que aquelle que baixou dos Céos para valer aõ homem desgraçado dava grande lição de humildade lavando os pés de todos os que haviaõ ceado com elle: eis tudo quanto se vio nos Apostolos antes da apparição do Espirito Santo. Saõ outros homens logo que descendo um torrente de linguas de fogo sagrado pára e repouza em cada um delles

reunidos. Duplo misterio, diz Saõ Chrisostomo, que nos patentea a abundancia e a estabilidade da graça, que lhes foi communicada. Elles sentem-se abrazados do amor de Deos: todos se julgaõ servos dos seus semelhantes, bem que sejaõ Principes da Grei Christã: o seu Cabeça esquecendo-se da sua superioridade soffre sem murmurar que um inferior o ultraje. Pouco antes bastou a voz de uma Criada para que Pedro se acanhasse e tropeçasse na deslealdade: os mais desamparãõ Jesus Christo no monte da crucifixaõ. O zelo dos interesses do Redemptor os derrama e entrega á discripçaõ dos partidistas do Inimigo da especie humana: ja não são pávidas ovelhas quando viaõ ferido o Pastor. Pedro, o menos intrepido de todos, quebra o seu dilatado silencio, alça a voz, e brada: O' Israel, vós crucificastes o vosso Salvador: mas sabei que tanto a cruz, como o sepulcro, ficãõ vencidos por elle: estai seguros de que nós o enxergãmos Vivo. Que santo ardimento! *Estãõ dementes: estãõ ebrios.* (\*) Diziaõ os Judeos em descredito dos Apostolos, vendo-os fallar a favor de um homem, para o qual se olhava com aborrecimento maximo, e prégar o seu triunfo e a sua gloria aõs cúmplices da sua morte, e adversarios da sua Religiaõ, e reprochar aõs seus concidadãos com o maior crime, que no Universo se podia perpetrar.

No dia mais solemne, no mais quantioso ajuntamento, numa festa publica, e no mesmo lugar em que Pedro via as mãos ainda tingidas do sangue de Jesus Christo, e no mesmo lugar em que elle estava á vista dos Tribunaes, discursou não a um povo facil de suadir, mas aõs Principes dos Sacerdotes, aõs Doutores da Lei, a tudo

---

(\*) *Hi ebrii sunt.*

quanto havia de mais abalisado em Israel. Todos estes passos tendentes a fazer adorar o lenho triunfal da Cruz forão seguidos por todos os mais do gremio Apostolico: e nisso mostrarão serem superiores a columnas de bronze estaveis ás mais vigorosas sacudidelas, e constantes contra as mais crueis oppugnações, que os collocavão sobre o gume do perigo e destruição.

Em summa os Apostolos saindo do Cenaculo não são ja os mesmos homens que erão antes da descida do Espirito Santo. Discorrem pelo Mundo para o converter: experimentão as perseguições dos Judeos, e as execrações dos Gentios: sentem toda a terra contra si: a politica dos Cesares e dos Optimates fulmina-lhes exterminio: igual projecto formão aõ mesmo tempo os Sacerdotes e Farizeos da Judea, o Senado Romano, os seus Augures, os Filosofos e Oradores da Grecia, os Magos da Persia, e os Bramanes da Região que o Indo lava. Nesta situação parecida com a de uma fragil Barca, que no seio de uma tormenta desfechada quer accommetter uma grande armada regida por ferinos e poderosos inimigos, os Apostolos ouvem vozear a sentença da sua morte: elles a padecem como homens, porque o Espirito Santo não comprime os brados da natureza: triunfão, mas com dispendio da sua vida: são elles as primeiras victimas degoladas nos Templos por elles alteados aõ verdadeiro Deos: e desta sorte antes de serem Bispos de Jesus Christo são as suas hostias piaculares. A constancia, a paciencia, e a alegria, que manifestão nos Ergastulos, são assombrosas: todos repetem com São Paulo que a palavra de Deos até nos ferros tem a sua natural liberdade (\*) Se lhes dizem

---

(\*) *Verbum Dei non est alligatum.*

que aõ menos emmudeçaõ, refutaõ proferindo que quando Deos veda aõs homens o silencio ninguem tem a faculdade de os constringer a calarem-se (\*).

De Jerusalem, seu primeiro theatro de refrega, saiem ensopados de sangue, malhados de feridas, e aõ mesmo tempo enlevados de alegria por terem padecido pelo Divino Mestre. Muitos atados de pés e mãos a uma aspa são esfolados com açoutes, arrancaõ-lhes as unhas, e assim lhes fõraõ dilaniando as carnes para que não viesse depressa a morte pôr remate ás suas dores acerbissimas. Invocando repetidas vezes o nome de Jesus desluziaõ toda a energia dos seus padecimentos: e diziaõ não conhecer mais distincto favor concedido a alguém que dar-lhe a padecer morte mais tormentosa em fineza daquelle que para nos remir tanto soffreo no Golgotha. Abrazeavãõ-se os perseguidores em obdução e furia: e quanto mais o Christaõ firme escorava-se em sua fé, e com mais valor presava os tormentos, tanto mais crueis elles o accommettiaõ com novos tratos. Nada foi capaz de intimidar os Cultores de Christo: estes applicados á fé e á religiaõ nunca descravãõ do Céu os olhos. Joaõ tem por instrumento do seu supplicio o banho de chumbo derretido e de azeite fervente: Bartholomeo o tormento das mãos amputadas e a pelle arrancada: São Thiago o da espada de Herodes Agrippa: Thomé o da granizada de pedras, com que o ferem: Pedro e Paulo o da crua vexação de Nero, insigne affronta do genero humano, em cuja tribulação disseraõ como André: *Oh Cruz: preciosa Cruz!* (\*\*) *Venturoso aquelle que vos recebe, e ainda*

---

(\*) *Obedire oportet Deo magis quam hominibus.*

(\*\*) *O' bona Cruz tamdiu desiderata!*

*mais venturoso aquelle que vos busca, e sublimemente venturoso aquelle que fenece em vossos braços ! Oh dia, em que nos he outorgado ultimar a progressão dos nossos dias, tu hes o mais preeminente da nossa vida !*

Essa mesma quentura de zelo, que São Paulo differia entre os Athenienses, os Apostolos experimentarão na presença das desordens do Mundo: fallão, estrondeão, são raios as suas palavras, commovem todas as ideas: promulgaõ novos bens e nova pobreza, um futuro reino, uma nova vida, e uma nova morte: moralizaõ a humanidade nas grandezas, a penitencia nos contentamentos, e a abdicacaõ de tudo na abastança de todos os bens. A esta voz do Espirito Santo, que saya da boca dos Semeadores da Lei de Christo, demove-se o Universo todo. (\*) Aõ principio revoltaõ-se, mas são actos nullos: os idolos são convertidos em cinza, tanto os que tinhaõ adorações nos altares, como os que cada qual entronizara em seu coração: desfizeraõ-se os idolos externos logo que descontinuáraõ de subsistir os internos: passou a ser menor o numero dos sequazes da lasciva Deosa de Chypre, porque se tratou de resistir ao amor sensual: a fé teve cultores e Deos adoradores, quaes nunca lh'os dera nem dará a Filosofia, que naõ se avishna aõ lume da razaõ: fõraõ tidas em menor estima as blandicias do mundo: voltou a elle a amavel pudicicia, que se via proscripta do gremio dos mortaes: e Jerusalem, berço do Christianismo, transformou-se em mansaõ de santidade. Quanto os primeiros amantes de Jesus Christo fulgiraõ em virtudes ! Os Cultores de Christo, os Justos de todos os seculos, que a Religiaõ ha tido, os discipulos.

---

(\*) *Dedit vocem suam, mola est terra.*

da Fé, os heroes da graça, todos tem conduzido a grandeza d'alma e a sublimação da vera sabedoria a um gráo, a que nunca chegou toda a Filosofia ostentosa de Roma e de Athenas. Os Apostolos eraõ procurados repudiando-se os bens da fortuna: a virgindade grangeava a honra, que até entãõ não tinha: a caridade nivelava todos os corações: o amor de Jesus Christo patenteava-se diariamente com a recepção do seu sacrosanto corpo em Eucharisticas formas: a Fé tinha discipulos e martires: a Igreja mostrava-se taõ amena como a do Céu: e de toda esta pasmosa mutação o Espirito Santo era o author. Foi elle quem deo o esforço para illustrar o Mundo no seculo da sombra: a natureza só por si não tinha o vigor bastante para fazer conformar a altivez Capitolina com a humildade da Cruz, e a rigidez da penitencia com o deleite, de que os Rizos são os naturaes satellites. Uma revolução taõ prompta e taõ universal he somente effeito da graça e da possança do Espirito Santo: *Hæc mutatio dexteræ Excelsi*. Foi Elle que fez os discipulos do Senhor mestres do mundo, extirpadores de dictames falsos, e semeadores dos bons costumes.

Filhos da Igreja Catholica, que tempos taõ ditosos! Que differença nos descortina o parallelo dessas eras com a nossa! O exemplo dos nossos maiores he figura posta em frio altar do esquecimento: tem sido inutil para nós. Ah! O Espirito Santo não acha hoje em nós a sua obra: o Christianismo do nosso seculo quasi que se divisa betado com o antigo Paganismo: vê-se entre nós vicios, que parecem modelados pelos primeiros idolatras: almas silicosas onde não prende boa doutrina antes a cospem e rechação: não apparece mais decencia nem modestia: campea a cobiça hypocrita: e

pouca probidade enliça os contractos. Traga-se á lembrança uma reflexã de Santo Agostinho, elle profetico: *Era observada em outro tempo a religião das promessas, e hoje faz-se zombaria disso: os Pagãos conseguão riquezas por meios razoados, e hoje as fortunas com a sua rapidez indicão naõ serem innocentes, mas o fructo de um trato fraudoloso.* Se o Espirito Santo outra vez viesse crear um novo mundo acharia tanto que restabelecer como na primeira: naõ seria menos preclaro o segundo vencimento do que o primeiro triunfo.

Eu sei, Cultores de Christo, que vos deraõ no Baptismo o Espirito Santo, e que o conservastes na infancia: porem quanto tempo ha que tendes offuscado ou desaproveitado o santo halito baptismal? Um só peccado mortal basta para dar entrada em um coração aõ espirito do Arcanjo da maldade. O Espirito Santo he espirito de vida: e sem elle existe-se mais morto que os mesmos mortos no sepulcro: todo o peccador, diz Saõ Cypriano, traz consigo a sua sepultura: *Funus tuum circumfers.* Quantos membros aridos se deparaõ entre os membros da Igreja semelhantes aõs mirrados ossos espalhados no campo, de que fallou o Profeta Ezequiel querendo consolar as Tribus cativas, que gemiaõ debaixo do dominio de Babilonia. Estes mortos talvez de quarenta annos: estes mortos fechados no tumulo de um habito peccaminoso, e ja como enterrados no abismo naõ revivem. (\*) Só o Espirito Santo pode operar a maravilha de desfazer estes gelos com o seu sòpro: de fazer sair da solidez dos penedos o pranto do arrependimento: de atear mais na alma a luz da fé, da esperanza e da caridade: de

---

(\*) *Putas ne vivent ossa ista?*



fazer mais desenganada a deixaçãõ das obras e pompas do espirito ruin: e de temperar a bõca de mais puro e agradavel sal. Porem vós daes a consolaçãõ de que acreditaes tudo isto? Vós a quem as festas do Pentecostes achaõ na permanencia da mesma vida? Dizei-me, depois que solemnizaes este egregio dia tendes a alma menos afogada no lodaçal dos vicios? Idolatraes menos uma vã beldade, funesto dom, que trans-tornou o jardim delicioso da humana creatura? Sois menos escravos desta paixãõ pudibunda, deste espirito impuro, que em virtude de uma declaraçãõ coeva do mundo nunca residio com o espirito de santidade. (\*) O maior adversario do Espirito de Deos he o espirito do mundo: porque este não pode admittir aquelle. Só isto he bem capaz de amedrentar as pessoas munda-naes na sua velhice, e até mundanaes nas suas rezas, que tem a morte no rosto, a piedade nos labios, e o mundo no coraçãõ. Sem resultancia alguma o Espirito Santo vos tem fallado pela boca dos seus Ministros, e pelas suas proprias inspirações: debalde o recebestes, pois õ desgostaes com a vossa pouca vontade de desprezar e abandonar o commercio errado, e daes a entender que não tendes temor de que o Espirito Santo em fim descontente se alongue de vós para mais não voltar: e ainda não saciados de assim proceder buscaes ter consortes na irreligiaõ. Quantos com suas ironias e escarneos desvanecem uma devoção que começa!

He preciso para não faltar o Espirito Santo obrar em conformidade com elle. Os Apostolos, dizem os seus Actos, pelo custo que haviaõ tido em dar os primeiros passos, julgando bem do que tinhaõ a defender,

---

(\*) *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est.*

recorrêraõ á Oração: *Unanimiter levaverunt vocem ad Deum.* Senhor, expressárao elles, testemunha dos nossos combates sabeis a força dos nossos contrarios, e vedes a nossa fraqueza, ouvis as suas ameaças, e conheceis o nosso esforço. ( \* ) Arrecademos, Christãos, esta relevante doutrina, quando se não persevera no bem he porque não ha vontade de o seguir. Quantas vezes ja tendes recebido o Espirito Santo, e quantas por causa das primeiras impressões no vosso coração se tem formado o plano de uma vida nova! Quantas vezes nos transportes do vosso zelo tereis dito interiormente a Deos, que vos falla ao coração, o que um Apostolo dizia a Jesus Christo pouco antes de subir ao monte da redempção da humanidade: Vós sois Senhor, o meu guia: eu vos seguirei a toda a parte que vos agradar conduzir-me. ( \*\* ) E quantos Santos taõ fracos e taõ duvidosos como vós de vem a sua persistencia e o seu diadema a uma só acção heroica effeituada debaixo da direcção do Espirito Santo, e pelo movimento da sua graça! Conclua-mos com as consoladoras palavras de Santo Agostinho: *Alnas fideis, vós que hoje recebestes os dons do Espirito Santo, ou que pelo menos ouvistes a sua voz, cuidai em reprimir-vos se quereis continuar na graça celestial.* E porque não o querereis? Tudo vos empenha nisso: o mesmo interesse de Deos e o vosso. Digo interesse de Deos, porque não he sem violencia extrema que o Espirito Santo se vê banido de um coração, de que elle he cioso: e posto que a sua felicidade seja independente da nossa ventura todavia o seu amor illimitado

---

(\*) *Et nunc Domine respice in minas eorum.*

(\*\*) *Sequar te quocumque ieris.*

sente-se dos nossos despezos á medida de que as suas bondades tem direito de esperar o reconhecimento dos nossos corações. Não angustieis pois o Espirito Santo com as vossas offensivas resistencias: (\*) dizia São Paulo aõs primeiros Fieis. Lembrai-vos que as vossas almas são a sua esposa , o seu templo, a sua conquista feita com o mais puro sangue do Filho de Deos: *Quom acquisivit sanguine.*

Recorra-se com frequencia a Deos: e seja isso com a mais profunda humildade. Faça-se-lhe a rogativa do Rei Psalmista, cujo coração foi o seu sacrario, e a boca orgão do Espirito Santo: Eu largo, Senhor, as minhas riquezas: eu consinto que me tireis o diadema: rogo-vos porem que não me priveis do Espirito Santo, sem o qual não ha no mundo solido bem, nem auréola na eternidade: *Spiritum Sanctum tuum ne auferas a me.* Sim, estamos no caso de dizer arrasta-me sempre o torrente das minhas paixões: eu acabo sem remedio se o Espirito Santo não esgota este torrente perigoso com o fogo que veio soprar na terra, se não afugenta as minhas trevas com as luzes Divinas, que hoje vem diffundir. Muito conforme aõs Apostolos antes da communicacão do fogo sagrado, melhor os imito com as minhas paixões, vivendo cativo dos respeitos humanos, e inimigo do Lenho da Salvaçãõ, que me desassocega. Tenho todos os seus vicios, quando terei as suas virtudes? Quando serei humilde como elles? Vós o podeis fazer Espirito Divino. Vós com o fogo celestial podeis aniquilar este tumulto de affectos impetuosos, que me confrange, e crear em mim um martir da Caridade como creastes nos Apostolos uns

---

(\*) *Nolite contristare spiritum sanctum.*

martires do Evangelho.

Senhor adoravel, que senhoreas o immenso Universo, por grandes que tenhaõ sido as nossas culpas mandai sobre nós o vosso Espirito de Luz, sabedoria, e ardente zelo, para que dirigindo todas as deliberações do nosso espirital governo, possaõ os acertos delle corrigir quanto tivermos desacertado na direcção dos nossos actos. Não nos priveis do vosso espirito, penhor precioso do vosso amor, manancial inexhaurivel de todos os bens, principio unico de toda a vida espirital. Fortificai os laços, que nos ataõ a elle: desviatudo quanto possa rompe-los ou afrouxa-los, e fazei-os tanto da nossa parte como da sua indesataveis e perpetuos: *Spiritu principali confirma me.* Fazei sobretudo que pelo bom uso das suas graças mereçamos a perfeição, e que por generosos esforços nos asseguremos a perennidade. Eis aqui Cultores de Christo todo o fructo, que devemos colher deste misterio comprehendido no misterio da Redempção, a cuja vista chama a Igreja á nossa culpa *ditosa*.

Queira pois o Espirito Santo unir-nos a elle com sempiternos nós, com aquelles liames com que vincula o Pai e o Filho em profundez impenetravel. Queira o mesmo Divino Paraclito, que nos faz participantes da adopção de filhos, e que diffunde a caridade nas almas, juntar-nos a todos naquella patria celestial, naquella terra de promissão da gloria, naquelle Thabor da bema-venturança, onde só ha bens sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal: onde se cinge o louro, que he dado á virtude: onde a luz immortal reverbera no centro da alma do Justo: e onde elle tem perpetua paz, e tem ventura.

Amen.

---

Carta reversal datada de 23 de Agosto de 1846 a um Officio datado de 22 do ditomez e anno, e assignado pelo Medico Joaquim Fructuoso Pereira Guimarães, Presidente da Sociedade Philomatica Paraense e por José de Napoles Tello de Menezes, primeiro Secretario da mesma Sociedade.

Illm.º Sr.

Enviou-me V. S.<sup>a</sup> na data de hontem uma Carta patente de Socio effectivo da Sociedade Philomatica Paraense com um exemplar dos Estatutos da mesma Sociedade. A apparição destes papeis me surprehendeo, porque ella não foi proveniente da minha annuencia a um convite previo, que se me tivesse feito: e porque me indicava ter formado a mesma Sociedade da minha capacidade para trabalhos Academicos um conceito extremamente gratuito.

Eu agradeço tanta honra, com que se pretende distinguir-me: mas esta distincção não suppre a falta do que me he preciso para ser util á Sociedade Philomatica composta das intelligencias summas da Provincia. Eu estou no principio da carreira dos meus estudos elementares, e embaraçado com as exigencias proprias da minha vocação ecclesiastica, e tudo isto he incompativel com as obrigações de membro effectivo de um ajuntamento litterario: tempo virá se Deos me ajudar, em que eu poderei mais real e proficuamente servir a minha patria. Tal he o poderoso motivo, que me necessita a enviar a Carta patente de socio effectivo e os Estatutos, renovando os meus agradecimentos por tanta excentricidade de consideração com a minha pessoa.

Deos guarde a V S.<sup>a</sup> Pará &<sup>a</sup>

Excellentissimo atque Reverendissimo  
Domino  
D. Josepho Alphonso á Morales Torres.

Præclarissimo Sanctæ Ecclesiæ Paraensis Principi,  
Sacræ Imperialisque Majestatis á Consiliis, Admodum  
Inclito Disciplinæ et Dogmatis Custodi, Vigilantissimo  
Religionis Atheletæ, Acerrimo Ecclesiæ Defensori,  
Prestantissimo Academiæ Brasiliensis Historiæ ac Geo-  
graphiæ Auxiliatori, Eximio Scientiarum Amatori, atque  
Seminarii Episcopalis Nobilissimo Reformatori.

Ad  
Significandum summæ venerationis, nec non profundæ  
testimonium ingenuum submisse

Dedicat et consecrat  
Joannes Sanches Monteiro Baena

Philosophiæ Rationalis Moralisque  
Theses:

Quæ, interveniente auxilio Joannis Sanches Montei-  
ro Baena, ejusdem scientiæ Professoris, in publico  
sustinebuntur et defendentur concursu á Scholæ supra-  
dictæ scientiæ Alumnis

Joanne Virissimo Alves

Daniele Petro Marques

et

Francisco Marianno á Loureiro.

In Seminario Episcopali

Die 18 Augusti. Redemptoris Anni

MDCCCXLVII.

Meminerint Deum esse Sapientiæ Duccem, Emen-  
datoremque sapientium ac fieri non posse, ut sine  
Deo Deum discamus, qui per verbum docet homines  
scire Deum.

( Greg. XVI. Enc. )



THESES PHILOSOPHIÆ

EX PSYCHOLOGIA.

1.<sup>a</sup>

*Psychologia, aliud non est quam animæ in se specta-  
tæ studium, et descriptione suorum statuum, operationum  
atque facultatum tota occupatur.*

2.<sup>a</sup>

*Si conscientiæ phænomena attendamus: anima definiri  
potest substantia facultate cogitandi prædita.*

3.<sup>a</sup>

*Mens humana discrepat essentialiter á materia seu sim-  
plex est, namque mens humana est p.incipium, quod duas  
ideas, duas sensationes inter se comparat, atqui tale prin-  
cipium necessario differt á materia.*

4.<sup>a</sup>

*Mens humana tanquam substantia simplex vi cogitando prædita, substantia spiritalis sive spiritus sit, necesse est.*

5.<sup>a</sup>

*Consentiunt vulgo eximii Philosophi per nervorum systema produci animæ et corporis mortuus: sed cum quæritur quomodo corpus in animam, et vicissim anima in corpus influat, variæ sunt opiniones: verumtamen quid, de iis opinionibus sentimus, breviter manifestum faciemus.*

6.<sup>a</sup>

*Cæterum mens humana, etiam si spiritalis sit et incorporea, cum corpore tamem organico, ex Conditoris instituto ad hominem constituendum conjungitur quapropter definiri elegantius potest spiritus cui organa corporea famulantur.*

7.<sup>a</sup>

*Existit in homine libertas, quam testatur sensus intimus, quam supponit agendi hominum norma, quam exigunt attributa divina: de illa nostram opinionem suscitati dabimus.*

8.<sup>a</sup>

*Jam ex idearum natura et origine agere debemus: ideo originem idearum spatii, temporis, nec non et infiniti in concertatione specialiter demonstrabimus.*



*Anima humana est ens, quod natura sua tam existentiam, quam vitam perpetuam continuat: ergo illa est naturaliter immortalis.*

*Constat in nobis existire animam seu principium cogitans á materia et corpore distinctum: ita ut existencia hujus principii necessariam habet connexionem cum existencia Dei, (\*) qui est Orbis Motor, atque Ordinator, virtutis Remunerator, et sceleris Ultor, scilicet, cui est honor, et gloria in sæcula sæculorum. Amen.*

---

ALLOCUÇÃO

FEITA NO ACABAMENTO DAS THESES ANTECEDENTES.

*Senhores.*

Finalizou o certame das Theses de Filosofia especulativa geralmente denominada Filosofia racional e mo-

---

(\*) *Ni l'aveugle hasard, ni l'aveugle matière,  
N' ont pu créer mon âme, essence de lumière.  
Je pense: ma pensée atteste plus un Dieu  
Que tout le firmament et ses globes de feu.  
[ Le Brun. ]*

ral. Nelle figuráráo de Atletas aquelles que tendo ouvido ss minhas prelecções se propuseraõ a dar um testemunho publico do estudo, que haviaõ feito, e pelo qual se tinhaõ sentido com alguma sufficiencia para uma disquisição filosofica. Compete-me patentear o meu contentamento aõ ver que este satisfactorio successo litterario contribue para apurar e fazer notorios os talentos destes meus Discipulos, que praticáraõ a louvavel deliberação desair do primitivo estado da ignorancia absoluta por meio da methodica acquisição dos conhecimentos, que compoem o corpo total das doutrinas, que constituem o objecto do ensino neste Ecclesiastico estabelecimento.

Este acto presenciado com o agrado, que transluz na frente individual desta authorizada assemblea, dá fausto começo á reputação litteraria dos Alumnos deste Seminario: he preciso que para não decair della continue o desenvolvimento dos talentos pelo expediente de uma applicação constante; com a qual só podem crescer os seus conhecimentos, grangeando uma erudição vasta e bem escolhida, e chegando a perceber a filiação natural de todas as sciencias e artes, a origem de todos os conhecimentos scientificos, a applicação da Filosofia á linguagem vocal, e as luzes que a mesma filosofia trouxe aõ seio da Politica e da Jurisprudencia.

Na Filosofia se encerra a possibilidade de cortar vigorosamente os nervos a qualquer disputa impia, conquistando-se todo o indicado acervo de conhecimentos proprios de cada ramo de doutrina: não essa Filosofia sceptica, que consiste num espirito de Atheismo, que falla sempre da natureza para fazer deslembrar o seu Author, que honesta todos os vicios, e desautoriza as virtudes, querendo transmutar os seres da nossa especie

em manequins de vida solta ou animaes sugeitos ás leis da necessidade: mas uma Filosofia sabia, moderada, e illustrada, que pisando o absurdo e o vil materialismo ensina a Analise das faculdades e operações do entendimento, a Arte de pensar e raciocinar, a Cosmologia, e os principios da Moral derivados do conhecimento de Deos, do homem e dos outros entes sensiveis, e como taes capazes de felicidade e de miseria, e que observa as maravilhas e as leis da natureza sem blasfemar contra o seu author, a Politica e as suas molas sem abalar os fundamentos da Sociedade, a Moral e seus ditames sem negar a distincção do bem e do mal: em summa aquella solida Filosofia exaltada pela Sagrada Escritura com o nome de Sabedoria, e necessaria aõ genero humano para aperfeiçoar o ser, de que o dotou liberalmente o Supremo Creador.

Com o compendio do Filosofo Catholico Storchenau nas mãos dirigi os meus Estudantes. Nunca lhes inculquei as doutrinas do seculo dos Encyclopedistas, nem as de Cousin, Jouffroi, Lacretelle, Alfieri, e Damiron, todos idoneos não de aperfeiçoar a mente, mas de instituir monstros, nem a Logica de Ponelle, nem o filosofismo chocarreante de Voltaire. Para multiplicar argumentos logicos, amplificar e esclarecer as minhas prelecções só me serviraõ as ideas dos sinceros amantes da Verdade e defensores acerrimos da Religiaõ Christã, quaes Bergier, Spedliere, Buchez, Combalot filosofo biblico, que assustou os Racionalistas da França desejosos de collocar o espirito humano sobre o gume do embrutecimento para fazer insensivel a magestade da Religiaõ, e o eloquente Fraissinous, que muito transcendeo aõs Padres Ravignan e Lacordaire em produzir subsidios da sciencia. Tambem não omitti expor noticia dos Dou-

tores do Ecletismo, fazendo ver quanto elles trabalhão a fim de que o Catholicismo não tenha mais encantos singulares para o coração.

A Htstoria Litteraria do ultimo seculo, toda indicado-ra da respectiva marcha do espirito humano no seu successivo desenvolvimento, está farta de provas de que entre os chamados filosofos não ha a verdadeira intelligencia das cousas divinas e humanas: nelles o vocabulo filosofia he representativo da idea de incredulidade, e que por isso se acha sempre na bôca e na penna dos escriptores apaixonadissimos contra o Christianismo. Todos estes arrogantes e soberbos defensores da mentira, escravos dos appetites, discipulos da razaõ frivola, e verdadeiros antagonistas da Religião, só merecem ser debellados pela jocosa ironia do modo Apologetico, com que um sabio Italiano escreveu o seu Plano para dar systema regular aõ moderno espirito filosofico, e que se acha traduzido por Dom Francisco Gomes, Bispo do Algarve, e impresso sem a posição do seu nome.

A incredulidade he ainda o dogma do tempo: mas a Religião Christã será perennalmente a mesma na sua hierarchia, no seu dogma, e na sua moral. A Biblia he mais sapiente que todos os maiores Filosofos: e por isso a crença Catholica faz progressos diariamente: tal he o estado geral das ideas em materia de Religião devido ao principio de uma Filosofia Biblica. O mundo intelligente só auxiliado pela Religião Christã poderá caminhar com passos firmes e seguros no obtenimento da Sciencia, que o levantará aõ auge natural de esplendor, a que as suas faculdades moraes o estão chamando.

Combalot, escriptor interessado nos gloriosos destinos, que aõs homens promettem a fé e a sciencia desposadas com a virtude, diz — O progresso da illustra-

ção não he se não o progresso da verdade e do bem: e como a Religião Catholica inclue toda a verdade, que he a fonte inexaurível do amor e da vida das intelligencias, he evidente que ella desdobrando-se plenamente não só em um povo, mas tambem na prole humana dará á illustração todo o complemento, que pode obter dentro dos terminos da duração. Se a noção e o sentimento Catholico do verdadeiro, do bom, do justo, do agradável, do util e do santo, penetrassem na consciencia, no amor, no culto, nas artes, no commercio, na industria, e nas constituições dos corpos politicos do globo da terra quanto os limites da creação o permitem, então sem duvida alguma a estirpe de Adaõ chegaria pelo Catholicismo aõ gráo supremo da civilisação, a que lhe he dado chegar. Esta proposição evidente para a consciencia Catholica persista inconcussa contra a duvida até que se veja que o Idealismo, o Sensualismo ou Scepticismo podem apresentar uma civilisação quando não superior pelo menos igual á que patentea o Catholicismo. E todo aquelle que trabalha para adiantar na intelligencia humana o triunfo do Catholicismo, trabalha para a civilisação do mundo. O incredulo he o missionario da barbarização dos homens: e está escripto que as Nações e os Reis haõ de mover-se com a tocha civilisadora da Igreja eternal: *Ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui.* —

Fóra da esfera do Catholicismo e das suas leis, Juventude estudiosa, não ha verdade, nem sabedoria, nem progresso, nem luzes, nem esperanza, nem vida para as intelligencias. Os altos misterios da natureza não se achão revelados nos Compendios Escolares, nem na pluralidade dos mundos anachronicos: he preciso catholicisar a sciencia, a Filosofia, e a Litteratura: he to-

mando a Religião Catholica por baze da Filosofia que se consegue o necessario vinculo da sciencia e da fé, e deixemos á Filosofia sceptica arrastar sem descanso e sem fim a longa cadeia da duvida. Foi com a observancia destes mesmos principios indibellaveis que este Seminario se fez venerado como templo e azilo da sciencia. Elle deo nos tempos passados homens virtuosos e allumiados, que merecêraõ justa veneraçãõ, e digno ascenso aõs lugares da Jerarquia Ecclesiastica: daqui sairaõ Aulistas, dos quaes um preside a Igreja da Bahia e he o Metropolita do Brazil, e o outro santamente falleceo cingido da mitra da Igreja Paraense. Todavia este periodo taõ salutar e distincto da educaçaõ clerical nesta Provincia padeceo alguma obscuridade, mas felizmente o desprezo dos estudos durou pouco: surde outra vez nesta Casa a tendencia, que nos tempos volvidos havia para a meditação das Lettras. O nosso bonissimo Prelado a auxilia pondo em acção todos os motivos capazes de accender o entusiasmo litterario, e a ambiçaõ de gloria, que obriga os homens a dedicarem-se aõ estudo das sciencias.

He sabido que o fructo da cultivaçaõ do entendimento priva o homem de ser olhado talvez com a ultima indifferença, e presta-lhe uma nobreza digna do mais alto apreço: sim, a distincção, que provem do engenho e litteratura, he apreciavel e honra e accrescenta lustre até á aquelles mesmos, que se achaõ elevados pela ordem social á mais alta Jerarquia. Taes foraõ os conceitos puramente intellectuaes, que animáraõ tanto a antiga como a hodierna mocidade Paraense, e que sem duvida guiáraõ os Alumnos, que buscáraõ a minha direcção nas disciplinas Filosoficas: foi de certo o amor das Lettras, e um calido desejo de i-

mitar a esses, que se abalizáraõ nos estudos deste Seminario, quem os alentou para apparecer hoje perante um taõ esplendido concurso de Paraenses com o fim de manifestar indicio da sua applicaçãõ convencidos de que todos elles ja prevenidos destes taõ estimaveis sentimentos haõ de desculpar tanto nos Discipulos como no Preceptor algumas deficiencias inevitaveis, e avaliar pelo pouco que temos proferido que em nós domina uma vontade resoluta, que naõ discrepa daquella, que conduzio os antigos a assignalarem-se na litteratura, deixando um nome, que ainda dura.

Eu me comprazo, meus Amigos, meus Concidadãos e Patricios, do vosso noviciado litterario: e espero que depois deste passo, que haveis dado, jamais amaine o vosso cuidado de estudar, pois he este o unico modo de alargar-se a vossa não vulgar aptidãõ para a cultura das leítras: e desta maneira constituir-vos uteis e benemeritos da Provincia, em que a sorte vos deo o berço, e que em vós deve depositar as suas bem fundadas esperanças de que se veja considerada no resto do Imperio como de justiça deve ser.

Disse.

---

Carta reversal para Joaquim José da Mota Cerqueira (\*) datada de 17 de Agosto de 1847.

Illm.º Amigo e Sr.

Do contexto da Carta, que V. S.<sup>a</sup> me escreveu no

---

(\*) *Naõ se achou a Carta deste homem entre os papcis*

dia 15 de Julho do anno subsistente, vou transferir para esta minha resposta a parte principal, que he o seguinte: " De tantos milhões de homens como nós habitadores da terra apenas um pequeno numero se occupa do desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes, e de adquirir distincções. Povos inteiros tem desaparecido da face do globo sem se duvidar do seu fim. Aonde se encaminhava a sua existencia? Tanta gente, que abismada em falsas ideas, em trevas perennes, passou do berço ao tumulo sem despertar, não eraõ homens como eu? O menino, que sem saber que existe, morre no ventre de sua Mai, não era homem como eu? O seu e meu destino são diversos? "

" Diz-se-nos que não he para este mundo que somos creados: o nosso destino está alem do horisonte da existencia temporal. Devemos pela virtude merecer uma vida melhor: ha inferno para o peccado, e Céu para a virtude. Porem como, se neste mundo tudo nos prova que raras vezes a nossa virtude obtem o Céu, e os nossos vicios o inferno? Céu e inferno! Uma e outra cousa não serão chimeras, filhas da ignorancia dos nossos maiores, que não tinhaõ palavras para exprimir o que elles achavaõ de divino em si ou fóra de si? Não serão hyeroglyphicos do espirito, que quer relações entre elle e o eterno? Quem nos revelou o infer-

---

*do Conego Baena para que a sua integra podésse ser mencionada aqui. A mesma resposta existia em forma, que indicava ser uma composição no seu primitivo estado sem correcção alguma: porem como nesse mesmo estado ella pode obter pouca censura justa da critica e da rectidão natural de juízo, não hesitei em ajunta-la aos mais manuscritos, que neste momento entrego ao prelo.*



no e o Céu? Os Christãos dizem que foi Deos pela sua palavra: mas o Pagão, mas aquelle cuja educação ou a sorte ou as suas proprias reflexões o tem arre-dado das doutrinas e da crença de seus Pais? ”

Se tenho o destino para outro mundo para que he preciso habitar este? Para talvez preparar-me para esse outro? Porem que preparação faz o menino, que morre na aurora da vida? Para que he essa preparação ephemerica de um ente que ri e chora? Sou destina-do para outro mundo, porque razão um véo o enco-bre aõs meus olhos! Porque uma voz não me expli-ca o imperio dos mortos? ”

Não me parecendo prole do seu entendimento todas as interrogações sobre-transcriptas: e aõ mesmo tempo a minha memoria accusando-me de eu as ter ja lido em um dos livros do Camarim de meu Pai: para de-cidir se este meu juizo era ou não alguma confusão da minha reminiscencia busquei o dito livro, que tem por titulo *O Forçado das Galés*, Romance Alemaõ de Hen-rique Zschokke, e no priineiro Tomo desta obra certifi-quei-me de que a minha lembrança havia sido bem segura. Como as sobreditas ideas expressas em theor interrogativo não eraõ oriundas da mente de V S.<sup>a</sup> mas sim nella acolhidas sem o correctivo da razão pu-ra, folguei muito entendendo que facilmente eu poderia desanuviar o seu espirito, e faze-lo restituir aõ do-minio, que he proprio do senso dos entes racionaes di-rigidos pela lucerna do bom saber.

O author deste Romance não pretendeo suadir a nin-guem dos conceitos intellectuaes contidos nas pergun-tas: estas foraõ feitas somente para pintar o estado de alguns homens, que abicados a um certo grão de cul-tura depois de terem sondado longo tempo e em vaõ

o profundo saber humano chegão aõ ponto, em que o bom senso se enturva, e a razão se transtorna: poucos ousão fallar temendo fazer os outros taõ desditosos como elles com as suas reflexões desesperantes: ou dissimulaõ as penas da sua alma, porque temem ser o riso e a desestimação do mundo. Muitos levaõ aõ sepulcro o seu pesar consumidor: outros afogaõ a sua dor nas devassidões, e se afundão em vícios para recuperar por meio de alegrias vergonhosas a perda dos mais nobres prazeres: elles talhaõ da sua grosseira filosofia o manto das suas deploraveis paixões, erigem mil illusões futeis, e a ellas se abandonaõ redondamente, e saõ vistos frequentar as Igrejas com o mesmo ar com que as irreverenceaõ.

Por toda a parte eu ouço gemer sobre a decadencia da Religiaõ, porque as Igrejas saõ menos procuraças, e que metade dos que ainda vão a ellas o faz por costume ou por naõ insultar a decencia, ou por motivo pouco honesto. He certissimo que a leitura dos escriptos modernos, e a infecção das chamadas luzes desabonaõ as praticas ordinarias da Igreja: porem o mundo engana-se julgando que a pouca assistencia aõs actos do Altar induz o esquecimento da Religiaõ: Deos e a immortalidade nunca terão olvido. He no silencio que para uma alma elevada a altos pensamentos a instabilidade das cousas humanas se torna um templo em que a morte sobe aõ pulpito: as forças de um espirito ainda pouco exercitado afrouxaõ, faltando-lhe apoio, e entaõ elle cai no desfallecimento, que se muda em uma especie de occulta desesperação, que o enche de tristes remedios.

A leitura da Historia Ecclesiastica, as perseguições dos Christãos, os soffrimentos dos nossos Santos e dos

nossos Martires, eis aqui as fontes em que se pode achar a luz celeste, a sabedoria, que nos deve servir como uma estrella guiadora nos caminhos tenebrosos da vida. O mundo he como um vasto templo, em que Deos he o Sacerdote magno: o extenso campo da Theologia e da Filosofia ministra o arnez impenetravel da religião revelada contra as catapultas da duvida e do ridiculo. Porem tambem os abuzos destes conhecimentos conduzem á temeraria empreza de entranhar na profundeza do mundo intellectual: muitas vezes procura-se a claridade e fica-se rodeado de crassas trevas. He assim que na razão inconsiderada as duvidas succedem rapidamente umas ás outras. Eu vejo um mundo cheio de velhacos endeosados e de credulos, e os mais altos interesses da humanidade illaqueados em mil grosseiras illusões.

Na pluralidade dos homens a molestia da duvida nasce provavelmente do falso uso das suas faculdades intellectuaes. Elles querem apresentar pela imaginação o que só pode ser apresentado pela razão: querem descrever debaixo de imagens o que não pode ser obtido se não pelo pensamento da mesma sorte que o ponto e a linha mathematica não existem se não na imaginativa. Em summa elles não sabem dominar a sua imaginação: esta em quanto a razão opera substitue insensivelmente imagens ás ideas puras, engana o filosofo, que toma umas pelas outras, e acaba por desesperar do exito das suas investigações. No momento, em que se passa do ameno theatro da imaginação para a tranquilla officina da razão, deixa-se obrar juntamente uma e outra: e isto faz muitas vezes que as primeiras producções do nosso espirito sejaõ monstros da classe daquelles que nos aponta Horacio na sua famigerada Epistola aõs Pi-

sões, á qual se deo com justa razaõ o titulo de Livro do bom gosto.

Quem não pode destruir as leis da razão não pode banir deste Universo para o reino do nada o summo Architector do Globo, que ordena, governa e anima tudo. O homem está posto pela sua consciencia e pelas suas qualidades preexcelsas sobre a summidade da escala dos entes: e uma prova da sua sublimidade he que pela organização mental elle he necessitado a pensar em Deos, o qual lhe plantou no espirito a semente da Religião. Em Deos elle conhece a sua imagem e reciprocamente vê reverberar em si proprio o esplendor sagrado da immensa Potestade. Embora um sabio de Escola ou do partido filosofante possa em seu egoismo confundir todas as ideas para brilhar e não para convencer, para fazer assomar duvidas e vangloriar-se com malignidade refinada de ter mostrado que não ha Deos, o brado do seu primeiro ministro, que he a natureza inteira, não soará menos em sua alma eternamente.

Sempre se volta aõ pensamento da existencia de Deos passadas as visões da imaginaçãõ, em que nos desgarramos, e nos aturdimos: o grito da razão atravessa todos os sofismas. Não se pode duvidar da realidade do Ente interminavel, cuja maõ liga em nó constante os Astros e as terras: seria preciso para isso que tambem se duvidasse da realidade de todas as cousas, da munificencia da sabedoria, e da santidade, que senhoreaõ no Universo: e nesse caso dever-se-hia crer que aquelle que nos deo orelhas, olhos, e entendimento, não tem elle mesmo a faculdade de ouvir, de ver, e de conhecer. Não podemos duvidar da immudavel verdade dos principios da razaõ: do contrario seria preciso antepor

a contradicção á constante harmonia da sciencia humana, o delirio á verdade, e vagamundear de absurdo em absurdo até esbarrar na duvida das nossas duvidas. He notavel que os scepticos pensem e obrem conforme a razão como os outros homens na vida commum, e que somente em Religiaõ se tresmalhem e produzaõ obras primas do desvario e do ardil. O espirito humano vê-se urgido pelas mesmas leis da sua entidade a persuadir-se de um Ente Supremo, bemque lhe seja impossivel conhece-lo pelos sentidos, ou prova-lo segundo o calculo mathematico, que conserva a certeza dos principios simplecissimos, de que parte. Esta crença he taõ intimamente ligada á razão que destruir uma he destruir a outra: isto he uma verdade sentida em todos os seculos: nenhum povo jamais enunciou *Conheço a Deos*, porem todos proferem *Creio em Deos*. A idea deste Motor dos Mundos naõ he uma tradicção, he a revelação immediata delle aõ homem: he o espelho, em que o espirito se vê no todo de Deos, e a consciencia, que temos do nosso ser, e de existir por Deos, em Deos, e com Deos. Jesus Christo naõ foi enviado aõ Mundo para nos ensinar que existe um Deos, veio na qualidade de Pai nosso revellar-nos como o devemos adorar em espirito, enlaçando a todos como irmãos em fraterna uniaõ santa e ditosa. O falso Filosofo nega o que naõ entende: elle he e será sempre desprezivel em quanto no mundo se der preço á virtude.

A vida humana he enxameada de phalanges de males, eu o sei: nada he estavel, tudo muda, e nós fluctuamos sem cessar no meio de uma irresistivel copia successiva de acontecimentos, e destinos imprevistos, que saõ objecto de queixumes amarissimos: mas vejo

precisamente nestas vicissitudes perennes o sinal do dedo de Deos, que nos adverte por este meio que devemos altear-nos sobre as cousas terrestres, e não procurar se não em nós mesmos, no nosso proprio ser, a nossa salvaçãõ, a nossa derradeira meta. O espirito do homem não he a possessão dos sentidos: a possessãõ do espirito he elle mesmo: nós caminhamos a través de uma successãõ incessante de fenomenos diversificados: elles nos apalpaõ, e nos deixaõ, e na actividade da sua appariçãõ desperta-se o nosso espirito, reconhece a sua essencia, desdobra as suas forças, e torna-se o que deve ser, um ente cogitante, activo e livre. Sim: eu sou um ser criado para mim proprio, actioso e livre: e como tudo faz alludir-me á minha individualidade, bem como toda a natureza, que me contornea, me abona a minha independencia, e desta arte me ensina a conhecer o meu merecimento, a minha sublime cathegoria na ordem da creaçãõ, vejo na independencia da minha pessoa a prova infallivel da minha perpetuidade, e que por assim dizer eu toco com os pés no pó e com a fronte naquelle unico Ser alto e divino, que tudo pode, manda, move e cria.

Ampliarei este meu sentir repetindo em conclusãõ o que a respeito da Providencia na ordem moral o persuasivo Frayssinous enunciou.

” He bem sabido que a questaõ da existencia e da origem do mal he uma das questões, que mais tem atontado os Filozofos, e os Theologos antigos e modernos, e que he o perigo da razaõ humana quando quer perscrutar e saber tudo. Eu tambem digo que he impossivel dissolver completamente todo o nevoeiro, que cinge esta materia. Se na meditaçãõ dos fenomenos do mundo visivel se encontra muitas cousas,

que enleiaõ a comprehensãõ dos sabios mais solertes, dos quaes toda a perspicacia naõ pode dar a razaõ daquillo que os emmaranha e embaraça, como numa ordem de cousas muito mais ingreme no mundo intellectual e moral deixarãõ de haver questões impene-traveis á capacidade humana? Que se deverá fazer nes-te cazo? Admirar-nos da Providencia em todos os ac-tos de possança e de sabedoria, que a revelaõ, e julga-la igualmente maravilhosa em tudo que nos encobre. Se vos despenhaes no atheismo, que loucura! Se admittis um Deos sem providencia, que contradicçãõ! Se vos aba-lançaes a dizer que naõ ha bem nem mal, que tenebrosi-dade! Ha sem a menor sombra de duvida uma Provi-dencia, que rege o mundo: e ha mal no mundo: duas ver-dades igualmente incontestaveis: porem como se accom-moda uma com a outra? Quanto a mim contento-me com dizer-vos que nada sei, e lembrar-vos com os enge-nhos assás distinctos, quaes Descartes, Clarke, Bos-suet, que jamais se deve abandonar verdades funda-das por difficuldades que pareçaõ insoluveis, pois sem isso tudo será incerto até as mesmas luminosas ver-dades da Geometria. Euler, o primeiro Geometra do ultimo seculo, confessou que se propozeraõ contra a sciencia, que tem por objecto a medida da extensaõ, difficuldades taõ capciosas que muito custou a refuta-las primorosamente. Assim, quando eu naõ podésse esclarecer sufficientemente a questaõ da permissãõ e da existencia do mal no mundo, a minha fé na Pro-videncia naõ se veria aluída: seria firme na confiança da verdade, e aõ mesmo tempo confessaria a minha ignorancia, e obedeceria ás mesmas inspirações de u-ma razaõ aclarada, curvando-me ante as perfeições da sciencia de Deos. Em tudo he preciso saber parar:

tanto no raciocinio como na pratica a verdadeira força reside numa adequada medida ”.

” Naõ receio encetar a discussãõ: e sem querer desbaratar todas as duvidas apresentarei aõs genios sabios e doceis bastante luz para ver que o mal nada tem de inconciliavel com a santidade, bondade, sabedoria e justiça de um Deos, que preside os destinos humanos. Convenho que o homem naõ goza neste mundo de uma ventura pura e sem mescla, porque elle he uma creatura, e como tal restringido em todas as partes da sua essencia. Naõ he pois para estranhar que elle naõ tenha bastante intelligencia para ver á prima vista todas as verdades em galeria: que naõ tenha bastante poder para dirigir á sua vontade a natureza toda: que naõ tenha bastante virtude para possuir todas as virtudes no mais erguido grão de perfeiçãõ. Ora se he mui natural que o homem naõ seja consummado em luzes, em poder, em virtudes, porque se quererá que elle seja consummado nos prazeres, na saúde, na felicidade? Os homens no acto das suas penas desconhecem a bondade divina, e parecem-se com esse homem ridiculo da Fabula, que mordido de um insecto vociferava porque Jupiter naõ disparava seus raios sobre tal monstro. Se Deos sem descontinuar de ser bom pode permittir alguns instantes de padecimento, porque o naõ fará por uma hora, um dia? E quem somos para oppor os nossos juizos á impenetrabilidade da sua adoravel sabedoria.?”

”Falle-se como se quizer de todas as miserias humanas, he sem duvida que bem poucos homens ha taõ infelices que desejem a morte, e prefiraõ o nada á existencia actual: e que segundo o curso ordinario naõ experimentem muitas vezes sentimentos de prazer e ale-



gria, e que os males que soffrem não sejaõ sempre temperados por algumas consolações aõ menos pela esperança. He com a esperança do bem que podemos lenir nossos males. O homem, dizem, he infeliz: porem se a infelicidade pode servir para apurar e aperfeiçoar a sua virtude, e desenvolver todas as qualidades do espirito e do coração, e leva-lo aõ auge do heroismo, entã veremos que essa infelicidade he um feliz accidente, que nas vistas paternaes da divina bondade encaminha-se aõ bem do estado das cousas. O homem he infeliz: mas se os seus infortunios e seus desprazeres são producções suas para que os imputaõ á Divindade? Muitas vezes o homem he a causa genuina dos phenomenos moraes da sua vida: sejamos mais moderados em nossos desejos, mais reservados em nossas fallas, mais racionaes em nossos intentos, mais sobrios, mais temperados, mais arredados da sensualidade e dos vicios, que afracaõ a alma e o corpo, e veremos a nossa existencia desempeçada do maior numero de males que supportamos. O homem he infeliz: porem cuidemos em não nos enganarmos ácerca da prosperidade. Não se he feliz nem pelos bens da fortuna, nem pelos cargos, nem pelo saber, nem pelos folguedos do mundo, nem pela solidaõ: mas ha felicidade pelo testemunho de uma consciencia sem defeito: he assim que se acha a paz, o prazer solido da alma, a ventura: e neste assumpto os nossos escriptores sagrados são muito mais alumiados que todos os sabios da antiguidade. Essa ventura, esse prazer solido da alma he do conseguimento possivel de todos: não está no poder de alguém usurpa-lo: elle he independente de todos os acasos da vida inperduravel: existe em nós ainda quando tudo desabe na contiguidade da nossa pessoa. O homem virtuoso pode padecer muito: mas

na serenidade do seu espirito puro não ha de querer permutar a sua sorte pela dos perversos, que pareçãõ ser os mais venturosos dos mortaes, e as cadeias que o apremarem lhe serãõ mais gratas que todas as lauréolas do vicio ovante..”

” O Tres vezes Santo, com que os Livros sagrados cognominaõ a Deos, e com que os Céos se enlevaõ, tem aversaõ infinita a todo o defeito, que macule o seu ente divino, e uma invariavel vontade de nada fazer que seja desmerecedor das suas perfeições, e por isso o mal só afeia a quem o perpetra, ficando inalteravel a santidade de Deos nessas desordens. Não se pense que Deos deva ser olhado como o author do mal que elle tolera: o mundo moral differe do mundo fisico, no qual tudo se move, tudo se exercita por movimentos mecanicos, e os phenomenos que a natureza nos manifesta podem ser considerados como obra de Deos todas as vezes que elles saõ o resultado das Leis, de que só Deos he o instituidor. Porem não he desta sorte que os espiritos intelligentes e livres se dirigem: o homem he capaz de conduzir-se por escolha e razão: elle he dotado da especial faculdade de comparar, de reflectir, de resolver-se com advertencia e consideraçaõ: he assim que elle he racional. A liberdade foi-lhe dada para que admittisse o bem por selecçaõ, e que tivesse a benemerencia de o praticar. Verdade he que elle livre na preferencia do vicio ou da virtude pode pender e inclinar-se para objectos indignos das suas affeições, apegar-se aõ que lhe está prohibido, em uma palavra, fazer mal: mas não foi para isso que Deos o instituiu livre: a liberdade procede de Deos, o abuso do homem, a sua deliberaçaõ para o mal he obra d'elle. O mal he taõ remoto do alvo da creaçãõ que Deos implantou no co-

ração do homem o sentimento do bem, a consciencia, o remorso, a razaõ, para não confundir-se a virtude com o vicio, para affastar-se de um e buscar o outro. E a Religiaõ faz-nos conhecer todos os soccorros divinos que a providencia misericordiosa acrescenta á natureza para aclarar o nosso espirito, e commover o nosso coração. Quem não vê que permittir o mal não he o mesmo que procura-lo e pratica-lo? O mestre de Dialectica e de eloquencia será o author do abuso, que se faça das suas explicações para a defesa do vicio e da mentira ”.

” Porem dir-se-ha como a bondade do Supremo Dominante não impede todos os abusos do livre arbitrio conforme lhe he mui facil? Sim: Deos deve manifestar-se pelos beneficios, e todas a suas obras devem paten-tear o cunho da sua munificencia, mas nisto ha uma reflexaõ decisiva e necessaria, e he que em Deos a bon-dade não he uma especie de propensaõ e de instincto cego sem talento e sem regra, que se endereça aõ bem das creaturas sem respeito algum aõs mais attributos divinos. O governo de Deos em suas obras não deve somente mostrar o character da sua benignidade, mas ainda o da sua sabedoria, da sua justiça, da sua inde-pendencia, do seu imperio augusto sobre tudo quanto vive e se recreia. Não será natural que as suas obras sejaõ a imagem de um ente divino, e que Deos opere como Deos? He preciso considerar nelle alem da qua-lidade de Pai a de Senhor do Universo. Pai commum de todos os homens, que ama por igual a elles e os An-jos, mas tambem Soberano e Legislador supremo po-de impor leis, exigir de nós culto de submissaõ e de agradecimento; e fazer provir a nossa ventura da nos-sa fidelidade. Os abusos do livre arbitrio, fonte do mal, são lastimosos: bem como o desvigor da nossa intelli-

gencia, fonte de tantos erros, he para nós aviltante: porem se Deos não tem precisaõ de fazer-nos infalliveis em nossos juizos, como a teria para nos fazer infalliveis em nossos actos? Querer-se-ha que para impedir o mal elle cative a nossa liberdade, que faça de nós automatos movediços unicamente para o bem? Aonde estaria entãõ o merito da virtude? He o poder obrar o mal que dá preço á nossa fidelidade, que constitue a pratica da virtude meritoria para nós é gloriosa para a Divindade. Só querem ver em Deos a sua bondade para que os desassombre nos seus desconcertos, e esquecem-se da soberania do Arbitro Augusto dos Céos, porque ella intimida as suas paixões: porem se não querem enganar-se dando ás obrigações da bondade divina uma latitude imaginaria considerem em Deos sempre vinculado o titulo de bonissimo com o de altissimo”.

” Se insistindo de outro modo, se pergunta como Deos sabio pode ser o author de um mundo cheio de desordens, responderei que este Deos he assás potente para converter em bem o mal, e ainda para constituir o mal em maior bem: que a permissãõ do mal, que se figura como contrario á sua sabedoria, só serve para a fazer scintillar mais: e que a muitos respeito o mal contribue para a belleza e perfeiçãõ do mundo moral. Na verdade quem não admirará como Deos sabe governar a multiplicidade de vontades livres e oppostas, fixar até o seu mesmo desconcerto, fazer re-entrar na ordem universal as suas diversas inversões, e conservar as sociedades civis não obstante a commoção e o debate das paixões contrarias, que tendem a confundir e a destruir tudo! Só se trata de observar os vicios, as desordens, que são a vergonha e o fla-

gello da humanidade, e não se quer ponderar que vera e infelizmente he um mal que sem embargo disso se transmuta em bem. Com a acção do vicio sobresaí a virtude, bem como com a tempestade se realça a claridade de um sereno dia. A generosidade rutila mais aõ lado da avareza: a pureza dos costumes a par da devassidaõ: a clemencia no meio dos furores da vingança: a paz familiar entre as discordias, que muitas vezes desassocegaõ o sanctuario domestico. Desta maneira pode-se dizer sem hyperbole que no mundo moral como no mundo fisico ha uma especie de belleza, que arrebenta das opposições e dos discrimines. ”

” Collocarei neste lugar uma observação importante para fazer sentir quanto devemos ser judiciosos em fallar da vontade de Deos e da sabedoria dos meios, que elle emprega para chegar aõs seus fins sobre a terra. Postos em um só ponto do tempo e do espaço estamos mui acostumados a apreciar somente o instante e o lugar em que nos achamos, e por isso não examinamos como deviamos toda a concatenação dos seculos. Fustigados do mal presente vivemos pouco para conhecer a connexaõ com o bem universal: e porque em seus designios a Providencia não se conforma com as nossas pretensões lança-se maõ desta desconformidade para blasfema-la. Os designios de Deos são incircunscriptos, e a nossa vista limitadissima: vemos bem por ventura as relações do que he com o que tem sido, e ha de ser? Conhecemos-lhe a coherencia com a plenitude e o fim ulterior de todas as obras da Essencia Superna para as sujeitar á nossa censura? Muitas vezes o tempo decifra o intuito dos acontecimentos: e o que he indizível aõs contemporaneos, que o presenciaõ, não he mais intelligivel

para os vindouros, Do mesmo modo não deverá excitar antes admiração do que queixumes a sensível historia do innocente filho de Jacob, na qual vemos que os seus infortunios de ser vendido pelos seus irmãos escravo no paiz sujeito aõ dragaõ do Nilo como Ezequiel chama a Pharaó, e de ser lançado numa masmorra, foraõ outros tantos degráos, pelos quaes subio aõ cume do poder, em que veio a ser o salvador do mesmo Egypto e da sua Tribu, e que todas essas adversidades fõsem como o eixo, em que volvessem os destinos de um povo inteiro? Não deverá tal quadro historico provocar antes o assombro do que a murmuração? De ordinario as nossas queixas são taõ injustas, taõ irreflectidas, quanto ellas são communs."

"Quando nos tempos longiquos os Barbaros aquilonaes se arremessáraõ sobre as Provincias do Imperio Romano, e causáraõ tantas devastações no meio dos Gaulezes, Castelhanos, Italianos, e outras nações Catholicas, succedeo que os Christaõs debeis na sua fé perguntassem como era possivel que o povo fiel se fizesse victima do erro e da infidelidade. Salviano, Sacerdote eloquente de Marselha, julgou dever pegar na penna para soster os queixumes, e defender a Providencia em uma obra, que ainda subsiste. Nestes nossos dias entre as nossas agitações politicas e religiosas, e as nossas deploraveis desordens, quantos vacillantes, perturbados, offendidos, não se terão visto na fraqueza de dizer que Deos não se embaraça com o que se passa neste mundo! Quem não terá ouvido este modo de pensar? E tudo isto o que será aõs olhos do Author da maquina do Mundo? Com os nossos queixumes e nossas blasfemias a respeito dos nossos males parecemo-nos com o insecto, que julgava

ter-se virado o globo, porque uma gota de agua entrara no seu habitaculo. Sim, ha sempre algum intento occulto nestas desgraças, nestas confusões, que mudaõ de tempos em tempos a face das nações. Se o Céu nos revelasse os seus misterios veriamos quanto he recondita a sabedoria incriada. E nós mesmos posto que mui demarcados não poderemos entrever alguns motivos destas revoluções estranhas que sacodem os povos? O que são revoluções? São molestias facticias, das quaes mil charlatãos sabem aproveitar-se. De que servem as revoluções? Para punir as nações criminosas. A justiça divina obra principalmente na vida futura sobre os individuos, e unicamente na vida actual sobre o corpo das Nações. Logo que a medida dos vicios, das desordens, da irreligiaõ, nos Principes, nos grandes e no povo, tem chegado aõ seu cumulo, manifesta-se a vingança, e Deos zeloso das publicas homenagens de uma nação pune-a visivelmente da sua revolta e da sua ingraticidaõ. Elle faz conhecer aõs poderosos que estes impunemente não daõ aõs povos o exemplo do abuso da lei, da moral e dos bons costumes, e tambem aõs povos que elles não seguem impunes aquelle funesto exemplo. De que servem revoluções? Para ensinar aõs que fingem ignora-lo que o Motor dos Mundos faz acabar quando lhe apraz os reinos e as pessoas; he para nos advertir que enviemos as nossas esperanças alem deste mundo, no qual he tudo agitaçaõ e incerteza: he para regenerar povos aviltados e corrompidos por todos os vicios, e tira-los da indolencia. Ha-os taõ afundados na indifferença que não se despertaõ se não aõ estridor destas pavorosas tempestades. De que servem revoluções? Para reconduzir os povos desgarrados pela

mentira ás doutrinas verdadeiras, necessárias, e longo tempo desprezadas. Quando os máos ensinõs predominaõ: quando todos os principios conservadores da moral e da ordem publica são espezinhadõs, e que se habitua a chamar mal aõ que he bem, e bem aõ que he mal, como se haõ de despreoccupar os espiritos? Será pelo meio da razaõ? Ella naõ he ouvida com o fragor de todas as paixões desenfreadas. Será pelo influxo da experiencia? Impedem-o os prejuizos, fructo da ignorancia e da credulidade. Será pela authoridade dos Sabios? Menos: porque ha espiritos pavidos e senhoreados por maximas illusorias. Aonde pois se dará com o remedio para este grande achaque dos espiritos? Para o sanear precisa-se de uma experiencia maravilhosa, sensivel a todos. A Providencia afasta a sua maõ, abandona os homens á sua intemperada sabedoria, permite que levados pela impetuosidade da razãõ disparatada se arrojẽm fóra das sacras barreiras da Religiaõ e da virtude, e de repente o mundo politico e moral se desordena, quebraõ-se as molas, vacillaõ os sustentaculos, o edificio social se alue, e cai sobre os seus cimentos abalados: he tudo um mixto de impiedade e desenfreamento."

"Entretanto o mal pelos seus mesmos excessos será guarecido: no amago da anarquia e de todas as calamidades conglobadas o homem experimenta a necessidade de uma repressãõ energica e de um poder tutelar: todos os olhos volvẽm-se para aquelle eterno Senhor, fonte interminavel de todo o bem, e galardoador certo das boas obras: a terra aprende com as suas desgraças: renova-se pela mesma enormidade dos males, que padece, e do meio das ruinas do mundo derrocado sai uma voz poderosa que clama aõ longe como o clangor da



trombeta: E agora entendeis ó Monarchas, instrui-vos, vós que sois chamados a governar o genero humano. *Et nunc, reges, intelligite; erudimini, qui judicatis terram.*”

” Daõ-se os homens por offendidos das abjecções e padecimentos da virtude, e das prosperidades e triumphos do vicio: e ousarão elles asseverar que Deos não tem nos thesouros da sua pujança e da sua sabedoria meio algum de resarcir um mal taõ escandaloso? Se elles o julgaõ infinitamente sabio creiaõ tambem que nestas desordens que os offuscaõ ha alguma disposiçaõ abstrusa. Nunca os sofismas poderão abafar o grito da natureza, da consciencia, no genero humano, de que ha uma Providencia. Se os homens não vêm claramente no mundo como se possa ajustar com a justiça o destino do vicio e da virtude he muito mais assizado confessar a sua incapacidade que valer-se de argumentos chimericos. Desconhecer uma verdade como a da Providencia, porque está rodeada de alguma desclaridade seria desconhecer a existencia do Sol quando está toldado pelas nuvens. Um meio só ha de justificar plenamente a Providencia, e este deve-se tomar avidamente primeiro do que formar queixas. Não será possivel que aquillo que se vê terá connexaõ com outra ordem de cousas, que ainda não tenha sido vista? Que este mundo imperfecto seja o esboço de um mundo muito mais regular, onde tudo esteja collocado em seu lugar? Porque não se entenderá que o Ente sempiterno tem designios sempiternos? Não será proporcionado que Deos opere segundo a congruencia da sua eternidade? Olhe-se para as cousas debaixo deste ponto de vista, e todas as duvidas desaparecerão. Qual poderá ser effectivamente o objecto das queixas? As felicidades do vicio? Essas

saõ impermanentes, e devem inunda-lo de confusãõ perante o tribunal irrecusavel do Juiz Supremo. As agõnias da virtude? Estas lhe asseguraõ uma coroa eternal. Os soffrimentos do Justo? Elles serãõ mudados em prazeres immensos de gloria e de bemaventurança.”

” Naõ posso deixar de admirar esta Religiaõ Christã, que descobrindo-nos a origem dos nossos males na cegueira de entendimento proveniente do delicto maximo do nosso primeiro progenitor nos mostra o remedio, que ajuntando novas luzes às da razaõ converte em certeza as opiniões nutantes da filosofia humana, fixa todos os espiritos na crença da vida do vindouro seculo, explica desta sorte o mundo temporal pelo mundo sem fim, e ensina que as mais leves desordens, que podem ser experimentadas na terra, serãõ completamente indemnizadas no reino da justiça perennal. ”

” Outras offuscações ha sobre a Providencia, que saõ inseparaveis de todas as altas questões, de que pode occupar-se o espirito dos homens: todas se dissipãõ, fazendo-se calar para sempre nossos queixumes e nossas murmurações. Se somos afortunados, saibamos prestar homenagem á Providencia pelo bem de que gosamos: se somos desditosos, convem-nos gemer cordialmente sobre os nossos infortunios, e acreditar que Deos nos fere para bemaventurar-nos. Naõ fallemos mais dos lances e accasos da fortuna: veja-se que tudo saõ desenhos patentes ou secretos da Maxima Sabedoria. Sim, aquelle que governa a empyrea altura e rege a natureza, recreia-se neste Universo, abraçando nos cuidados da sua providencia o insecto, que roja por baixo da hervinha, o Sol que nos allumea e influe no desenvolvimento dos principios fisicos da vitalidade de todos os corpos organicos, o pastor no seu palhal, e o Monarcha no

seu throno: grande em sua justiça quando castiga os Povos: grande em sua misericordia quando os instaura: grande neste mundo, que não he mais do que uma sombra dos seus insondaveis projectos: grande sobretudo no futuro seculo, em que elle deve pôr o sello ás suas obras. Sempre, e em todos os pontos do Orbe digno das nossas adorações e do nosso amor, elle só existe em quanto tudo passa sob seus olhos, e as obras mais estaveis da mão humana dão ou cedo ou tarde com a sua queda uma submissãõ estrepitosa á sua immutabilidade”.

Com esta minha ampliaçãõ por meio da repetiçãõ a meu modo dos pensamentos do egregio Frayssinous estendi na verdade esta minha resposta: mas tambem empreguei o que era bastante para apresentar a Religiãõ illibada dos ataques da incredulidade sem ser necessario usar de vãs e pomposas declamações contra o que hoje se denomina Filosofia, as quaes não quero e menos os ardis de uma dialectica artificiosa, mormente escrevendo a V. S.<sup>a</sup> que me poz no caso de responder á sua Carta como entendesse a bem do deslaçamento das suas duvidas. V. S.<sup>a</sup> em meu conceito não deve ser levado, sim unido á Religiãõ pelos laços da convicçãõ a mais reflectida e a mais interna. Feliz eu se com a presente resposta longe de molestar o seu animo lhe roboro o desejo de instruir-se lendo as Conferencias sobre a Religiãõ do ja apontado Mr. Denis Frayssinous, e o Opusculo intitulado Concorancia das Sciencias naturaes, e principalmente da Geologia com o Genesis, fundada sobre as opiniões dos Santos Padres e dos mais distinctos Theologos, e extrahida de um trabalho do Marechal Marquez de Saldanha sobre a filosofia de Schelling. Cujo

opusculo, que foi impresso na Cidade de Vienna, inspira pia convicção aõs que o lerem: o seu author seguindo o genio do dito Schelling não só ensina a partir do mundo visivel para o intellectual e moral, mas ainda consegue que se despreze totalmente a filosofia transcendental do celebre Manoel Kant, o qual empregando a metaphisica para conhecer o mundo sensivel tem feito de muitos dos seus leitores outros tantos incredulos.

Honrou-me muito V. S.<sup>a</sup> enviando aõ senso do verdor de meus annos as suas interrogações, as quaes são identicas com as do Forçado das Galés, como ja acima indiquei: falta-me altivez de pensamentos, nervo de razão, prestigios polidos de uma elocução elegante, que me podessem servir e utilizar a V. S.<sup>a</sup> nas suas indecisões: porem como estas naõ se derivaõ da indole do seu coração facilmente se hão de desvanecer com a leitura dos Livros, que lhe tenho apontado, e fico certo de que desta arte ambos ficaremos bem, podendo dispor em seu serviço da boa vontade, que para isso experimento em meu coração sempre disposto para actos beneficos.

Deos Guarde a V. S.<sup>a</sup> Pará, &<sup>a</sup>



O RAÇÃO ( \* )

A NOSSA SENHORA DO SOCCORRO

Pronunciada na sua Igreja do Lugar de Azevedo permanente na mesma terra da Villa de Camutá um quarto de legoa abaixo desta Villa no dia 26 de Setembro de 1847, anniversario da Festa da Irmandade da dita Senhora.

Ascéndens Jesus in naviculam, transfretavit, et venit in Civitatem suam.

Eis aqui, Cultores de Christo, o que nos relata São Matheus no principio do Evangelho ha pouco annunciando junto aõ escabello do Altar. Elle expoem aõs applicados á Fé e á Religião um dos prodigios assombrosos do Medianeiro pronosticado pelos Profetas, que veio annunciar aõs Povos a Lei da Graça: e esse prodigio he o da prompta cura do Paralitico, que as Turbas lhe apresentáraõ, as quaes possuidas de viva fé e dos soccorros da graça conseguiraõ serem attendidas debaixo do preceito de que conservando a mesma fé, e detestando de todo o coração os peccados proprios, mereceriaõ a

---

(\*) O Conego Baena, que se achava na Villa de Camutá com licença de um mez para uso de banhos, encarregou-se desta Oração por condescender á vontade do Conego Honorario e Vigario da dita Villa José Antonio Ventura, e do Tenente Coronel Pedro Miguel de Moraes Betencourt, os quaes no dia 14 do sobredito mez o instaraõ para que elle fosse a voz da Festa.

absolvição da pena. Palavras santas e venerandas, que deviaõ ser consideradas como preceitos de uma lei evangelica, mas que não deixáraõ de ser abocanhadas por alguns dos Doutores da Lei chamados Escribas entre os Hebreos, julgando-as proprias da boca de um blasfemo do grande Jeheovah. Porem o Salvador da humana estirpe atalhou seus mãos pensamentos admoestando-os do vicio dos seus corações, e assegurando-lhes que tão facil era perdoar peccados como dizer á aquelle Paralitico levanta-te e anda: *Surge, et ambula.*

Sim, Christãos dotados de verdadeira piedade, o Paralitico ergue-se subitamente do leito da inacção á voz do Homem Deos, e com passos firmes e desempedidos caminha para o seu domicilio. Foi entaõ que os ruins abocanhadores se viraõ penetrados de temor, e passáraõ a magnificar a potestade do Redemptor, que satisfez a fé daquelles que apresentáraõ o Paralitico, assim como õ tinha feito á filha de Cananea pela fé de sua mai, e bem como acontece aõs regenerados pela agua e pelo Espirito Santo, que são salvos pela fé da Igreja e dos Padrinhos, porquanto sem a fé não se agrada a Deos, nem sem ella se entra no Céu.

A sagrada Collecção dos Evangelhos neste e em outros factos apresenta um testemunho irrecusavel da Divindade daquelle que com a sua oblação consummou o beneficio da Redempção purificando o peccado do Pai da humana próle, que tinha abrangido o genero humano inteiro. Innumeraveis são as graças, que Jesus Christo espargio durante a sua vida até o momento, em que banhado de sangue e pendente em afrontosa Cruz sentio no terrifico Golgotha a face envolta pela Morte entre horrores. E lá do ethereo Throno, que he centro de tudo, continúa ainda a liberalizar beneficios

com aquelles que o amaõ e o temem. Porem, Catholicos, quem naõ recorda pelas accões do nosso Salvador a idea daquella que nos promoveo a felicidade temporal, e a felicidade eterna. Foi Maria Santissima, que com o seu *Faça-se em mim* humildemente respondido aõ celeste Mensageiro nos salvou da perda maxima e sem parelha, em que nos lançara o fatal peccado provocado no Jardim delicioso da humana creatura pelo Despota tremendo da escuridaõ eterna: pois que desse *Faça-se em mim* nasceo o Redemptor, que por seus proprios meritos e soffrimentos nos abrio as portas das mansões eternas, onde relumbra inalteravel dita.

Desde esse momento misterioso ella he sem duvida a Deipara, e a nossa Mai, que nos resgatou do abismo, em que nos lançara a maõ recalcitrante de Eva: he nossa protectora fervorosa e constante, que jamais entrega á desatençaõ as nossas preces, deixando de interceder pela nossa causa. Amparados pelo seu patrocinio sentiremos desvanecidos nossos temores, e veremos facil e pervia a estrada da salvaçaõ. Parece até que nos conduz invisivelmente pela maõ: que nos falla aõ coração ainda que os nossos olhos a naõ divissem. A' sombra da sua intervençaõ saõ menos intensos os males, que nos affligem: temos mais valor em nossos padecimentos: olhamos para elles sem grande abalo, e naõ poucas vezes com alguma alegria.

Salve, Mai Virgem, puro amor do Eterno: tiveste origem no homem, e em ti o Filho de Deos, e desta maneira uniste Deos com os homens. Persuadidos como convem que estejamos do poderoso valimento da Santissima Mulher com o seu Divino Filho, e reverentes dentro do sagrado ambito desta Caza de Oraçaõ depo-

nhamos as coroas e grinaldas de louvor urdidas pela mais sincera e actiosa devoção, e com ellas daremos uma resoluta prova do nosso amor e gratidão á Esposa do Deos Vivo e Templo augusto do Senhor, que governa os Céos e a Terra. Todos comigo a saudem dizendo *Ave Maria*.

Para contextuar o panigirico da Virgem, de Deos Mai, Esposa e Filha, não preciso das flores do bem fallar, dos diamantes de agudas sentenças, da gemma da arte cortezã, como diz um antigo Prelado Portuguez (\*) no seu Tratado da eloquencia ser conveniente em um panigirico, cujo genero e estillo tem liberdade no ornar, e soffre não somente todas as naturaes cores da Rhetorica, mas ainda as postiças: e daqui vem as hyperboles, com que se exaltaõ os talentos, o poder, as acções dos Optimates do mundo, que buscaõ luz de coruscante gloria. De nada disso careço para arranjar completamente o meu discurso elogiaco: farei a minha exposiçaõ digna do seu assumpto, guiando-me pela verdade, que he a primeira necessidade e o primeiro bem do homem, e que particularmente em materia de Religiaõ dá ideas altas e puras da Divindade, e ensina a render-lhe venerações congruentes a ella, bastando-lhe para isso a sua propria luz candida e formosa, a qual não necessita de roupas recamadas de atavios imaginaveis.

Depois que se confundio a geração do Profeta Reí com as familias da mais obscura condicçaõ decaindo do antigo fasto, que lhe dava o Throno, nasce dessa linha de Abrahaõ Maria, e vive desconhecida na sua mes-

---

(\*) *Dom Antonio Pinheiro, Bispo de Miranda e de Leiria.*



ma Tribu, porque o homem Deos tinha de apparecer em estado vulgar neste valle de provaçãõ. Naõ ignorava ella a altura da sua ascendencia, nem a molestava a differença existente entre a sua situaçãõ e a dos seus Avós, nem a menor saudade experimentava, antes reverente agradecia a Deos o que lhe coube em partilha das grandezas dos seus Maiores. A sua humildade, a sua pureza virginal, os seus costumes immaculados, eraõ todo o seu merito pessoal: tudo isto reunido a constituiu merecedora de graças singularissimas e con-dignas á excelcissima dignidade de Mai do Redemp-tor de toda a especie humana. Nós naõ temos para applaudir nobre e sublimemente esta dignidade melho-res palavras do que as da mulher referida por São Lucas em um dos seus Evangelhos, ei-las: Ditoso ventre, que te acarretou, e ditosos peitos, que te ama-mentáraõ: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera quæ suxisti.*

Certamente, Catholicos, Jesus Christo he o fructo do ventre de Maria: em seus castos peitos foi criado: em seus labios virginaes pousou a fronte: porque ella era a misteriosa flor de Jessé, a esposa do Senhor, a honra dos Coros Angelicos, e desvello dos que viaõ no vindouro os pontos de crença da Lei da Graça, a nossa Soberana e a nossa salvaçãõ.

Logo que o Nuncio do Céu, Gabriel interprete fiel entre Deos e os Justos, diz a Maria que ella he aben-çoada entre as filhas de Adaõ; que achou graça nos olhos do Senhor; que será cheia do Espirito Santo; que ha de dar no seu seio pousada á Divina essen-cia quando o Filho do Altissimo, que terá o nome de Jesus, se dignar confiar o seu corpo passivel aõ seu desvello; que ha de restabelecer o Throno de David;

e que ha de reinar perpetuamente: assusta-se, perturba-se aõ principio, e certa da sua virgindade illibada em seu consorcio com o Santo José responde que não conhece homem. Porem instruida de que pode ser virgem e aõ mesmo tempo Mai de um Deos dá com resignaçãõ humilissima o seu consento aõ effeito deste misterio: *Eis aqui*, diz ella, *a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo sua vontade.*

Que lingua, segundo a expressãõ de Saõ Bernardo, pode jamais explicar este misterio? Que espirito o pode entender? Quem descobrirá a duplicada geraçãõ do Verbo Divino, não só a eterna que lhe communica a propria essencia de seu Pai, mas a mesma temporal no ventre de uma Virgem? Uma não menos ineffavel que a outra, como se expressa Saõ Chrisostomo: opprime-me o peso da magestade de Deos se considero a primeira, e a profundidade da sua aniquilaçãõ me assombra e me confunde se me atrevo a meditar na segunda.

Adoremos, Cultores de Christo, as excelsas primazias de Maria. Tributemos-lhe o culto, que o mesmo Deos parece querer que haja com ella, escolhendo-a para sua Mai. Que seria da próle do Patriarcha do Mundo se Deos não lhe houvesse dado este objecto da sua alegria, reinando entre Deos e o homem uma desharmonia taõ annoza como o mundo. Desharmonia annunciada no principio pela boca do Eterno, declarada pelos sabios do futuro divinamente inspirados, e acabada por seu Filho nos ultimos tempos, em que começou a nova serie de Eras, a que chamamos da nossa salvaçãõ. Desharmonia funesta e de tal vehemencia que um diluvio universal não poudé moderar, e que ainda subsiste apezar de tantos gol-

pes desabridos fulminados sobre a cabeça de todos os furiosos, que pervertendo as salutaes normas da natureza em si insultavaõ, desacatavaõ, e extinguiãõ a imagem de Deos. A natureza faz-se cruel se a illustra-la a luz dos Céos naõ desce.

Mas em quanto no Orbe cahia a cruel procella dos vicios sociaes Maria dá á luz o divinal Messias, o desejado de todas as Nações, o promettido de um Sabio de Israel, cuja boca a viva chamma de um ardente carvaõ santificára; em summa o Redemptor do mundo universo, o qual gerado na magnificencia celeste, despindo o véo sacrosanto, impenetravel da Divindade, desce da immensa e gloriosa estancia acompanhado de admiravel esplendor, cumprindo assim antigas profecias, e a seu lado vem a Gloria e a doce Paz: mostra entãõ o mundo nova face: dos reinos da Aurora os Sapietes vãõ adorar o Filho de Maria, que firma as bazes da solida alliança entre os homens e o Omnipotente, e num pelago de graças salva e regenera os descendentes de Adaõ. Elle he para todos luz, verdade, e vida: ensina a todos a Lei celestial abrindo escola de immortal doutrina: derrama-se em ondas a sapiencia, e accende-se em todos a chamma da virtude. O horrido imperio do peccado foi aniquilado no mundo aõs golpes do seu braço omnipotente: afugenta da mente humana as sombras: clarifica reconditos arcanos, alimenta com provida doutrina os miseros humanos dados aõ erro: abre com maõ potente os fechados umbraes da eternidade: funda na terra um culto eterno: faz o homem consorte da divina essencia: conduz os Justos por celeste caminho á esplendida morada de bens interminaveis: e he entãõ que pela primeira vez se abraçãõ entre si *Justiça e Paz: Justitia*

*et Pax osculatae sunt.*

Ah! Esta paz, que naquelles tempos anuviados os homens não tinham com Deos, menos a tinham com os seus semelhantes. De a não terem com Deos provinha não a terem com os seres racionaes: esta era a sua natural consequencia, porque aquelle que escarnece das ordens do Senhor não respeita as vontades dos outros membros do genero humano: quem he capaz de empunhar as armas contra o seu Monarcha muito mais o he para usar dellas contra os seus compatriotas: e quem não sente pulsar em seu peito a virtude da Caridade dá provas verdadeiras de que a sua alma não está vinculada pelos laços moraes da Religião Christã.

Antes da vinda do Redemptor das Gentes o espectáculo do mundo era por extremo medonho e miserando. Tinha-se retirado do trato dos humanos a concórdia, a paz e as Leis da natureza: tinha-se perdido a verdadeira liberdade, que só por si não tem existencia propria: fervião injustiças sem quantia: havião caminhos corruptos abertos para os impios: desappareceo a virtude, e raramente erão vistas as obras da Fé: o mundo mostrava-se bom para os máos, e máo para os bons, que gemião debaixo do peso dos oppressores: a discordia sollicita em derramar sangue ventilava por toda a parte a truculencia e a matança: metade do Universo estava em actividade offensiva da outra metade: a terra não era mais do que um vasto campo de batalha, em que os mortaes se desbarataõ com furor sempre actiuoso: os homens tinhaõ-se embrutecido e empestado de crimes enormes, dando o exemplo atroz da carnificina e da insubordinação e despolicia: desacatarão a regia estirpe de David, e a despojarão

do sceptro, transferindo-o a mãos estrangeiras. Porém assim convinha para apparecer o exclusivo de seu juz, o vero Messias, cujo nascimento lhe proclamou a fulgentissima estrella nunca vista no inteiro conca-vo do Mundo, a qual conduzio os Sabios do Oriente anciosos em buscar o pauperrimo albergue do Monarcha do Globo para com reverencia lhe offertarem amplos tributos de ouro, de myrra e de incenso taõ grato como as nuvens de aromas exhalados do humilde Sáron. Entaõ de um coro de Anjos formado em esquadraõ brilhante se ouvio este cantico solemne: *Por Mai teve uma Virgem sacrosanta: he seu Pai o poder do Omnipotente: ha de subir aõ throno hereditario: a todo o Mundo seu imperio abrange: os Céos inteiros enche a sua gloria.*

Foi naquelle tempo que nova mudança, nova idade superior á de Saturno e Rhea narrada pelos Mythologistas resplandeceo sobre a casca exterior da esfera terrestre: dias de paz serena, paz de justiça, e de sã fidelidade foraõ vindos do Ceo para onde tinhaõ hido cheas de desgosto: fugio a barbara guerra rodeada da ira, do furor e da morte, blasfemando enfurecida contra o placido socego, e mergulhou a horrenda catadura nas densas negridões do inferno, fazendo-lhe companhia o duro cativeiro carregado de pesadas cadeias, a Morte activa e actuosa, a Peste voraz, a Pobreza andrajosa, e a negra Fome, mai de perfidos conselhos. Foraõ curvadas em retorcidas fouces as espadas acicaladas, e as lanças serviraõ para instrumentos agrarios: reduziraõ-se a pó os Templos da Impositura e as Aras do Erro: parecia que o globo subsultava cheio de alegria e mostrava os desertos adornados em partes de flores exhalando suavissimas fragran-

cias, e em partes de selvas aromaticas, que recendiaõ halitos suaves.

Eis tudo quanto se vio com o nascimento de Jesus Christo, a quem chamáraõ Prole da Mulher, o Admiravel, o Forte, o Conselheiro, o Principe da Paz, o Deos poderoso, Filho amado do grande Jehová, cuja terrivel e tremenda magestade os sagrados cumes do venturoso Sinai contempláraõ quando promulgava a Moysés ante o povo de Israel o santo Decalogo entre o horrído estampido de raios, de trovões, e de bozinas, obumbrado de denso fumo e coruscantes chamas. Elle resgatou a natureza humana, e a restabeleceo na bemaventurança e perfeiçãõ, de que havia cahido. De quanto naõ somos devedores a este nosso libertador! Devemos-lhe repetir as mesmas palavras das soberanas sacras Intelligencias, que ladeiaõ o Throno do Supremo Ente, as quaes dizem á Terra com vozes incessantes: *De Sabbaoth Senhor Tres vezes Santo.*

Mas quando assim reconhecemos os beneficios, que nos atãõ aõ Filho será possivel conservar a Mai no dominio do esquecimento? Naõ de modo algum. Naõ devemos cobrir de silencio esta occurrencia. Maria pela sua qualidade altissima de Mai do homem Deos he o astro vivificante, que veio tirar a prole humana da sua triste e deploravel degeneraçãõ: ella se constituiu nossa especial e unica medianeira, nossa corredemptora, a quem por isso devemos recorrer na certeza de que ella receberá as nossas obsecrações da mesma sorte que offerta na presença de Deos a supplica ardente dos Justos. Sim: he Maria o singular soccorro dos Homens: he aquella que para todos estende a sua maõ benefica, e que os convida para o arrependimento, lastimando-os com a mais terna compaixão

pelo seu apego ás mundanidades.

Vede, Catholicos, a maternidade de Maria abrangendo a todos os comprehendidos na obra da Redempção depois das palavras *Ecce Mater tua* proferidas aõ Discipulo amado por Jesus Christo na Cruz, a qual pela crucifixaõ ficou sendo o lenho remidor, a insignia do resgate humano. O seu sangue não foi derramado contra os homens e seus filhos segundo a imprecação dos Judeos: foi vertido com tanto amor e misericordia com o genero humano que o apadrinha dando-lhe daquella forma a qualidade de irmaõ seu para que tivesse um meio seguro de dirigir meritoriamente as suas rogativas aõ Eterno. A nossa fraqueza precisava deste meio protectivo, deste soccorro. Não bastava o desejo de uma observancia conveniente para vivermos seguindo a luz da tocha evangelica, e para conseguirmos a patria dos Justos era necessario o alento misericordioso de Maria, rainha das alturas: e para termos este alento a devoção para com ella he a linha mais directa e effectuosa, que a isso nos pode guiar. Devoção fervorosa nos compete manter não só como essencial á Religiaõ, mas ainda porque he a mais prompta e a mais infallivel conductora para obter nos Céos que a Divina clemencia desate os nós das culpas. A propria virtude sente o seu benefico poder: quanto mais este penetra o nosso coração mais elle sopea a força das nossas más inclinações: elle se ennobrece, e se augmenta continuamente no seu commercio com a perfeição suprema.

Oh Devoção! Oh Sentimento alto e felicissimo! Hes só tu que nos corroboras, e que nos abasteces de bens solidos na roda da vida humana: he em ti que a virtude acha amparo: he em ti que a alma se esperan-

ça neste mundo enganoso e desabrido, neste mundo imundo, como lhe chamou Tertuliano. O pensamento se eleva por inspiração tua: tu abonanças as paixões: e pela tua voz regula-se o coração. Os teus soccorros e os teus bens tanto consolaõ o pobre como o rico, e tanto o pequeno como o poderoso. O vãõ esplendor das distinções arbitrarías, que a fatuidade préza, desvanece-se na tua presença: o esquecimento das afflicções segue os teus passos, e o teu balsamo suave allivia e beatifica o espirito: o teu sanctuario sempre franco aõs desditosos não he inaccessible se não aõ homem impuro e sem contrição, que se esquece de que he a imagem do Archetypo eterno. Por ti começa sobre a terra a felicidade empyrea: he em ti que as Santas Intelligencias e os Coros Angelicos em divinas toadas tem o gosto de acclamar o Rei da Gloria, o Deos de Abrahão, de Isac, do mundo universo: e he em ti que achamos incentivo para deprecar.: *Apiada te de nós, oh Deos, acuda nos tua misericordia excelsa, ingente, e tão ingente que unio nações agrestes, gentes inhumanas em mutuos laços do civil trato.*

Seja pois a nossa devoção o mais certo testemunho do nosso humilde reconhecimento aõs válidos beneficios do soccorro da Virgem Christipara: e porque o auge do culto segundo o sentir de Santo Agostinho está na imitação do objecto adorado, cumpre-nos dentro do alcance da nossa possibilidade seguir as suas virtudes para que assim desempenhemos a parte mais importante da veneração, que lhe devemos consagrar, e que tem direito de a receber de nós. Longe dos Christãos o acanhamento de a instar com rogos: ella se apraz de soccorre-los, e de salva-los, pedindo por elles: Deos não resiste aõ amor, que patenteamos a sua Mai, porque este



amor está intimamente vinculado com aquelle que lhe dedicamos: elle para aceitar as nossas supplicas quer que nos apropinquemos do seu Throno, e que exoremos a protecção de taõ efficaç Mediadora, cuja eminencia de Santidade se alça sobre a eminencia de todas as santidades.

Purissima Senhora, concebida nos resplendores da divina graça, sem sombra de culpa original, formosa qual a Aurora apavonada surgindo do Ganges na mais graciosa e rosada manhã: alta e cheirosa como a palma de Cadés e como o Cinamomo: mulher toda cheia de graça, mulher forte qual o guerreiro exercito ordenado: oh bemdita entre as mulheres: de Basan, e do Carmelo a formosura definha e morre: cai a flor do Libano: mas tu sempre hes louçan, sempre formosa: hes a alegria do Emyreo, e a gloria da triunfante Jerusalem. Oh das filhas dos homens a mais bella, em cujo seio a justiça e a clemencia meigas se abraçáraõ, e a favor dos mortaes se ligáraõ em nó divino. Mai do meu Deos, refugio esperançoso do consternado peccador, vinde em nosso auxilio contra o inimigo immortal da progenie humana. Qual aõs tenros filhinhos mai piedosa a nós voltai o compassivo aspecto, e recebei os fieis votos, com que excitamos o teu favor: prostrados te offerecemos um dom, a que outro algum dom naõ chega, he a alma, que acendrada em teu divino amor a teus pés Virgem Deipara te rendemos. Oh doce pensamento, que nos asseguras o benigno patrocinio daquella a quem o Céu se mostra sujeito: assim como o incenso em dias faustos mal toca o lume, que no thuribulo se atea, subito ardendo exhalado voa aõ Céu na cheirosa nuvem, da mesma forma subaõ á Mai do Verbo Divino as nossas roga-

tivas. Ellas serãõ recebidas conjunctamente com as orações, que os Ministros do culto hoje recitaõ em seu louvor naquelle sacro Altar movidos pela vontade desta orthodoxa Confraria, a qual com bastante zelo nada tem poupado para o maior lustre e pompa do seu anniversario festivo, dando desta sorte um santo exemplo aos moradores da Villa para que jamais césse o fervor e devoção, que até aqui os tem caracterizado nas suas festas religiosas.

Mas para que estas tenhaõ a baze competente he necessario sobretudo que o Christaõ jamais deixe de obedecer a Deos, e de ama-lo com temor e confiança, e de conduzir-se sempre como estando ante elle, e de ouvir-lhe a voz, que soa intima na alma, e de confiar só nelle, que piedoso estina os portentosos feitos das suas mãos, que destroe o mal com a força do bem, que faz com pequenos meios cousas grandes, que aniquila os fortes com os fracos, e que confunde por meio da humilde simpleza a fatua sciencia dos que vivem atolados nos prazeres deste escuro e mentiroso seculo: em summa praticando sempre puras acções, que bem correspondão a estas qualidades moraes, fé, bondade, paciencia, temperança e caridade, a primeira das virtudes. Vivendo assim tem-se dentro em si proprio um paraíso mais ditoso que o do Pai da humana prole, e conquista-se a vida incommutavel e inamissivel do assento Ethereo, on le os gloriosos Santos consortes da luz eterna, que mana do rosto de Deos, oraõ por nós a nosso Senhor Jesus Christo, para que nos conforte, e faça dignos de confessar constantemente seu sancto nome.

Amen.

ORAÇÃO (\*)

A NOSSA SENHORA DE NAZARETH

Proferida depois do Evangelho na Festa celebrada no dia 24 de Outubro de 1847 pela Confraria da mesma Senhora na sua Capella suburbana da Cidade de Belem do Graõ Pará.

Quinimó beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.

Antes felices e bemaventurados os que ouvem a palavra do Senhor, e a observão.

São Lucas no dito Evangelho.

Entre as maravilhas, de que trata a Escripura Santa vemos em grão mui superior de distincção a de Maria

---

(\*) O Conego Baena vendo que o Exm.<sup>o</sup> e Revm.<sup>o</sup> Senhor Bispo Dom José Affonso de Moraes Torres ainda se demorava na visita da Diocese, e que por isso não podia cantar a sua primeira Missa no dia da Festa da Senhora da Nazareth segurdo o voto que fizera a esta Senhora na molestia, que o invadira na Cidade da Bahia, propoz-se a ser o seu Orador, e dedicar a sua Oração ao sobredito Prelado; e assim o declarou ao Director da mesma Festa, que nesse anno era o Sr. João José de Deos e Silva Inspector d' Fazenda, o qual mui satisfeito adoptou essa declaração, e mandou imprimir a presente Oração, e logo depois de recitada a fez distribuir por todas as pessoas, que presenciáráo a Missa.

Santissima reunindo em si a milagrosa fecundidade de uma Sara, a formosura de uma Raquel, a sublimação de uma Esther, o esforço de uma Judith, a pobreza de uma Noemi, a humildade de uma Ruth, a santidade de todas quantas foraõ santas, e finalmente com toda esta pasmosa reuniaõ de tão singulares qualidades preenchendo os altissimos designios de um Deos, que devia nascer d'El-la. Eis um facto religioso, que exige dos Christãos toda a veneração possivel, e que provoca uma manifestação cordial da nossa devoção a tanta grandeza, e a tantas virtudes soberanas.

Mas para tecer seus louvores como Virgem de Nazareth não ha nada mais santo e mais competente do que as palavras, que hoje ouvimos do Evangelho ha pouco proferido: *Quinimó beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* Sim: a immaculada Virgem na sua morada de Nazareth nos apresenta com a sua educação santissima, com a sua conducta prodigiosa, com as suas extraordinarias qualidades moraes, a mais completa submissaõ aõs preceitos do Senhor, e a mais exacta observancia das suas vontades.

O acto mais distincto das virtudes desta Sagrada Virgem he sem duvida aquelle, pelo qual Ella como astro vivificador veio extrahir do escuro imperio dos crimes e das iniquidades de todo o genero a infausta progenie humana: he aquelle, pelo qual dando Ella com submissa resignação o seu consentimento á vontade do Senhor annunciada pelo celeste Embaixador, o Anjo Gabriel, foi sublimada da qualidade de filha de Adão á incomparavel dignidade de Imperatriz do Céu e da Terra, de nossa Corredemptora, e de Mãe d'aquelle Supremo Ente, que com um *Fiat lux* fez surgir do tenebroso cahos esse Sol, que suspenso na

abobeda do mundo á maneira de uma alampada de fogo alumea, aquece, e vivifica o universo todo sem lhe causar incendio com os seus raios: d' aquelle ultimamente por quem esta Virgem sem igual recebe a immensa luz e a gloria eterna, que a rodea, á semelhança da Aurora, a qual recebe do primeiro dos Astros todo o seu brilho e claridade: *Quinimó beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud (\*)*

O alvo da presente solemnidade, Christãos, exige suavemente que se afervore a vossa devoção para com Aquella que pela eminencia do seu ser, multidão de suas graças, efficacia da sua intercessão, seu imperio maternal, sua ternura, sua beneficencia, seus misterios pessoaes, arrebatia a nossa alma e reclama de nós acções de louvor, as quaes Ella tem pleno direito de esperar de nós como nossa Defensora, e como nossa Medianeira, que muito se apraz de apresentar aõ Omnipotente as nossas preces, interpondo o seu valimento. Alcancemos pois, Christãos, a illustração do Espirito Santo por intermedio desta Virgem Sacrosanta a quem eu saúdo com o Anjo Annunciador dizendo Ave Maria.

São prodigiosos os quadros, que nos relataõ os Livros inspirados da nossa Religiaõ Divina, quando Deos dá o ser aõ que naõ o tinha, e organisa este globo com in-

---

(\*) *Esta resposta de Jesus Christo á exclamação da mulher das turbas indica que em qualquer homem a graça de Deos peza mais que a dignidade de Mãi de Deos. Os effeitos desta dignidade e da mesma graça na Virgem Maria assim o fazem ver: a dignidade fê-la mãi e que communicasse a Deos o que Deos tem de homem, mas a graça fê-la digna e que Deos lhe communicasse a ella o que Deos tem de Deos.*

( Do Biografo. )

numeras maravilhas. As estrellas rutilaõ nas suas orbitas: o sol aclara todos os espaços a que chega a sua acção: a Lua faz com elle um admiravel contraste: os mares reprimem-se em limites, que naõ ultrapassãõ: a Terra patentea-se fecunda em tudo quanto he util e ameno: milhares de seres diversosvolvem-se nas aguas, na terra, e nos ares: tudo obedece ás Leis fixas e impreteriveis da Creação, e nada ha que naõ seja accommodado maravilhosamente aõs designios de Deos: *vidit Deus quod esset bonum.*

Porem de que serviria este globo terraqueo assim formalizado? E que gloria resultaria aõ seu Creador se naõ houvessem entes racionaes, que podessem conhece-lo e adora-lo? As diferentes partes componentes tanto do mundo superior, como do mundo inferior, naõ se conhecem a si mesmas, nem a Deos: ellas naõ tem o sentimento da sua existencia, e da existencia do seu Autor: saõ incapazes de referir a Deos por via de reconhecimento o que recebêraõ da sua mão omnipotente e sabia. Não duvidãmos dize-lo; a criação da natureza material sem a criação da natureza intelligente nada manifestaria que fosse digno da suprema magestade do mesmo Creador. Se a materia fosse isolada, tudo estaria morto na natureza: o mundo seria uma vasta solidão, seria um palacio sem dono, um imperio sem Monarcha, um Templo sem Sacerdote. Que faz pois o Creador? Ultimada a formação deste Planeta, em que habitamos, formalisa o Homem, communica-lhe alguma cousa da sua essencia Divina, fa-lo Rei da Terra, sujeitando-lhe todos os irracionaes: he então que a Creação manifesta um fim proprio do supremo Autor de tudo quanto he visivel e invisivel: e desde esse momento o Homem existe para Deos, e as feitura sensiveis e

insensíveis para o homem, indicando-lhe a gloria do mesmo Deos, e provocando a louva-lo e a glorifica-lo. Por isso se o Rei Profeta convida a Terra, os mares, os ventos e as procellas, a louvar perpetuamente o Creador, não he isto da sua parte um simples extasis de piedade, he ainda uma maneira de reconhecer que pela grandeza e andamento harmonico dos Astros, e pelo effeito maravilhoso, que elles exercitaõ, nos persuadem a pagar aõ Creador commum o tributo de agradecidas e justas homenagens. Desta sorte estamos habilitados para afirmar que as creaturas materiaes bem dizem e reverenceão aõ seu Creador, não por si mesmas, mas por meio do Homem, que as conhece, e que por ellas se eleva aõ Ente infinitamente bom e poderoso, e que como Pontifice da natureza universal offerece acatamentos á Divindade.

Sem duvida estes acatamentos das creaturas inanimadas por intermedio do Homem, e do Homem por suas adorações pessoaes podiaõ ser agradaveis a Deos, momentê quando nossos primitivos Paes ainda em toda a sua integridade moral, opulentos de dons os mais preciosos, tendo o coração todo penetrado de reconhecimento e amor, existiãõ attentos em Deos, que lhes havia dado a vida e bens taõ supernos. Os sentimentos da sua gratidaõ naõ podiaõ deixar de agradar á Aquelle, que por tantos modos lh'os tinha inspirado. Contudo o Homem por mais virtuoso, por mais santo que se conheça, he sempre circunscripto: suas homenagens derivãõ-se de uma essencia muito desproporcionada com a distancia existente entre elle e o Creador. Quem encherá este intervallo incommensuravel? Como adquirirá o Homem o que lhe falta para dedicar a Deos um tributo condigno á sua Magestade? He intuitivo

que as homenagens dadas aõ Poder ou aõ Merecimento saõ tanto mais gloriosas quanto o offerente tem mais dignidade e grandeza. He por isso que um poderoso Monarcha por mais honrado que seja dos seus Vassallos ainda o he mais pela obediencia dos Reis quando se lhe prostraõ no sopé do Throno. Porem como se aproximará o Homem aõ conspecto do seu Deos? Eu o digo. Estando decretado pela Omnisciencia Eterna que Nazareth, pequena Cidade da baixa Galilea, que naõ era celebre como Jericó pelo abatimento dos seus muros, como Belem por ser o berço de David, como Jerusalem pelo seu magnifico Templo, como Samaria por ser a Corte dos Reis de Israel, como Bethulia pelo renome de suas victorias, e como outros mais pontos Geograficos abalisados por qualquer motivo singular: Nazareth, eu o repito, se torna o objecto attendivel do Céo. D' ali lhe vai Gabriel annunciar a Maria a Encarnação do Verbo: *Missus est Gabriel Angelus in Civitatem Galilæ cujus nomen Nazareth:* e deste modo nos he conferida a possibilidade das nossas adorações e acções de graças serem dignamente apresentadas aõ Eterno, e d'Elle benignamente attendidas segundo nos ensina São Boaventura, dizendo que Maria he taõ poderosa que as suas rogativas jamais podem ser recusadas: *Maria tanti apud Deum est meriti, ut non possit repulsam pati.*

Foi, Christãos, na ditosa Cidade de Nazareth que Aquella descendente da augusta linha de Abrahaõ teve o seu apparecimento á luz: com elle os Céos se abriraõ em canticos de alegria, e os Anjos se curváraõ sobre a Terra glorificando a Bemaventurada entre as mulheres. Foi em Nazareth que ella se educou, passando os dias da sua infancia e adolescencia



na mais santa instituição. Foi em Nazareth que se observáraõ os misterios mais importantes do Christianismo. Finalmente foi em Nazareth que a Mãe do Homem Deos diffundio os mais copiosos dons, e luminosos exemplos de uma santidade excelsa e sem par.

Ah! Christãos, eu toquei na obra prima das misericordias de Deos: e não posso omitir os prodigios e triunfos da sua Cruz. Jesus Christo tinha annuciado que apenas Elle subisse aõ Céu tudo atrahiria a si. Que Oraculo! Uma Cruz, theatro de ignominia, constituir-se um manancial de gloria! Nunca prophecia alguma tem sido mais completamente verificada. Os factos do mundo universo fallaõ altamente: todas as nações fazem a herança do Redemptor: a mesma antiga Roma, altiva cabeça do Orbe, submette-se aõ jugo do Salvador. O seu famoso Templo edificado com enorme despeza para o culto de uma misturada de Deoses propria da sua politica e da sua superstição serve de trofeo á Cruz de Jesus Christo: este sinal da salvaçõ dos homens he plantado sobre a cima do Pantheon: Jupiter he derrubado do alto do Capitolio: seus raios são nullos: toda a mais caterva de Deoses desaparece, e só ficaõ os seus nomes occupando as paginas da Mythologia para servirem de atavio ás futilidades poeticas. Os Povos do Norte lançaõ-se sobre as Provincias Romanas como sobre uma preza: o colosso do poder Latino desaba debaixo dos seus golpes: e estes mesmos Barbaros por seu turno cahem aõ pé da Cruz: humanizaõ-se e civilizaõ-se pelo Evangelho os povos selvaticos da Europa: e esta parte do mundo assim Christianisada figura assignaladamente como um luminar brilhante para o resto do Universo.

Taes tem sido, Christaõs, e estaõ sendo os triunfos de Jesus Christo. A Cruz tem conquistado o Mundo. Tanto ha sido o seu poder, e a sua virtude! Nestes prodigios tem parte a Virgem de Nazareth, como Mai do Altissimo: e porque concorreo para a grande obra da redempçaõ da prole inteira de Adaõ, acompanhando a seu Filho no cruento sacrificio da sua Paixaõ. Quanto devemos abençoar as lagrimas, que verteo naõ só sobre os padecimentos deste Filho, mas ainda sobre os mesmos verdugos, que se obstinavaõ em tratar como a um vil padecente Aquelle a quem se curvaõ os Céos e o inferno! Se não fõra a vossa maternal piedade, Virgem purissima, como ousariamos alçar para vós os olhos nós miserrimas creaturas, cujos crimes addicionáraõ novos tormentos aõs tormentos do vosso sacratissimo Filho? Deveriamos ser para comvosco objecto de horror: mas vós nos olhaes com amor, e em vez de vingar-vos da nossa ingratitude sollicitaes graça a nosso favor. Virgem incomparavel com que devoção poderemos corresponder a tanta bondade!

Comtudo, Christaõs, o recinto deste veneravel Santuario manifesta-nos muitos e authenticos testemunhos votados á gloria desta adoravel Senhora pelos beneficios e graças da sua protecção indefectivel. Aqui temos presente o monumento mais recente da sua compaixaõ para com aquelles, que a invocaõ com fé formada. Naõ está esquecido, nem pode esquecer nunca o desditoso Brigue São Joaõ Baptista, que succumbio á furia de bravos ventos nos mares de Cayena: os doze homens, que podéraõ servir-se do pequeno bote, não teriaõ a possibilidade de escapar á sorte dos seus companheiros se com viva fé não recorressem á Vir-

gem de Nazareth, deprecando lhe o seu patrocínio para os salvar em um mar sobremaneira revolto em grossas ondas. E quando he que elles fazem a sua deprecação, o seu voto? He quando ja se achão cançados da voga, os remos gastos nessa afflicção, os seus corpos debilitados pela fome, pela sede, e fadiga, e chagados pela acção ardente dos raios do Sol: he então que um destes desgraçados propoem aõs outros pedir soccorro á Senhora de Nazareth venerada nesta Capella suburbana da Cidade do Pará. Ella lhes estende sua mão benéfica, e lhes falla aõ coração como Jesus Christo a seus Apostolos: *Habete fiduciam, ego sum, nolite timere* Tende fé e confiança em mim: eu sou vossa Tutelar: tende animo: não temais. A confiança, que elles poem no auxilio desta gloriosa Virgem innova subitamente as suas forças exhaustas: o Bote he movido pelos seus braços, fluctuando de cavidade em cavidade, que formavaõ desmedidas ondas, e deste modo abica a praia sem perda de um só homem.

A estes e outros muitos devotos tem protegido a Senhora de Nazareth com o seu valimento. Eu tambem me contemplo no numero dos que tem sido preservados pelo seu patrocínio. A Ella devo achar-me hoje nesta Cadeira do Evangelho, e ter o prazer de orar em seu louvor: pois se Ella não me favorecesse teria cessado de existir na vida temporal, acabando victima de mal applicados medicamentos pela Arte de curar: Vós, Senhora, aceitastes o voto que fiz de servir a Casa do vosso Filho: eu cumprí promptamente esse voto. Aqui me tendes todo consagrado ao vosso culto: ajudai-me, illuminai-me para que possa desempenhar dignamente as santas funcções de sacrificador da Nova Lei, de Ministro que dá á Infinita Magesta-

de do Céu e Terra as homenagens, que lhe são devidas: e que ameigando o Céu faz baixar a benção sobre a Terra, e que sendo depositario das graças divinas as distribue por todas as idades, santificando tanto o minino no berço como o velho na beira do sepulcro.

Na presença pois deste novissimo e taõ notorio testemunho do amparo da Virgem de Nazareth com os homens do Bote depositado votivamente dentro deste respeitavel Santuario *para sinal perenne de taõ estupendo milagre que até os mesmos incredulos haõ de reconhecer naõ poderem forças humanas desajudadas do auxilio celeste conseguir tal feito, (\*)* quanto naõ deve ser o fogo da nossa devoção a esta piedosa Senhora, que sendo Mai de Deos e tambem nossa por sua bondade e ternura sempre comnosco praticadas, he figurada nas imagens mais lucidas do Antigo Testamento: suspirada em muitos seculos: promettida em muitos Oraculos: applaudida pelos Anjos: abençoada pelos Patriarchas: annunciada pelos Profetas: aclamada e bemdita na serie das gerações. Ella faz toda a gloria do seu sexo, todo o luzimento da virtude: he a tutela dos peccadores, a felicidade dos Justos, as delicias da humanidade, a consideração dos Anjos, e a mais grata complacencia do mesmo Deos. Ella em fim he aquella a quem o Mundo deve benções celestiaes, os homens graças copiosas, e o proprio Omnipotente um novo ser: he uma creatura da mais preeminente cathegoria, igual unicamente a si mesma, inferior a Deos e superior a tu-

---

(\*) *Todas as palavras escriptas em differentes typos de impressão escapáraõ na primeira edição.*

[ *Do Biografo.* ]

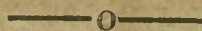
do o mais, a quem os Anjos contemplaõ por Soberana, e Deos por Mãi. Ah! Virgem bella e pura, purpurea roza em Jericó plantada, vós que pizastes a venenosa, tumida garganta da serpente astuta, vós que fizestes que do Céu de bronze chovesse o Justo, desculpai o meu arrojõ de fallar do vosso santo nome, do vosso louvor sagrado, dos dons propicios que benigna espalhais entre os Christãos, que vos apertaõ com deprecações ardentes: a minha lingua para tanto devia estar purificada com accezas brazas qual a de Isaias pelo espirito celeste: todavia eu não esmoreço com essa minha falta de aptidaõ, antes me sinto animado por uma calida devoção para vos dizer com aquelles que desejaõ as graças do Senhor, e não se atrevem a dirigir-lhe immediatamente as suas rogações: Oh! Piedosa, oh singular Maria por tantos dons, por tantos beneficios, que honrosos cultos, que festivos hymnos te não devemos! Sim, Virgem pura, graças te rendemos, e humildemente nesta tua Casa nossas mesmas vidas te dedicamos.

Invocai, Christãos a esta Santissima Senhora, e nella achareis uma Protectora piedosa, de quem diz Santo Agostinho que ella nos gerou no Calvario, e nos adoptou por filhos na pessoa do Evangelista: *In Joanne omnes homines accepti.*

Omnipotente Deos e Senhor Altissimo, em quem reconheço e adoro um Pai affectuoso, que por um excesso de amor nos déste aõ lado do vosso throno sempiterno uma Mediadora, uma Advogada mais energica e valiosa do que foi Bethasabé para Salomaõ, Athecuitis para o Rei David, e Esther para Assuero. Advogada, que no sentir de São Pedro Damiaõ estando aõ lado do vosso throno mais ordena como Senhora do

que intercede como serva: *Non orans, sed imperans Domina, non ancilla.* Descerrai, Senhor, os indefinidos thesouros da vossa misericordia para aquelles que com intensa devoção e um santo ardor concorrem a este sacrosanto Templo com o fim de invocar a Santissima Virgem de Nazareth, e naõ menos para aquelles que afogueados pelo amor do vosso culto nada poupaõ para que elle seja feito com a possivel sumptuosidade. Todos conhecemos a vossa grandeza illimitada: e com profunda reverencia e affecto intimo entramos no concerto universal de louvores e adorações em honra vossa, esperando gozar da mansaõ dos Justos por effeito da vossa constante piedade.

Assim seja.



Traducção livre da Parabola, que Mr. d' Andrieux extrahio da Biblia Livro dos Juizes, Capitulo IX. verso 8.

O Politico com astucia e vagar os meios busca de captivar os homens desprevenidos, devendo a fama propria á alheia incuria.

( Do Traductor. )

Em uma das Cidades da nossa Republica moravaõ dous chatinantes mui abraseados na politica: um tinha armazem de drogas orientaes, e o outro de vinhos, que os frequentadores dos templos Bacchanaes empinavaõ:

ambos de boa feição, apoucados de ideas, promptos em borbolar palanfrorio enredado e confuso e não duvidar de cousa alguma, como ha tantos por esse mundo das intelligencias. Tendo com enleizados e compridos discursos aturdido um ajuntamento eleitoral foraõ escolhidos de improviso para Deputados, e satisfeitos de si e do escrutinio abertamente preparado pelos Cabalistas pozeraõ-se a caminho para a Metropoli. Os Jacobinos, a paz, os sinos, o thesouro publico, a mudança de nomes para as cousas, eraõ assumptos que lhes fizeraõ proferir milhares de parvoices. Aõ meio dia entráraõ numa Casa de Pasto para jantar: e antes da meza posta o Droguista curioso de noticias pede um livro ou algum papel impresso. Não tendes Folhas que ha pouco viessem de Paris? Os periodicos são muito do meu agrado e mormente quando estaõ escriptos segundo o gosto da nossa civilização sem segunda na felicidade: o Espelho he profundo contra os velhos governos, e o Admoestador engraçado, atrevido, e exulcerante. Não tardará que me vereis representar um grande papel no assoprado e humilhante Drama politico do nosso seculo, no qual não será nada quem for trofeo da virtude, ou grande em character e profundo em saber. Não meu Senhor, diz o Albergueiro, eu não me occupo dessas balburdias de Periodistas; não he com essas leituras estonteadoras que eu ganho a vida: dai-me licença que vou aquecer o meu forno, e envasilhar o meu vinho. Mas esperai: agora me recordo que tenho no celeiro um Santoral da minha defuncta, e alguns retalhos da Biblia espalhados pelo chaõ. Temos Biblia! Bello. Venha ella: contenteino-nos com isso. O Albergueiro estuga o passo em traze-la depois de a espanar com as mãos:

e deste Livro tisnado a pagina amarelenta abre-se casualmente na Parabola seguinte.

Reunidas as Arvores para uma eleiçãõ ( esta palavra aguçou a attenção dos nossos Deputados ) nomeárão a Oliveira, que era afamada pela excellencia dos seus fructos, querida pela sua mansidãõ, e estimada universalmente. Recusando a honra, que se lhe queria fazer, disse ella eu nunca serei contraria a mim propria a ponto de me ir entregar á insania dos partidos deslembrando-me de que sou a insignia da Paz. Não sei aborrecer: os vossos debates, as vossas queixas, e as inimizades figadaes, me afastão sem o menor pezar de um cargo tão difficil quão proceloso, no qual só teria de lucro um sem conto de invejosos, e de homens de juizo atravessado e lingua sôlta, que de mim farião pasto: não me sinto com queda para illudir, nem governar a ninguem: Gozai meus fructos: com extremo gosto os dou: e nisto serei util a meu modo. Boa quadra e tranquillidade, he tudo quanto enche a esfera dos meus desejos.

Naõ menos discreta e modesta se patenteou a Figueira quando vio que a recusada Deputaçãõ era transferida para a sua pessoa. Com o destino de tanta gloria eu naõ fui educada, ponderou ella: os raios do Sol, o favor de um abrigo, um cantinho no vergel, he tudo o que a minha dita requer. Ah! O meu contentamento seria perennal se possivel fosse á minha baixeza fazer sazonar os meus doces, suaves fructos em feliz descanso. Velar no bem da sociedade civil he mui penoso cuidado; he mais um cargo terrivel do que honra e gloria: eu a cedo de boa vontade aõs mais robustos, aõs mais intrepididos do que eu. A mim he facillimo obedecer, e impraticavel o mandar.



De ambas estas repulsas as Arvores se espantáraõ: e não podendo conseguir o assenso endereçarão os votos á Videira, a qual tambem as repellio dizendo he mui esteril essa honra que me fazeis: eu por ella não deixo o gozo de derramar o meu precioso licor, o qual guarece os males humanos, escora a fraqueza, restitue o juvenil fervor aõ velho inerte, he alma dos festins porque não he taciturno como os outros licores, que não abalão a tranquillidade da razão na mente immovel, e constitue saboroso o manjar mimoso, insinúa em todos os corações esperança e gosto, he medianeiro amavel da sociedade, reconcilia os desunidos pelo odio, dá-lhes sereno olhar, benigna face, e faz renascer uniaõ cordial. Não espereis que eu entregue aõ ocio as minhas tão proficuas qualidades, e que vá incommodar-me com projectos infructiferos, avivar a malignidade, armar a calunnia sempre animada e raramente punida, verme combattida de partidos, que dizem serem precizos e eu digo que fataes por sua natureza productora de conturbações, e ultimamente remunerada pela ingrátidaõ, talvez perseguida ou pelo menos olvidada, hoje ser o vosso idolo, e á manhã a vossa victima. Desse emprego não diviso utilidade alguma. Ainda tenho na lembrança a Carta do celebre Ministro Inglez Roberto Walpole para o Ministro Francez o Cardeal de Fleury, na qual se acha expresso” Eu mantenho metade do Parlamento com dinheiro para o reter dentro dos limites pacificos: com elle se reduz aõ silencio os que mais vociferaõ: o ouro he aqui um metal refrigerativo do sangue afogueado, e moderativo dos animos exaltados”. Eis aqui uma das cousas mais curiosas e originaes da inculcada bondade e superioridade da Constituição Britanica. Nada. Lançai a vossa frivola consideração pa-

ra outra creatura, que seja mais do que eu vosso adepto: eu não quero ser Deputado, não quero engrazar Leis com homens pouco pios e politicos falsos, que estando costumados ás suas trevas não atinão com a verdadeira politica fundada no amor de Deos.

Quero eu esse conspicuo e assas proveitoso emprego: escolhei-me, acudio a Sarça mui lampeira, lançando aõs viandantes os seus gadanhos retorcidos. Dai-me os vossos votos meus sobre todos prezados amigos: a natureza muito bem me tem armado para retundir injurias: os meus espinhosos agulhões saberão proteger-vos de sobejo; podeis esconder-vos dentro do meu vantajoso seio: sou de estatura pequena, sombria, e espessa: as minhas acções não adoecem de mornidaõ. E deste modo blasonava, e se fazia seguir por alguns echos da declaração da sua ambição. Quem he heroe da impudencia tem hoje summa vantagem. A Sarça por grande azar achou-se nomeada, arrancando os suffragios: porem todos os que suffragárão se arrependêrão depois. Assim succede quando os actos do senso commum são disturbados por illuções de qualquer genero, ou por facilidades proprias da falta de character.

Collega, fallou o amator da vindima, a Biblia tem razão, e discorre como um Anjo. Duas lições prestadias inclue este caso: e a principal he que os grandes empregos não são estatuidos para todos: ella nos seja de utilidade, cuidemos de vender eu o meu vinho, e vós o vosso azeite. Para pintar-nos aõ natural com as nossas proprias feições vierão a proposito a vinha e a oliveira: demais tratemos de possuir merecimento, obriguemo-lo a aceitar os cargos, de que elle se esquivava, e a todos os nossos Eleitores levemos este taõ necessario documento.

Por ventura daqui procederia algum proveito? De nenhum modo. Antes receia-se que as Sarças ainda consigão fazer desprezar as bem fundadas razões da Oliveira e da Videira, e que a cauza publica seja pizada aõs pés do interesse systemado daquelles, cujo espirito tem bastante porção ignea, que o inclina a ser prompto e vivo somente no que toca aõ bem proprio.

---

NOTA.

Mais breve e melhor que Mr. d'Andrieux o Jesuita Vieira expoz este apologo, o primeiro que se escreveo no mundo e que he fabula com significação verdadeira. Eis o que disse o dito Padre:

” Quizerão as arvores fazer um Rei, que as governasse, e forão offerecer o governo á oliveira, a qual se escusou dizendo, que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens, e se alumião os deoses. Ouvida a escusa, foraõ á figueira, e tambem a figueira não quiz aceitar, dizendo, que os seus figos eraõ muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar foraõ á vide, a qual disse, que as suas uvas comidas erão o sabor, e bebidas a alegria do mundo, e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixa-lo para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas he, que todas convieraõ em uma só razão, e a mes-

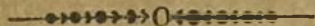
ma, que era não querer cada uma deixar os seus fructos. E houve alguém que dissesse, ou propozesse tal cousa a estas arvores? Houve alguém, que dissesse á oliveira, que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Somente lhe dissêrao, e propozerao que quizessem aceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhe dissêrao e offerecêrao, e ninguem lhe fallou em haverem de deixar os seus fructos, porque se escusão todas com os não quererem deixar? Porque entendêrao sem terem entendimento que quem aceita o governo dos outros só ha de tratar delles, e não de sí, e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular, e proprio, não pode tratar do commum. ”

” Saibamos agora, e não de outrem, se não das mesmas arvores, se este bom governo do modo, que ellas o entendêrao, se pode conseguir e exercitar com as raizes em terra? Assim as que o offerecêrao, como as que o não aceitárao, todas concordaõ que não. Que dissêrao as que offerecêrao o governo? Dissêrao a cada uma das outras: Vinde: e governai-nos. Vinde? Logo se ellas haviaõ de ir, haviaõ-se de arrancar do lugar, onde estavaõ, e deixar as suas raizes: e cada uma das que não aceitárao, que respondeo? Respondeo que não podia ir, porque movendo-se havia de deixar as suas raizes, e sem raizes não podia dar fructo. De maneira que governar, e governar bem não pode ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commum, isso sim, e na mesma historia o temos que ainda vai por diante ”.

” Vendo as arvores que as tres, a que tinhaõ offerecido o governo, o não quizeraõ aceitar, diz o texto

que se foraõ ter com o espinheiro, e lhe fizeraõ a mesma offerta. E que respondeo o espinheiro? He resposta muito digna de ponderaçãõ. A proposta das arvores foi a mesma: Vinde, e governai-nos: e elle respondeo naõ só como espinheiro, se naõ como espinhado: Se verdadeiramente me dais o Imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés, e pôr-vos á minha sombra: e se houver alguma que repugne sairá tal fogo do espinheiro que abraze os mais altos cedros do Libano. Não sei se reparais na differença. As arvores, que lhe offerecêraõ o governo, disseraõ-lhe: Vinde, e elle disse-lhes: Vinde todas deitar-vos a meus pés. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, se não vós as vossas. Em conclusãõ, que quem ha de governar bem, deixa as suas raizes, e quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas ”.

( Do Biografo. )



DEPRECAÇÃO A' VERDADE.

Quem polio dentro de um instante  
De Saulo o bruto diamante  
Para Sol da Christandade?  
A verdade.

(Bernardes, Floresta.)

Vem a meus labios angelica Verdade, nitida prole do Céu, e com o teu fulgor o meu espirito aclara: á tua voz divina fuja o impio erro como a escura treva desaparece com o albor de um formoso dia. Não des-

attendas o meu indispensavel rogo: tu has sido o alento desejado do meu coração. Aquelle que não he guiado por ti cai prestes deslumbrado e cego no espaçoso caminho do pestifero vicio. Porem aquelle que por ti he olhado com face grata arrebatado em tua beklade pensamentea seguro, e olha para as illusões como Eneas com o ramo de ouro para os espectros.

Tu disturbas a mente do atroz tyranno, e fazes que o grito arrancado do opprimido pelo insano orgulho seja ouvido entre a doçura cortezãa e o vil incenso, com que o entorpecem os que mais salas lhe fazem. Em tanto tu com a tua amorosa e fagueira mão varres dos olhos tristes o pranto, e abonanças os enojos do infeliz atribulado, officiosa alliviando o rude peso, que acabrunha aquelle que alça a Deos o seu animo livre nesta vida toda composta de curtas alegrias, de longas magoas, e de encetadas, rompidas amisades.

Vem, ó Verdade: facil desce da empyrea altura, onde te acolheste repudiando a terra com uma myriada de vicios deslustrada: e qual rutilante estrella guia o illudido mortal, a tua luz illumine o seu espirito, e a teu imperio se curve o Orbe inteiro. Eu absorto em tua gloria sempre com gosto te acclamarei: tens em meu peito a teu culto um templo erguido, e a elle a minha lingua dedicada: eu te adoro sem medo e sem ambição. Por ti quanto em sua instavel immensidade o Mundo ostenta como possivel existe em gloria do Altissimo: em sua mente ineffavel tu o prototypo foste, a cuja norma celestial se reduzio tudo o que a sua infinidade formou.

Eterna precedendo o vôo rapido e vario do Tempo em quanto se perde o Orbe em ruina incessante por tí propria existindo ante o teu fulgor divino vês alçado o véo aõ systema fallaz, e o erro qual nevoa dissolvide.

Quanto o desejo humano sagaz achára na vastidaõ da convexidade do Orbe e na indefinita regiaõ do Céu he devido á pura luz, com que a alma inquieta te busca, e tuas maravilhas sente. Nellas embebido segue de Pedro Nunes o atrevido vôo pelo immenso espaço sideral o esclarecido engenho de Newton, que marca o eterno giro aõs luminosos Globos, descobre suas leis, sujeita-as a calculo preciso, e manifesta a attracção no immenso espaço da luz.

Oh augusta e firme amiga da egregia virtude, tu meiga sustens na illustre fadiga o sabio desconhecido, que idolátra da tua face o raio puro: tu o torneias de immarcessivel lauro, e a sua gloria fazes durar de evo em evo. Se as densas nuvens da perseguição fuzilaõ conglobadas em horrivel negrume, e fremem roucos brados do trovaõ, que o ameaça reduzir a pó, tu o abrigas á tua sombra, o confortas, e consegues que elle ouça com serena fronte o alarido do fascinado vulgo contra elle embravecido, e encara sobranceiro a infame vingança, que maquina nas sombras o seu fatal exicio.

Assim com placido rosto poude Socrates comparecer perante o tribunal dos Quinhentos para responder pela sua conducta e defender-se das diversas accusações feitas por Anito, Melito, e Lycon, invejosos da sua reputação, e á sombra da inconstancia da População. Mas para que me recorde desse celebre filosofo moral do Gentilismo, que reverenciava a Jove fulminador como Pai e Motor e Senhor de tudo? Não me accedem os feitos deste Pagão nem os de Platon divino que adorava o filho do falso Phebo, nem os de um Marco Aurelio notavel pelos seus talentos e virtudes; de um Cataõ insigne pela grande firmeza de ca-

racter; de um Epaminondas Thebano celebrado pelas suas virtudes particulares e grande espirito militar; de um Aristides denominado o Justo, que teve por seu rival o famoso Temistocles: todos retratados pelos delicados pinceis de Cassio, de Plutarcho, de Tito Livio e de Nepote. Embora houvesse um Codro e um Decio, que fizessem sacrificios pessoas pela segurança da patria; um Scevola, que queimasse a mão no brazeiro fazendo a Porsena, Rei da Etruria, uma confissão extraordinaria e atrevida: um Fabricio, que avizasse a Pyrrho da imminente traição do seu Medico: um Bruto, que condemnasse os caros filhos á morte por terem conspirado com o Embaixador Tuscano para restituirem os Tarquinius, violando o juramento de jamais submeter-se o Povo á authoridade Regia: não preciso destes factos heroicos anteriores á idade, em que começou a promulgação da Lei da Graça. Todos elles são inferiores em merecimento aos dos pasmosos Anciões Macario, Antaõ, Pacomio, Serapiaõ, Cypriano, e outros muitos que regáraõ com sangue copioso o lenho remidor confessando a Fé perante os Tyrannos, e muitos Christãos que se retiráraõ ás Thebaidas grutas a fazer penitencia, mortos ao mundo vivendo nos desertos. A moral destes vale mór preço que a moral daquelles. Nas conquistas da Fé lavra somente caridade e amor do proximo: o Christaõ doutrinado pelos livros sapienciaes da Biblia he o homem mais soffrido em seu mal, mais resignado nas ordens do Soberano, mais inteiro no seu dever, mais lizo na palavra, e mais casto em proceder. Veja-se a prova disto na Historia, nesse deposito precioso das idades preteritas.

Sim ó célica Verdade, tu fallas por onde o erro fallou: a tua fonte está em Deos. Que seria sem ti a Reli-



gião, a Moral, a Politica, os Tribunaes, a Educaçãõ, as Lettras e as Artes, e o trato do mundo? Só tu, que hes a lei de Deos, nos dás ideas altas e puras da Divindade: só tu nos ensinas a render-lhe homenagens dignas della: traças os deveres para todas as condições sem rigor e sem frouxeza: fazes o imperio mais justo, e os subditos mais obedientes: livras os Governos das paixões do Povo, e o Povo da tyrannia dos Governos: assustas o vicio: socegas a innocencia: trazes o triumpho da justiça: pões de acordo as doutrinas com o procedimento: fazes que os educadores sejaõ modelos e mestres da mocidade: preservas da peste do máo gosto, dos falsos ornatos e das falsas ideas: e banindo a fraude e a impostura dás lugar á segurança reciproca. Hes sem duvida precisa em tudo e antes de tudo: a tua utilidade he taõ evidente como a damnificaçãõ da mentira, pretender provar isto seria diminuir-lhe a lucida evidencia. Hes tudo o que procuraõ os desejos secretos do genero humano inteiro. Hes taõ independente do meu entendimento como a luz do Sol o he do orgãõ da vista: a luz só existe para mim por meio da impressãõ, que ella opera na retina dos meus olhos, assim tu só existes para mim pelo sentimento de ti mesma despertado na minha alma. Se o Filosofo me falla de Deos e dos seus attributos, da alma e das suas faculdades, da Moral e dos seus preceitos, da Religiaõ e dos seus fundamentos; e se o Douto me expõem as Leis da Natureza, os phenomenos que ella patentea, e as descobertas que saõ o fructo das suas pesquisas; e se o Geometra me esclarece os seus theoremas, e os seus Corollarios; e se o homem de lettras me delinea regras de bem fallar e de persuadir os outros de cousas de que se está persuadido; e se o Critico poem debaixo dos meus olhos os

monumentos dos factos, que me relata e busca manifestar-me toda a força, desfazendo os nevoeiros que a obscurecem; eu dou-lhe inteira attençaõ seguindo a cadeia dos seus raciocinios: levantaõ-se entaõ no meu espirito pensamentos e reflexões, experimento um sentimento ou de resistencia ou de perplexidade, e se acabo dando ás theorias um pleno assenso he porque sou impellido por um sentimento interno, que me obriga a dizer *Isto he verdade*.

Eu te venero e amo como um manancial e um farol, donde a humanidade colhe todos os bens e as verdadeiras luzes para não se apartar da augusta via da virtude. A tua luz offusca muitas vezes o esplendor da gloria. A multiplicidade de erros não destroe a tua existencia, bem como a multiplicidade de vicios, que deturpaõ a terra não aniquila a existencia da virtude, e bem como as trevas não são prova negativa da luz. Eu sou do mesmo entender de Lactancio, um dos antigos Apologistas, que a respeito do justo centro em que se acha a sabedoria, diz que entre os Filozofos uns assentaõ que se pode saber tudo, e são estes os insensatos, e outros que nada se pode saber, e são os menos sabios: estes daõ muito pouco aõ homem, e aquelles muito em demazia: e ambos perdêraõ a mediania lançando-se nos extremos. Saber tudo pertence a Deos, e saber nada aõs brutos: entre estes dous saberes ha um meio, que convem aõ homem, e que consiste numa sciencia misturada de ignorancia, num evitar o scepticismo e a credulidade.

O unico modo de inadmittir o erro me parece que he duvidar sem excepçaõ de tudo quanto não esteja numa completa evidencia. A clareza, com que julgo ver diversas cousas, não he razaõ para as suppor

verdadeiras: quero que seja só a evidencia e a inteira certeza, que me fação acquiescer, do contrario eu as considero no numero das duvidosas. Em summa como desconfio de todos os meus prejuizos, das impressões dos sentidos, dos principios usados, e das verosimilhanças, só creio o que fôr verdadeiramente certo.

Eu sei quanto o erro se estende, e transvia tanto o sabio como o povo a pezar do amor secreto, que está no coração de todos a teu respeito. Sei que as causas ordinarias dos nossos erros são a fraqueza da razão, a ignorancia, o meio-saber, a sciencia mesma, a falsa applicação dos diversos principios, a preoccupação, a extrema curiosidade, e as paixões que anuviaõ a intelligencia, e se collocaõ entre ti e a razão para perturbar e inquietar a alma, fazendo-lhe perder a precisa attenção, a severa imparcialidade, a inflexivel rectidão, que remove o engano e o erro. Sei finalmente que o testemunho humano nas cousas da sua alçada he uma regra taõ segura da tua essencia quanto o podem ser os sentidos e o raciocinio naquillo a que se applicaõ, e que entre os factos, que não temos presenciado, he taõ certo para nós como os theoremas da Geometria. Permitta o teu Author que eu me veja isento de illusão, e que tenha cautellas quando o meu espirito se entregar a indagações tendentes a achar-me frente a frente contigo. Posso ser enganado pelos sentidos e pelo raciocinio: não he a regra que he fallivel, he o uso que o homem faz della. Com o auxilio, que imploro, evitarei os erros, que são os naufragos escolhidos da razão humana, a qual he companheira das virtudes, e traz consigo no seio a temperança, e sem esta tudo em nós he engano, he erro,

cujos miseros sophismas jamais podem inspirar firmeza alguma. Oh visãõ admiravel! Nunca eu fique cançado de andar no teu alcance por graça, e sentimento livre, adorando-te em espirito, e verdade.

— o —

Versãõ na lingua vernacula de um passo do Discurso sobre a sciencia social inserto nas Memorias do Instituto Nacional da França.

Todas as Sciencias civilisaõ: ellas emanaõ do estado social, e o aperfeiçoãõ: sãõ o resultado da combinaçaõ das ideas de muitos, e multiplicaõ as relaçaões entre os homens pela communicaçaõ do pensamento, pela similhaçaõ dos gostos, das indagaçaões, e dos trabalhos.

Porem a civilisaçaõ naõ he o objecto de todas as sciencias: ellas só tem uma influencia indirecta, e por isso se distingue a Economia politica, a Legislaçaõ e a Moral, de todas as mais sciencias.

O objecto directo destas tres Sciencias he a civilisaçaõ. A Economia politica forma por meio das Artes os laços da sociedade: a Legislaçaõ os conserva pela autoridade: e a Moral os confirma pelo dever. Disto provem a felicidade, e o intuito da sociedade e da Sciencia social.

Na verdade a felicidade social consiste no gozo da Propriedade e do Jus.

A Economia politica procura os meios da prosperidade publica: a Legislação dá o destructo: e a Moral a garantia.

A Economia politica, a Legislação, e a Moral dirigem-se aõ mesino alvo, que he o de aperfeiçoar as relações sociaes. Mas os meios são diversos: uma vincula os homens pelo interesse, a outra pelo poder, e a terceira pelo discernimento. A Economia politica contempla o homem com as suas faculdades fisicas: a Legislação com os seus direitos: a Moral com os seus affectos: do que se deduz que a Sciencia Social he verdadeiramente a Sciencia do homem.

Determinar o melhor uso das faculdades do individuo, dos seus direitos, das suas paixões, eis o grande problema da Sciencia social. O espirito humano ja muito tem feito para a solução deste problema: falta-lhe ainda bastante para operar, porque acontece á Sciencia social o que acontece a qualquer sciencia de observação e de cogitação, o que se sabe he pouco, e o que se ignora he muito. A Sciencia pode ser sempre addicionada, mas não alongada em seus limites porque não os tem.

Ha dous generos de Sciencia: um que não passa de estudar o que se tem observado, e o outro que não passa de observar. O primeiro faz sabedores sem filosofia, e o segundo filosofos sem sciencia. O verdadeiro saber está em coadunar os dous generos de sciencia. Estudar sem observar he querer deixar a sciencia no mesmo estado, em que se acha: observar sem estudar he querer principiar a sciencia, e não amplia-la: a Sciencia fica sempre na infancia. Um sem o outro nada accrescenta: porque quem observa sem estudo só vê o que está descoberto: bem como quem estuda sem observação nada descobre. Assim cada uma destas cousas insuffici-

ente por si carece do auxilio da outra. A Sciencia não he o fructo do trabalho de um só homem, he um campo vastissimo e inculto, que unicamente produz pela applicação de uma longa serie de arroteadores.

He pois preciso colher com cuidado a rica herança, que temos dos antigos, classificar em ordem todas as partes que a organização, aperfeiçoar depois os meios de transmittir a sciencia, isto he, os methodos do ensino: entãõ será livre aõ genio recuar os limites das Artes ou Sciencias, pelas quaes tem vindo a urbanidade aõ Genero humano.

Darei o fecho a esta versão expressando que levando-me o assumpto a pôr os olhos na ordem social do Brasil eu me senti penetrado daquelles mesmos sentimentos de patriotismo, com que Mr. Ricardo de Castel olhou para o Imperio da França: e entãõ vi-me tentado a commemorar a traducção das suas expressões feita por Bocage com aquelle assinalado genio, que tanto o distinguio em todas as suas traducções, ás quaes soube dar uma graça, que nenhuma Arte de traduzir pode dictar a quem fôr capaz de desempenhar emprezas desta natureza, as quaes pedem talento, que una aõs dictames da mais exacta filosofia os sentimentos de um gosto assás delicado.

O que pois disse Castel no seu Poema das Plantas, e Bocage traduzio, he o seguinte:

Oh Pai da Natureza! Oh Grande! Oh Justo!  
 Este Imperio protege, onde ordem nova  
 Com teu favor Divino, á sombra tua,  
 O Templo social reforça, estea.  
 Manda que a Paz celeste, e que as Virtudes

Em luminoso gruppó aqui descendaõ,  
 E a Amisade, esse bem, por ti creado,  
 Para se consolar, e ornar-se o Mundo.  
 Dos Magistrados esclarece a mente,  
 A' ventura geral seus passos guia;  
 De novos Linos as vigalias honra,  
 Maravilhas de um Deos confia aõ Sabio;  
 Amavel pejo na Donzella influe,  
 No rosto a graça, e candidez lhe apura.  
 Forme, unida aõ Consorte a casta Esposa,  
 De seus filhinhos seu primeiro enfeite;  
 Eterniza das Leis o amor sagrado,  
 Dellas escudo, consistencia dellas,  
 E o Sol, reflexo teu, jamais aviste  
 Grandeza, que deslumbre a Patria minha.

— o —

FRAGMENTO

DE UM DISCURSO SOBRE A PARTE DA FILOSOFIA  
 CHAMADA ETHICA.

He digno programma da vigilancia e cuidado de um sabio Governo pôr em acção todas as emprezas e esmeros, que tendão a obter que o homem entre e se conserve em um regimen analogo aõ seu natural e racional temperamento, e que se constitua indocil para as malignas influencias do modo de pensar e viver dos outros homens ja dissolutos ou marasinados.

A educação publica, e o estudo da Filosofia moral e Ethica natural, são de absoluta necessidade para qualquer povo ainda que o seu genio o tenha preservado da

corrupção geral, cujo progresso desobedece ja aõs remedios palliativos.

Aõs Paraenses naõ faltão talentos, falta-lhes a direcção delles, o enthusiasmo da gloria, e o farol da Moral. O espirito de uma liberdade mal entendida, e uma igualdade imaginaria, tem dado um grande abatimento á educação publica. Os ricos esmeraõ-se em luxo improductivo e naõ em sciencias productoras de obras: o que fez aõ insigne Garçaõ dizer com muita graça judiciosa

Não escreve Lusiadas quem janta

Em toalhas de Flandres; quem estuda

Em Camarins forrados de damasco.

São poucos os filhos dos opulentos que buscão entender da Agricultura, da Jurisprudencia, da Filosofia, da Moral e da sã Politica: a maior parte quer emprego no Commercio, na Administraçãõ de Fazenda, nas Secretarias, nas Alfandegas, nos Tribunaes de Graça e Justiça, onde bastaõ diminutos principios ou conhecimentos primordiaes: raros seguem a rotina dos Officios fabris sem chegar á perfeiçãõ nas suas obras: o maior numero, que nisso he occupado, sãõ os Escravos, que naõ tem o mais tenue interesse em se distinguir nessas artes, que formaõ a baze da subsistencia e decoro do Estado, e sãõ a fonte da industria humana.

São pouco quantiosos os individuos de genio privilegiado que por escolha propria se fazem recomendaveis e uteis aõ genero humano endereçando a sua applicaçãõ aõs mais sublimes objectos das Sciencias exactas e filosoficas, e a todo o genero de Litteratura. Eis a razãõ de ainda existir a desmedida differença numerica entre os Litteratos e os Ignorantes: eis o motivo do nosso atrazo, ou da falta que se experimenta de heroes da razãõ, de homens nas lettras es-



pantosos, sabios Ministros, doutos Magistrados, insignes sabedores de Jurisprudencia nomothetica, Filosofos, Politicos, Mathematicos, Poetas, Historiadores, e finalmente bons costumes.

Estamos vendo a precisão de gravar no animo do homem social os solidos principios de toda a Sciencia Moral: he só com esta sciencia que elle pode achar em todas as creaturas a harmonia da criação e a sabedoria do Creador, e por consequencia não mais queixar-se do Ente Supremo porque fez qual he o ser racional, nem porque este não he immortal e ditoso no Mundo ou porque existe o mal fisico e moral no Universo. He só com esta sciencia que o homem pode ver na propria organização e forma de existir a origem e os fins das paixões, as quaes sendo guiadas pela razão produzem as virtudes, e dirigidas pelo amor proprio geraõ os vicios: e que na sua intelligencia e vontade reside a espontanea escolha de ser virtuoso ou depravado, e que do seu livre arbitrio lhe deve consequentemente provir o premio ou o castigo, a satisfação e a gloria ou a vergonha e o pezar. He só com esta sciencia que o homem pode aprender a ser um bom subdito, um bom cidadão, amar a integridade da Justiça e os deveres da humanidade, ver a mutua correspondencia entre obrar bem e gozar do bem, convencer-se de que o proprio bem unicamente pode vir do bem dos outros homens, e de que todos desta arte vivem dependentes, e de que a harmonia do Universo está fundada nesta mutua dependencia: e finalmente he só com esta sciencia que o homem pode analysar a felicidade humana, analyse esta da mais grave importancia para a reforma dos actuaes usos e costumes, e por cuja analyse se chegará a de-

monstrar aõs genios intolerantes, voluveis, ambiciosos e rebeldes que taõ somente em dar uso ás virtudes he que se encontra neste Mundo a verdadeira felicidade, e que esta consiste no vinculo da saúde, da paz, e do necessario, procedendo o primeiro destes tres requisitos da temperança, o segundo da pratica de uma sã moral, e o terceiro do honesto trabalho, e que as honras, as riquezas, e o poder quando naõ saõ o effeito de um trabalho encaminhado aõ bem da humanidade, saõ meros fantasmas sem realidade e incapazes de satisfazer o coração humano, onde o remorso pune o vicio ou a malignidade do nosso modo de obrar.

Mui conveniente seria um escripto sobre um bom systema de Ethica para o curativo das enfermidades moraes que existem entre nós. Bem conheço que para curar a perversidade dos costumes provinda da falta de principios Religiosos basta a exposição dos altos dogmas espirituaes, que a moral sagrada do Evangelho deve gravar nos corações pela consciencia propria, pois he certo que o homem tem uma consciencia, cujos argumentos o determinaõ a certos fins, convencendo-o pelos principios que ella mesma estabelece para que em razaõ do proprio bem ou particular proveito obre aquillo mesmo que forma o interesse publico e naõ attribua unicamente á differença das Constituições as Leis naturaes dos outros paizes, mas a fraqueza do homem he tal que elle infelizmente presta mais adhesaõ aõs argumentos humanos quando estes são feitos debaixo de uma forma, que envolva o deleite da dicção. He verosimil que por isso os antigos Patriarchas, Sacerdotes e Legisladores instituisssem a Religião e as Leis sociaes entre os Povos do Mundo primitivo por meio da Poesia, que se vio então consa-

grada aõ uso da Religiãõ e da Politica, sendo julgada capaz de aplanar ou encobrir os passos escabrosos do jugo da Razãõ e da Justiça.

Não ha uma obra escripta com elegancia verdadeiramente aurea que sirva para promover e propagar a sã moral, e para nos ennobrecer e instruir, illuminando o entendimento em geral. Os Litteratos devem occupar-se nesta parte da Filosofia: sãyaõ da inercia ou do ocio do egoismo: a vereda das Sciencias e da Razaõ deve ser trilhada e seguir-se os vestigios dos descobridores. Nós temos para estimulo nos tempos modernos maior numero que o daquelles que forãõ produzidos pelo exemplo e doutrina de Cadmo e Thales em Mileto, de Pytagoras na Italia, de Pamenides em Elea, de Eschylo e Socrates em Athenas, e de Democrito na Cidade de Abdero.

Uma obra pois que verse no assumpto indicado em forma agradavel e insinuante terá sem duvida grande sequencia de escriptores, dos quaes algum resplandecerá onde os outros não chegãõ a encontrar as luzes, e levantará a gloria da Nação Brasileira acima da que gozãõ as Nações mais sapientes da Europa, pondo a justiça, sabedoria, piedade e beneficencia do Throno Constitucional do Brasil a par das virtudés, que fizerãõ para sempre gloriosos os reinados dos melhoes Monarchas das plagas civilisadas.

N. B. O sobredito discurso saõu inteiro da penna do Conego Baena, mas não se achou mais do que este fragmento desligado, o qual por seu contexto julguei não dever excluir da collecção dos seus escriptos.

---

PROPOSTA  
OFFERECIDA AÕS JOVENS PARAENSES  
PARA  
A INSTALAÇÃO DE UMA ASSOCIAÇÃO DENOMINADA  
INSTITUTO MUSICO-INSTRUMENTAL PARAENSE.

A nossa bella Provincia e gloria nossa, meus Amigos, meus bons Concidadãos e Patricios, atrazou-se das outras, que avançavaõ na linha do augmento: brillhou e decahio para o estado em que a vemos: a avidez da cultura das Lettras decresceo consideravelmente, e as Artes de mão não apresentaõ como nos tempos passados obras que faziaõ alarde á vista. Se hoje quizessemos edificar uma Basilica melhor ou igual á nossa Sé ou a qualquer dos Templos que decoraõ a nossa Cidade veriamos com dissabor nosso que não temos um Architecto, um Escultor, um Pintor, e um Pedreiro industrioso.

A Musica vocal e instrumental florecia: a Cathedral tinha um archivo de excellentes obras da Europa e de optimas composições da Patriarchal de Lisboa; e delle sahiraõ copias para diversas partes do Brasil: alguns Paraenses tambem possuaõ boas colleções de solfas, e faziaõ em certos dias semanaes concertos ou ensaios harmonicos: os mesmos Senhores Bispos quando andavaõ de visita pela Diocese cuidavaõ de attrahir para as modulações sacras moços de voz canora, que aprendessem na Cidade.

Este gosto do cultivo das Artes ja se achava decadente em 1822, porque meu Pai numa sua obra intitulada—Um Amante do Pará aõs Paraenses,— (\*)

---

(\*) *Esta obra teve por alvo analysar um passo da Me-*

e impressa no Maranhão no dito anno diz na pagina 17: " Vós bem vedes que tudo vos falta: e que comparativamente com as mais Provincias do Brasil estaes em condição extremamente inferior. A Pintura, a Estatuaria, a Musica Vocal e instrumental, e dos Officios mecanicos, que não tendes, quaes os de Cutileiro, Fusteiro, Latoeiro de fundição, Bate-folha, Fundidor de Cobre, Dourador, Sirigueiro de Chapeos, Sirigueiro de agulha, Sombreireiro, Vidraceiro, e Ourives de Prata, tudo tereis acabando a madraçaria, e entrando novo espirito de vida social, e convocando o que convem para aniquilar este estado barbaro, em que vivemos. Conseguido isto, teremos uma situação moral e civil mais consolante e bem apreciada no conceito dos outros povos sem nos importar a gigantesca pretensão de influir nos destinos futuros da Europa. "

Vinte e dous annos pois tem passado depois que principiou a notar-se a falta das bellas Artes e nomeadamente no meu intento a da Musica. Com acerto dizem os Publicistas que as Artes, bem como as Sciencias correm o mundo, mas não se fixão se não onde são bem recebidas: e a influencia de um bom Governo he sempre a causa mais poderosa dos seus progressos. Veja-se para exemplo nos tempos mais distinc-

---

*moria sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos Africanos no Brasil escripta por João Severiano Maciel da Costa, que falleceo com o titulo de Marquez de Queluz, cujo passo era o seguinte — Não são precisos telescopios para divisar que a America ha de influir nos destinos futuros da Europa, e que um ponto no continente della tão precioso como Portugal, que todos invejaõ, offerecerá vantagens inapreciaveis. —*

tos na Historia em que os Medicis e Luiz XIV. chamárao á roda de si os Artistas mais insignes do seu tempo e lisongeando-os, dando emprego aõs seus talentos, constituindo-lhes pensões e fundando Collegios de educação he que animárao os seculos brilhantes, que conservaõ os seus nomes, e produziraõ taes obras de mão prima acabadamente perfectas como o Templo de São Pedro em Roma, Versailles e a fachada do Louvre em França. Em quanto no Pará o Governo honrava e favorecia a Musica, esta prosperava: mas logo que mudou de estilo cahio em abatimento, e a civilisação mostrou outro aspecto.

Naõ desconheço que neste periodo a Provincia padecesse disturbios occasionados por insurgentes: e naõ podia por esse motivo entregar-se a essas applicações, que só no regaço do socego podem ser tratadas: mas felizmente as commoções populares naõ se tem renovado ha nove annos, e he tempo que reapareça o espirito antigo em tantas artes, que necessitaõ de frequencia estudiosa para acreditar a Provincia e mette-la no andamento feliz, que as outras seguem. O Pará naõ he inferior nos dons naturaes ás outras terras do Brasil: nelle tambem se observa como em todo o Imperio " O Céu, a terra, e todos os elementos concorrem á competencia para a sua fertilidade e riqueza. Nada alli falta: tudo só espera pela mão do homem " segundo disse um nosso Patricio, que observou melhor o Brasil com os olhos da Politica e da Filosofia, como foi o Bispo de Elvas Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Embora naõ tenhamos como antigamente um impulso alentante da parte do Governo: naõ nos importe o triste estado, a que no Brasil estaõ destinados aquelles que se

dedicãõ aõ estudo das sciencias e das Artes : o nosso recurso deve estar em nós mesmos: aquillo que podemos praticar pela nossa uniaõ de vontades devemos encetar e nisso perseverar: naõ poderemos cuidar aõ mesmo tempo de tudo o que nos he preciso, porem podemos cultivar successivamente algumas das Artes liberaes, e nenhuma a meu ver merece a antelacão no ensino se naõ a Musica. Esta acha-se no nosso paiz natalicio totalmente atrazada tanto a vocal como a instrumental: apenas contamos com as duas Bandas de Musica de dous Batalhões e a dos Educandos de moderna data devida inteiramente á lembrança e aõs cuidados do seu benemerito Director o Capitaõ Joaquim Belford Gomes, que nos estaõ servindo em quasi todos os festejos, e nos Bailes e na Casa das representações theatraes.

A musica he indispensavel: e parece-me que seria conveniente ensina-la aõs meninos logo que elles tivessem concluido o seu estudo de ler, escrever e contar. He de urgente necessidade cuidarmos da musica quanto em nós couber: tenues principios muitas vezes daõ existencia a cousas grandes, comecemos, amados Patricios, naõ percamos tempo: tomemos á nossa conta este delectavel e util objecto, e mostremos tambem por este lado o nosso patriotismo, e que sabemos como se sabe nas partes mais civilizadas que a Musica sempre teve lugar na Igreja de Deos tanto no tempo da Lei da Escripura passada, como no da Graça presente: que saõ disto testemunhos innegaveis o monte Sinai, os Tympanos e Pandeiros de Maria, irmã de Moysés, as Trombetas de Jericó as Violas, os Psalterios, as Citharas, os Taschats, as Harpas, as Cervas-matutinas, os Maschils, os Orgãos, os Shoshanims, os Cinnores, e as Tiorbas,

instrumentos musicos todos usados no Tabernaculo e no Templo de Salomaõ, em os quaes haviaõ bandos de Solfistas descendentes de Coré ou Corah, e os Solfistas regidos por Asaph e por Idithun: e finalmente que sabemos por meio de muitos exemplos da Escriptura que Deos se deleita com a Musica, e por meio da experiencia que ella exercita grande força no coração do homem, sendo até suave num lauto banquete *Ut musica in convivio vini* segundo diz o Ecclesiastico, um dos quatorze escriptos Deutero-Canonicos: e por meio dos Escriptores da antiguidade classica como Strabo, Plinio, Herodoto, que aõs mesmos brutos animaes chega a doçura e conhecimento da musica: que um Golfinho salvara o Musico Arion de perecer no mar: que os Povos barbaros tem sua musica segundo o seu alcance: que os Passaros igualmente tem o dom da musica, com o qual festejaõ a boa vinda da primeira luz, as primicias do dia, e mesmo com as azas quando as expandem fazem ondear sonidos no ar como por exemplo as Cegonhas da America occidental: e naõ he menor maravilha que as aguas escorregando por entre seixos e pedras façaõ rumores e estrepito, e as fontes dêem grato, brando murmurio: e que os ventos com os seus zunidos daõ-nos uma semelhança de musica. Quão immensos saõ os poderes da harmonia! Entre os povos modernos a Musica naõ he se naõ uma abstracção da linguagem vocal, que reunindo todos os sinaes ou meios por esta empregados para indicar os diversos conceitos, sentimentos, e paixões do espirito, he apta para exprimir todas as modificações da nossa alma, e por consequencia para excitar ou moderar todos os sentimentos, affectos, e paixões.

Desvanecemos o estado, em que nos achamos a respeito do assumpto da presente proposta: do contrario



estamos expostos a que comparem a nossa actual musica com a musica dos Animaes no dia de annos do Rei dos Bosques, da Fabula de Iriarte. Lancemos mão do expediente das Sociedades, que he o expediente mais da moda em nossos dias: passemos a crear uma sociedade, que se occupe de ensinar a Musica e Contraponto segundo o estilo moderno, e que seja o centro das melhores composições e peças dos grandes Musicos de algumas das Provincias nossas irmãs, que hoje rivalisaõ no gosto com a culta Europa, de que se possaõ aproveitar os nossos conterraneos: e experimentemos a possibilidade de conseguirmos o fim, a que nos propomos, e para isso apresento as seguintes Bazes, trazendo á lembrança o animamento do immortal Cantor da passada gloria Portugueza no Canto V.

Porem não deixe em fim de ter disposto  
 Ninguem a grandes obras sempre o peito;  
 Que por esta, ou por outra qualquer via  
 Não perderá seu preço e sua valia.

#### BAZES.

##### 1.<sup>a</sup>

Fundar-se-ha um Instituto Musico-Instrumental Paraense, que especialmente se occupe em ensinar a Musica, Composição della e Contraponto á aquelles Socios que a ignorarem, captando para isso Professores habéis, que seraõ membros da mesa do mencionado Instituto, á deliberação da qual submeter-se-haõ todos os projectos concernentes aõ seu melhoramento e bom regimen.

2.<sup>a</sup>

Os associados farão os seus trabalhos musicaes na casa que mais accommodada se julgar para isso, concorrendo todos para o pagamento do seu aluguel.

3.<sup>a</sup>

O fim deste Instituto será alem do que for expresso em seu Regulamento colligir e archivar as melhores peças de Musica, assim como as obras, que tratem da sua composição.

4.<sup>a</sup>

Constará de vinte socios effectivos residentes nesta Cidade, e de numero illimitado de honorarios, que habitem aqui ou no interior da Provincia, e que a Assembleia geral houver de nomear por indicação da Mesa.

5.<sup>a</sup>

Logo que oito membros effectivos se reunaõ depois da approvaçãõ da presente Proposta se procederá por escrutinio secreto á nomeaçãõ de um Presidente, dous Secretarios, sendo um perpetuo e o outro adjunto, um Thezoureiro e um Director. Presidirá a esta primeira nomeaçãõ um dos socios, que precedêraõ na adopção deste estabelecimento, e acabada ella cessará de influir nos actos sociaes subsequentes.

6.<sup>a</sup>

Installada assim a Mesa do Instituto Musico-Instrumental Paraense passar-se-ha a escolher tres de seus membros, que organizem com a possivel brevidade o Regulamento de seus exercicios: e só depois de discutido elle e approvado pelos socios se proseguirá nos

mais actos regulares, devendo considerar-se como preparatorios os que antes disso se celebrarem.

7.<sup>a</sup>

A Mesa da Associação marcará aõ Instituto Musico-Instrumental Paraense os dias em que deve ter as suas Sessões a fim de evitar petição de convites dirigidos aõs Socios.

8.<sup>a</sup>

O Instituto Musico-Instrumental Paraense facilitará ás Sociedades Musicaes, que por ventura a seu exemplo se hajaõ de crear, todos os meios aõ seu alcance de que possaõ precisar, concorrendo com todas as suas faculdades para a sua gloria e prosperidade.

9.<sup>a</sup>

O Instituto não admittirá em seu gremio se não aquellas pessoas de exemplarissima conducta e reconhecido merito e intelligencia, e que possuirem conhecimentos da Musica.

São estas as bazes principaes, que o abaixo assignado ambicionando ver nesta Cidade uma taõ proficua e indispensavel instituição offerece á consideração dos seus comprovincianos na esperança de que se- raõ aceitas prestando-se com gosto a uma empreza na verdade superior ás forças de um só homem, ainda o mais emprehendedor, mas que se tornará facil pela coadjuvação de muitos. As forças reunidas daõ resultados cabaes: e quando os que se congregaõ estaõ possuidos de igual vehemencia de vontade não receio vaticinar glorioso successo aõ inculcado Instituto Musico-Instrumental Paraense.

Pará, 18 de Setembro de 1844.

## MEUS PENSAMENTOS SOBRE A VIRTUDE

### DA RELIGIAO CHRISTA.

A lição dos Livros de Moysés enche-me de grande admiração e de espanto. Figura-se-me ouvir a voz da Suprema Eternidade, por quem os Céos e Terra se sustentão, lembrar da summidade do Sinai com paternal carinho a Lei verdadeiramente racional do Decalogo gravada no peito dos humanos aõ Povo Hebreo espavorido pela vista das nuvens incendiadas, pelo horrído fragor dos trovões, e pelo medonho som das celestes trombetas, que entre o assombro da Terra, Céos, e Abismo, annunciavaõ a presença daquelle, que impera na estancia pura dos Céos.

A historia contida no Pentateuco he referida por Josepho, e geralmente acreditada pelos Rabinos. Ella me retrata com vivo fogo e augusta magestade a omnipotencia do supremo Senhor da Natureza, e o acclama firme esteio do mundo, unico, providente, e bom; e inflammando a minha alma em amor fervoroso merece-me em tudo o meu mais serio e profundo respeito.

Este extraordinario Chefe do Povo Hebreo fez notar de perto a esse povo de fé traidora a maõ da Eterna Santa Providencia na salvação do cativo do Egipto. Eu considero digno de ser exalçado ás estrellas este sublime mortal, este primeiro Vate que entoa hymnos aõ supremo Senhor de eterna gloria, que nos deo o estupendo retrato da voz creadora, que fez surgir da inexistencia o Sol, a terra, o mar, e os Céos, e brilhar a face e a mente humana: em summa, um mortal que Deos inspirou e revestio de celeste força e de mil virtudes singulares. Oh Moysés! A

vóz, que soltaste, era divina: e naõ menos o foi a inspiraçaõ, com a qual animado obraste duro castigo e horrivel carnagem para desempestar o povo de Deos da idolatria do Bezerro de ouro sem desacreditar a tua humanidade, nem o teu zelo da honra do Ser Supremo.

Fervendo em santa ira reprehende os crimes de taõ ingrato povo, que abalado de traidora fé quebrantou a luz, que a sua alma adorava. Seguro estende a vara, e a natureza a seus pés humilha a frente. Estremecem mil vezes entre as brenhas os Hebreos, que tu guias: e vendo que o dia, a noite, o mar, a terra, e tudo te obedece, elles naõ podem mais deixar de reconhecer-te como Mensageiro fiel da Immensa Potestade.

Por ventura serás o promettido Medianeiro amavel? Ah! Tu vens predize-lo: e em tom eminente entoas o recebido oraculo de Jacob. Quem he pois esse augusto Enviado, que ha de estancar o pranto aõ mundo inteiro? As duas Tribus que constituiaõ o Reino de Judá, e que eraõ as unicas que haviaõ permanecido, aõ menos na apparencia, fieis á Lei do Senhor, ja deixáraõ de serem sujeitas aõ sceptro do Neto de Abrahaõ: e arrastradas pela impiedade de seus proprios Reis desamparáraõ o culto do verdadeiro Deos e adoráraõ Baal, e Astarte e sacrificáraõ a Moloc em virtude da sua mistura com os Povos idolatras de Madian, Moab e Bassan: passou a semana, que o casto Daniel aõ profetico aceno de Gabriel afouto expunha. Onde he que o Justo assentou para sempre o seu throno sobreeçcellentemente? A minha alma qual equórea agulha, que naõ atina com o Norte, oscillando errante crê, presume, vacilla, treme incerta, e geme afflicta em

duvidas incommodas. Um brioso Gedeão, um Sansão nervoso, e um Josué pugnaz na conquista dos Cananeos, com todas as suas mais altas galhardias, que abonaõ o seu preexcelso esforço, saõ uma escassa sombra do Justo, que eu ancioso busco. Eu vejo a pintura dos verdadeiros bens na alluvião, que a esplendente fortuna de gesto ledõ e brandõ ajoelhada junto aõ Solio do poderoso Salomão derrama com mão profusa. Se considero o Monarcha Hymnographo todo occupado em cantar portentosamente as grandezas daquelle a quem o Universo reconhece por Senhor: ou se na minha mente o vejo aterrar e destroncar o pavoroso Gigante parece-me ser elle a imagem do vencedor da morte, se bem que existe desigual força de braço entre um e outro. Oh fervente Elias, que banhas meu peito de suaves lagrimas, vem esclarecer-me: e tu tambem energico e sublime Isaias vem apontar-me o Santo das Nações longo tempo apetecido e tantas vezes por ti profetisado.

Foi o peccado que contrariou o Monarcha universal de todo o creado, maculou e enlutou as suas obras, e abateo o nobre estado do homem. Oh Grecia! Oh Roma! Ouve e refrea teu animo ancioso: retumba em fim a doce e sincera voz da candida verdade, que escondeo tantas vezes o seu rosto melindroso aõ altivo esforço do teu genio ardente. A Revelação santa e divina tão longeva como o mundo desperta-me do meu profundo somno com a sua luz tão bella como a risonha aurora matutina. Assim ó meu Deos em todas as eras piedoso a tua bondade communicas. Um augusto Mensageiro o Immortal nos promette quando annuncia a morte aõs Pais da prole humana, que perdêrão a beldade da innocente natureza. Jacob

profetiza a officiosa promessa feita por Deos com eterno juramento: não cessa uma longa serie de Varões santos de pintar um Deos descido dos Céos á terra, um Redemptor unindo-se á nossa carne, e fazendo-a nobre para valer aõ homem desventurado, ensinando-lhe a alcançar a felicidade que não perece, entrando na sua origem d'onde sahio. Em vão ó Judá se empenha Israel em arrancar-te o sceptro com mão atrevida e feroz até que venha o Guia, que mova e contenha as Nações. De ti ha de nascer uma estrella sublimada, que fulmine a escuridão com os raios da verdade. Levanta a frente Bethlem escassamente conhecida entre os povos de Israel: tu hes a patria do Deos potente, que cortará o collo á Idolatria. O criminoso povo verá seu ferreo coração cingido de graça e de alento. Levanta-te Jerusalem, circumda de alegria o teu aspecto, alaga o teu peito com prazer: ergue Sion os olhos para quem te augura o teu Redemptor, para essa voz que apregoa preparando os seus caminhos santos. Sobre o apogeo dos montes vai alçar-se fecundo monte: delle mana limpida fonte, na qual virão extinguir a sede os que habitão na terra trateada de males sem quantia.

Um varão desalentado com voz doente eu oiço suspirar: a refulgente virtude o rodea: descora o vicio aõ ve-lo, e de repente se esconde espavorido. Placido e firme tudo quanto a vaidade humana aprecia impavido menospreza. As suas fallas respiraõ a singella linguagem da verdade, e inspirão o amor da justiça, a paz, e a ardente caridade: ensinão a dar beneficios por aggravos, e favores por injurias. Acaso ó Céos he este o homem extraordinario, maravilhoso, que o Paganismo cria ser o filho dos seus Deoses umbraticos, e que vejo mor-

rendo no horrífico Golgotha! Inda tenro infante se recosta em pobres fachtas sobre as palhinhas de uma mandeoura de brutos porque sua Mãe não achou um cantinho nas estalagens de Belem. Quem ó Israel te poderá dizer a geração e a sublimidade da sua natureza? A sua idade immensa tem por medida a eternidade, e o seu poder na permanencia emparelha com a immortalidade. Povos curvai-vos reverentes; adorai o seu nome preexcelso: as varias Gentes do Globo illustrão-se com os seus olhos affaveis: e ja os chimericos Deoses, ante os quaes ellas com mãos culpadas balanceavão aureos thuribulos fartos de roubado incenso, são consumidos pela combustão. Sabá e Tharsis possuidos de respeito lhe adornarão o berço com dons preciosos e fragrantés: e a lingua teceo discursos de justiça e de bondade tão melifluos como os delicados favos das colmeas: discursos que mostrarão a verdade em Parabolás. Os povos revoltosos do Nilo o virão quando em Ramá retumbarão ternos ais saudosos, e quando a triste Rachel chorava de seus tão queridos filhos o sangue derramado pelas impias mãos de um tyranno detestado. Lá corre aõ Egipto o desejado dos Povos: mas dalli he chamado na forma manifestada pelo santo e ineffavel Deos de Oseas.

O teu Soberano ó Sion não vem revestido de guerra e furia como conquistador iracundo, que bravamente desterra a paz. Pelo contrario elle coroado de doçura piza as ruas sobre um jumento pobremmente jaezado, e publica á terra a paz com os Céos. Ergue a face, sacode altiva o pó do teu semblante, trasborda de prazer puro e animado: eis o teu Redemptor, que vem constante embotar a gadanha esquivã do crime: eis aquelle grande dia que Abrahão e Jacob te promettião. Escuta a voz, que proclama no deserto, do austero pre-



cursor, que havia de preparar-lhe a ardua estrada: vê como a natureza olha submissa o aceno severo de teu Senhor, vê como lhe obedece, e como por seu creador o confessa.

Quem he este que vem de Edom com vermelhas vestes? Oh dia lacrimoso! A dor fixou o seu assento no unguido do Senhor, e com ferina catadura lhe rasga o peito. Já não tem semblante natural, parece ser um homem de amarguras: emmudece como mansa ovelha, e desfallece abatido entre penas: movido de piedade tomou sobre si a desventura alheia, e desta sorte expia a nossa iniquidade. A' sua mesa se assentava um desditoso traidor, que se deixou impressionar da avareza para o atraçoar por um preço funesto. Ah traidor, o Principe demonarca vai destinar-te ás chammas inconsumptiveis do seu dominio. Impios algozes acendem com fel a ardente sêde do Cordeiro de Deos.: barbaros e ferozes os seus proprios nacionaes com horrivel riso o encárão, sorteão-lhe a tunica inconsutil, e traspassão-lhe os pés com duro ferro penetrante. Piedosa ternura lhe tornea os olhos contristados, ajunta em seu coração á dor fundissima os doces sentimentos, em que exuberava, e depreca aõ Pai o perdão dos verdugos, que o cravá-rão e tingirão as profanas mãos no seu sangue só por culpa e delirio de Adão rebelde.

O' Ser eterno! Que impressão acerba dentro em minha alma esparge o horrivel Christicidio! Que afogueada chama de terna gratidão aquece o meu peito aõ ver uma morte por que todos vivem! O' alto Ser supremo, e quizeste desta maneira que aõs criminosos do maior de todos os delictos o perdão fosse deferido!

Cruenta Jerusalem, infame prostituta, esconde-te: o sombrio som da tua voz enluta as sagradas aras: o Deos Optimo e Maximo, que salvou do Egipto o teu cansado e affligido povo, não te ouve com rosto meigo e attento: são impias e sacrilegas as montanhas da blasphema Sion. Jerusalem rebelde vivirás como esposa abandonada: nunca mais se erguerá o teu Santuario augusto: Tito acaba de provar o teu crime aõ Mundo inteiro: debalde invocarás a mão sacrosanta do Deos de Abrahão e de Isaac: o teu povo será fatal objecto de opprobrio e de dor, e sendo escarneo das Nações cumprirá o vaticinio rendendo aõ Mundo clara prova da Divindade do Messias, que justo te solta aõ teu destino terrífico, e te despoja do teu antigo esplendor.

Assim por mil modos a multidão de inflammados Sabios do futuro por Deos inspirados me annuncia o venturoso dia, que a mil Nações havia de fazer ver o desejado, o Christo do Senhor, que se assenta sobre os fulgentes Astros. As duvidas se deslação com esse clarão luminoso, e a sisuda reflexão, filha a mais amada da razão, deixa o seu inquieto esforço, e inunda de alegria o peito afflicto, respeitando e humilde adorando a mão omnipotente e vencedora, que domou o Mundo enfurecido, e nelle arvorou a cruz triunfante, que sellou os factos retratados pelos Apostolos immortaes com lingoagem limpa das falsas tintas, que a affectação proterva maneja astuta: Mão omnipotente em summa, que maravilhosamente collocou o fanal da esperanza na beira do vasto oceano das opiniões humanas para nos guiar aonde se acha a verdade.

SOLILOQUIO MEDITATIVO DO MARTIRIO  
DE JESUS CHRISTO.

Quem he aquelle, que se revestio da nossa carne miseranda, e deixou a vida pelos erros da gente em mãos da gente? He o Ser, que tudo pode, manda, move e cria: aquelle unico Ser sem fim e sem principio, a quem tudo he possivel por mais que o difficile o humano atino: um saber infinito, uma verdade, que nas cousas anda, que mora no visivel e no invisivel. E como se conhece esta potencia, esta causa das causas? Contemplando-se as suas perfeições no espelho das creaturas; isto he, revolvendo-se na fantasia, sagaz escrutadora e diligente, sem o menor desvio da razão, o movimento dos Céos e dos Planetas, as occultas causas por que este mundo se sustenta: o curso do Sol tão bem medido que um só ponto não augmenta nem diminue: o constante effeito da mudança da Lua: a natureza dos Céos, que sem parar um só instante caminbão conformes e contrarios: e o responder o tempo a todos esses movimentos com os effeitos da terra.

Pondere o Christão com discurso repousado, e facilmente se achará advertido. Contemple aquelle Deos alto e increado, Senhor de todas as cousas, que creou o Céu e a Terra, não do confuso cáos como cuidou a falsa Theologia, não dos átomos leves de Epicuro, nem do fundo oceano como Thales, mas do seu pensamento casto e puro.

Vê, animal humano, qual he o teu merecimento, e se por ti o immenso Deos devia padecer novo estilo de morte e novos males: vê que o Sol se obscurece no Céu supremo não por opposição de algum planeta, mas somente porque lhe falta a virtude de

alumiar: vê que a grande maquina do mundo se desfaz toda em tristeza sem haver para isso causa natural secreta: vê como a Natureza se perturba, o ar se faz turbido, o mar geme desfazendo a dureza da bronca penedia, os montes complanão os valles, a terra treme, e lá na remota e grande Athenas o douto Areopagita exclama e teme.

Oh summo Deos! A tamanhas affrontas e a tantas penas tu mesmo te sujeitas pelo mal, em que só eu sou o culpado. Por mim, Senhor, que sou falso e violador da sacra Lei, se poem em ti a fama do meu peccado. Eu sou o máo, tu o bom, e a punição dos meus erros em ti se irroga. Eu servo sem merito por me libertares do cativo eterno, que mereço, te dás por preço vil. Por me ganhares entregas-te aõs homens dissolutos, que te vendem. Soltas as almas, e os outros te prendem. Sendo tu summo Juiz accusão-te perante os Magistrados pelos erros dos que te offendem. Chamão-te malseitor, não contradizes: e sendo a certeza dos Profetas dizem-te que declares quem te fere. Rim-se de ti: tu choras os crueis castigos, que sobre elles tem de cair. Despreza-te a gente dura pela qual vieste aõ mundo. O teu rosto, de cuja formosura se veste o Céu e o Sol, e diante quem pasmada está a natureza, de cruas bofetadas e asquerosas salivas da gente vil, e de precioso sangue he coberto e atropellado cruelmente. Teu corpo sacrosanto sobre todos os Santos vio-se desangrado por açoutes rigorosos, depois mal coberto de um pobre manto, que se pegava ás carnes para dobrar-lhe as dores. As chagas causavaõ tormento excessivo: as venerandas barbas de esplêndor trajadas arrancáraõ-se para desempenhar a Adão cativo: levárão-no com cor-

das pelas ruas carregado sobre os hombros com o trofeo da victoria, que as almas obtinhão. O' tu, que passas, homem Cyreneo, ajuda um pouco este homem verdadeiro, que não tem agora forças como humano. Olha que o corpo afflicto do martirio, e enfraquecido dos longos jejuns, não pode ja com o peso do lenho, precisa ser alliviado delle.

Lá soaõ altas vozes dos Padres, que estaõ no Limbo, e ja vos coroaõ de louro e palma: todos vos bradaõ que arvoreis essa bandeira do resgate humano em cima da cidade infernal. Oh Santos Padres! Não vos apresseis: a Deos mais do que a vós custáraõ essas duras prizões, que vos retem. Aquellas mãos, que edificáraõ o mundo, aquelles pés, que trilhaõ as estrellas, foraõ encravados com durissimos pregos para ser perdoado o crime universal.

Mas qual será o humano, que contemplando as queixas da angustiada Virgem Maria não experimente a dor e a magoa das mesmas queixas, e não sinta destillar dos olhos copia de lagrimas! Oh quem lhe vira os olhos convertidos em fontes regando suas faces! Quem a ouvira tocar com as vozes as estrellas, a cujas vozes responde o Céu retumbando com os accentos dos Anjos! Quem lhe vira o puro rosto quando o ergueo para ver o Filho, que na Cruz pendia, donde desceo o resgate e salvação do mundo. Que magoas chorosas, que palavras miseras e tristes espalharia para o Céu e para a gente! E que seria, Virgem purissima, aõ ver matar a sede aõ vosso Filho com fel nojoso e com vinagre amaro! Não era este o licor suave, o verdadeiro póto, que entaõ darieis para confortar a quem vos era mais que a vida charo: mas era a salvação, que alli ganhava para o misero

progenitor da familia racional, o qual alli bebia da fonte, que do peito fluia.

Visto que ó pura e santissima Senhora de todas as creaturas o teu coração escuro de tristeza e partido de dôr sentio esta magoa quanto o requeria a grave causa della, alcançai-me dessa sagrada fonte uma gota, com que lave a culpa, que tanto me agrava e pesa. Do licor salutifero abrangei-me para que mate a sede pura deste mundo taõ cego, miseravel e maligno. Assim, Senhora, toda a criatura, que vive e vivirá, e naõ conheça a Lei do vosso Filho, a abraçe firmemente, e persevere no exercicio da oraçãõ, mãi de todas as virtudes: o falsissimo herege, que necessita da graça, e com damnado e falso espirito perturba a santa compaginação da unidade da Igreja, que floresce: o povo pertinaz no antigo rito, cujo desterro, que ainda dura, lhe diz que he pena igual aõ seu crime: o torpe Ismaelita, que mistura as Leis e estende na terra a seita infiel com preceitos assás viciosos: os idolatras mais supersticiosos, varios de opiniões e de costumes, levados de conceitos fingidos: as mais longiquas gentes, onde o lume da nossa Fé não chega, nem se sabe que tenhaõ alguma Religiaõ: todos, Senhora, venhaõ e por nenhum respeito se demorem para confessar um varaõ piedoso e justo, que impavido arrostou morte afrontosa, um Deos crucificado. E universalmente abandonado o vicio e conhecida e estimada a caridade, que he vinculo de perfeição, seja por todo o mundo celebrado o nome do vosso Filho com o vosso, e respondaõ os Céos: Jesus, Maria.

---

## NOTA.

Estas composições de assumpto diverso emprehendas pelo Conego Baena achaõ-se admiravelmente adjacentes aõ estado de perfeiçãõ. Ellas entretecidas com naõ vulgar conceito e com feliz fraze patenteaõ rasgos de genio transcendente e sublime regularidade do seu desenho, belleza da sua execuçãõ e sufficiente desdobramento. Nas tres Orações resplandece erudiçãõ, escolha de imagens, nobreza de dicçãõ, nervosidade e deducçãõ dos argumentos, uns dirigidos aõ entendimento, outros aõ coração, empregando habilmente todos os meios de persuasãõ revestidos com a magnificencia propria das ideas eminentes e grandes, que se propoz indicar aõs homens.

O Orador em seus discursos mostra bem que só cuidou de orna-los de verdades resplandecentes, de sentimentos nobres, de expressões fortes e proporcionadas aõ objecto: elle pensava, elle sentia, e a palavra seguia. Naõ ignorava que São Pedro annunciara o seu Divino Mestre sem ostentaçãõ de palayras nos sermões, que convertiaõ myriadas infindas de homens: e por isso patenteou que era digno Ministro da Religiaõ, naõ desmentindo a santidade da Cadeira Christã com o emprego de vãs e pomposas declamações, mas explanando, provando, naõ exagerando, nem omittindo difficuldades graves como quem conhecia que as suas materias naõ precisavaõ das armas de uma dialectica artificiosa. Os seus passos eraõ rectos e francos como a verdade mesma: porque sabia que a Religiaõ naõ teme a luz, antes quer mostrar-se sem disfarce: as suas palavras naõ tinhão por alvo as pessoas, sim os systemas, os quaes sem duvida são os que merecem a consideração de serem o flagello dos costumes e da sociedade: nem nessas palavras apparece o menor sinal de fel: elle naõ o

tinha em seu coração, e alem disso não ignorava que a Religião he verdade, e he caridade, e que por tanto ella não poupa os erros ainda que condescenda com os individuos sem fraqueza nem indulgencia com as paixões.

Se elle deste modo servindo-se dos misterios da Fé, dos preceitos do Evangelho, dos deveres e das praticas de piedade manifestava não desconhecer o que era costume fazer-se no Pulpito a bem da direcção das consciencias alheias: não menos acertou nas duas traducções em dar-lhes o character, que mais lhes convinha, e em ter a severidade, com que castigava as suas composições, tendo em vista a frequente publicação de obras cheias de incorrecções, de termos novos desnecessarios e ridiculos, de longas e rojantes frases, e de gravissimos defeitos de lingoagem com estilo luxuriantes, fraldoso e salpicado de nugacidades, sem jamais indicar o menor intento de obter que lhe pozessem diante o applauso e aura popular.





## PARTE SEGUNDA.

OBRAS EM PROSA E EM VERSO, QUE DIVERSAS PESSOAS  
ESCREVERAÕ NA MORTE DO CONEGO BAENA.



Discurso (\*) luctuoso feito pelo Conego Luiz Barroso  
de Bastos, Examinador Sinodal e Mestre de  
Theologia no Seminario Episcopal no  
dia 14 de Novembbro de 1847.

Placita erat Deo anima illius:  
propter hoc properavit educere  
illum de medio iniquitatum.  
(Sabedoria. Cap. 4. V. 14.)

Morreo o Senhor Conego Joaõ Sanches Monteiro  
Baena; ja não existe; o dia 12 do corrente Novembro  
foi para elle o ultimo! Qual mimoso botaõ, que des-  
abrochando ainda, cai golpeado aõ gume do cruel fer-  
ro: assim elle tocando apenas o quinto lustro (\*\*) da  
sua idade, caio victima de uma prematura morte, que

---

(\*) Teve a sua primeira divulgaçãõ na Folha perio-  
dica intitulado Treze de Maio, N.º 753. Quarta Feira  
17 de Novembro de 1847.

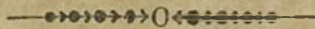
(\*\*) Faltavaõ quatro dias para inteirar 23 annos de  
idade quando morreo o Conego Baena.

desapiedadamente cortando os fios da sua preciosa existencia, o arrebatou para sempre do tempo á eternidade. Incontestaveis foraõ os merecimentos deste Joven Ecclesiastico; e os distinctos empregos, que em tão verdes annos dignamente occupou, são disto as mais brilhantes provas, e como os convincentes pronosticos desse lisongeiro porvir, que ja se nos antolhava taõ feliz e glorioso. Antes da idade para o Presbiterato, ja o tinhão elevado seus proprios merecimentos aõ gozo de uma Prebenda da Hierarquia Diaconal desta Cathedral do Pará onde tambem occupava o lugar de Mestre de Ceremonias do Solio: regeo com pericia e applauso os Magisterios de Filosofia e da Lingua Franceza no Seminario Episcopal, mostrando constantemente em todos estes empregos aquella prudencia, circunspecção, discernimento, e madureza de juizo, que são sempre sobre modo admiraveis na verdura de taes annos; e a modestia, esta virtude, que deve ser inseparavel da mocidade, era a sua virtude favorita.

Sendo estes os principios da sua gloriosa carreira, e como os ensaios da sua esperançosa juventude, bem se pode dizer que o Senhor Conego Baena principiou por onde muitos desejarão ter acabado, e que ( na fraze dos Livros Santos ) vivendo elle muito pouco encheo a carreira de uma larga vida. Ai! Da breve e risonha estação da vida passou elle de repente na flor da idade para a lugubre habitação dos mortos, onde um negro e melancolico véo o escondeo para sempre aõs nossos olhos.

Com a sua morte perdeo a Cathedral um dos seus mais zelosos e intelligentes Ministros: o Seminario um Lente habilissimo e talentoso; seus Pais, Irmãos, e Pa-

rentes um amigo em ama-los extremoso, seus amigos as puras delicias da amisade; a Patria um cidadão prestante; e eu, eu que aõ escrever estas linhas lhe rendo o justo tributo das minhas lagrimas, um Collega amante e um amigo virtuoso, a quem tributarei alem do Tumulo, onde ja não pode insuflar a lisonja, as provas da minha estima. Ah! Quaõ fataes e insupportaveis seriaõ estas perdas se no espirito da Religião Santa de Jesus Christo se não encontrassem superabundantes motivos de solidã consolação. Nada portanto nos pode impedir de crer que sendo a sua alma agradavel a Deos por isso se apressasse elle a tira-lo do meio das iniquidades — Placita erat Deo anima illius; propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum —: e que perecendo o seu corpo, não morreo a sua alma. Vive: e vive na Mansão dos Justos, cuja memoria será eterna, porque a sua morte não he como a dos impios, cuja memoria com elles perecerá. *Non sic impii, non sic.*



Pesames pela morte do Conego Joaõ Sanches Monteiro Baena dados á Mocidade Paraense pelo seu patricio Frei Vicente de Jesus, Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio do Pará, no dia 15 de Novembro de 1847. 2

Sei dolorosamente, Jovens Estudantes, qual he o motivo do vosso pranto, da vossa grande tristeza. Eu tambem della me sinto assaltado, e me sentirei todas as vezes que me bater na mente a lembrança do deploravel dia 12 de Novembro do fatal anno corren-

te. Sim: foi nesse tristissimo dia que morreo quasi subitamente o Senhor Conego Joaõ Sanches Monteiro Baena, vosso digno e benemerito Preceptor, e meu especial amigo, e nosso Patricio amavel e honrador. Foi nesse lamentoso dia que o illustre Senhor Tenente Coronel Antonio Ladislau Monteiro Baena, a quem a Litteratura Brasileira e particularmente a do Pará deve monumentos singulares, (\*) soffreo a deploravel perda de um filho, em que punha todas as suas esperanças de futuro lustre e gloria da Familia. Foi nesse tetrico dia que o somno da morte em breve cerrou perpetuamente as palpebras de um amigo estimavel e primoroso, de um concidadão honrado, prudente, fiel e prestadio, em summa de um esplendor Paraense tão raro como antigamente o ouro de Phison.

Na verdade eraõ incontestaveis os grandes merecimentos deste nosso admiravel patricio, que em taõ verde idade ja honrava a sua familia, e abrilhantava o seu paiz natal: patricio de engenho vivo e penetrante, de uma memoria fidelissima, de uma percepção clarissima e prompta, de uma imaginação sensata e fecunda, com uma applicação assidua, que mereceo por tudo isto o Canonicato Diaconal, o emprego de Mestre de Ceremonias do Solio na Cathedral desta Cidade de Belem, e os Magisterios de Filosofia Racional e Moral e da Lingua Franceza no Seminario Episcopal: cujos lugares exerceo com gosto visivel, decoro conveniente, e proveito da Mocidade, que provocou geral especialidade a mais honrosa.

---

(\*) *Delles no Brasil, e na America Ingleza, e na Europa se ha feito apreço, que nos serve de gloria. Só o Pará tem sido mudo!!!*

Que thesouro não possuia a Provincia do Pará neste seu compatriota! E que vasio não deixou nella a sua morte! Que capacidade havia mais vasta? Que modo mais justo e nobre de pensar e explicar-se? Que admiravel o seu coração, que parecia totalmente destituido de amor proprio! O seu zelo era sem limites no cumprimento das suas obrigações: e geral era a affabilidade e fidelidade no trato humano.

Paraenses, que tudo experimentastes, não o achastes sempre observante veridico e exacto dos dictames da sincera amizade? Não o vistes muitas vezes dissipar intrigas e desgostos entre vós? Não o observastes sempre laborioso, infatigavel em procurar o vosso augmento, e por esse meio o da nossa patria? Dizei: dizei vós, que prazer tivestes de ser seus discipulos: dizei que com verdade o proferis. Mas ah! Triste e infeliz Pará que assim perdeste esta fina pedra da tua esplandecencia! Ah! Que dor para a lastimosa familia, que perdeu uma columna futura da sua nobre Casa! Sim Familia angustiada razão tendes para deplorar: e nós acompanhar devemos a vossa magoa. Os Pais choraõ a perda de um filho amado e merecedor de o ser: e nós a falta de um amigo fiel, amoroso e proficuo. Os Irmãos o lamentão porque ficarão sem o seu amparo vindouro: e o Seminario Episcopal porque perdeu um Lente engenhoso, activo e acoroçoante da instrucção da Mocidade. E vós tambem Igreja do Pará sentis a falta de um Ministro virtuoso e douto, e uma das vossas luzes: e finalmente a Patria a falta de um cidadão, que era o seu ornamento, e a sua ufania.

He irremediavel, Paraenses, a nossa perda: resta-nos unicamente as suas cinzas: e he do nosso pio dever

lembrar-nos da sua alma com vehementes suffragios para que Deos lhe dê o eterno descanso. He isto o que elle agora nos pede segundo as palavras *Miseremini mei, miseremini mei, sattem vos amici mei*, que proferio o padecedor Job, cujo soffrimento unido com a innocencia de José basta para formar o mais bello livro das virtudes.

---

Discurso funereo, que á morte do Conego João Sanches Monteiro Baena fez o Reverendo Frei Ismael do Coração de Maria Neri, Carmelita Calçado da Cidade de Belem do Pará, e Lente de Historia Ecclesiastica no Seminario Episcopal, no dia 20 de Novembro de 1847.

Obiit! Sed in cordibus vivit.

Quanto he dolorosa a morte do Cidadão prestante! Quantas lagrimas arranca dos corações sensiveis! Ah! A perda de um homem como o Senhor Conego João Sanches Monteiro Baena he de tal natureza que quasi revolta o pensamento da creatura contra a vontade Divina. Quem dissera, ha menos de sete mezes, quando votando-nos mutua affeição, que teria eu hoje submerso na mais pungente dor e acerba saudade de lamentar a sua falta, e perda irreparavel! Confesso que uma tal morte ainda se me figura como um sonho: e um sonho a julgaria se dentro em minha alma a mais lancinante dor, dor que sonhos não gerão, não confirmasse o que os meus ouvidos escutárão, e meus olhos virão em o dia 12 de

Novembro de 1847, dia para mim de eterna lembrança!!! Ah! Almejara agora ter a eloquencia dos Demosthenes, dos Ciceros, e dos Massilons, para exarar em caracteres indeleveis os feitos immortaes, as sublimes virtudes do meu sempre prezado Amigo em sinal da minha gratidão.

Porem que ? Para que vestir o que nú mais brilho tem ? O fulgente diamante não busca luz estranha para brilhar; assim as acções do Senhor Conego Baena por si só fulgurão mais do que as gallas da Poesia, e as pompas da Eloquencia. Em uma palavra para aquelle que me honrava com a sua amisade, amisade que eu cordialmente retribuia, mesquinhos são os elogios, que lhe consagro neste momento; mesquinhos sim, não por falta de materia, mas porque a dor e a saudade, que me opprimem, me embargão de ser mais extenso. Diga-se pois a verdade.

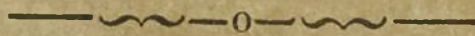
O Senhor Conego Baena foi um daquelles homens, que poucas vezes apparecem; foi um daquelles sainetes, que Deos outorga como por milagre á terra a fim de patentear o seu poder infinito. É na verdade a virtude, a probidade, e os importantes serviços á Patria formão os titulos da sua gloria, e tornão distincto o seu nome nos padrões da Historia. Porquanto o Senhor Conego Baena honrou a Classe, de que era digno ornamento. Sollicito no progresso das Sciencias enriqueceo seu espirito, e não se deixou dormir na ociosidade de uma reputação mal adquirida; não porque seus trabalhos ahí estão para attestar altamente a actividade do seu genio. Occupando no Seminario Episcopal desta Capital as Cadeiras de Filosofia e Francez pelo seu zelo mereceo sempre a confiança e amisade de Sua Excellencia Reverendissima o Senhor Dom José Affonso de Moraes

Torres, Bispo desta Provincia. Finalmente percorrendo a preciosa vida deste prestante Paraense se alguma paixãõ nella se apresenta he aquella que sempre o inclinou a tornar-se util á sua Patria.

He este homem pois, Jovens Paraenses, que attento o que d'elle aguardaveis, passou quasi imperceptivel entre vós, e transpoz a carreira da vida qual pressuroso relampago.

Ah! Quão pouco durou a ventura de vos instruirdes com as suas luzes! Elle qual flor, que em verde prado soffrendo o rigido ferro, que ceifa o seu mimoso caule, perde a graça, cai, assim caído e jaz por terra!! A Parca! Ah! Mui cedo cortou o fio da sua existencia! Ella não respeitou nem a vida do homem, que consagrou seus dias á virtude, e que felicitou a primavera de seus annos com exercicios de bondade.

E tu ó caro Amigo, lá nessa mansão dos Justos, onde ja recebeste o premio vantajoso e devido ás tuas virtudes, que no Calis do Eterno propinas o licor embriagante da immortalidade, digna-te receber os titulos, que te devem a minha gratidão e amizade: se ja não vires, em meu coração vivirá para sempre gravada tua memoria. *Obiit! Sed in cordibus vivit.*



Conceito da Revista Americana aõ transcrever na pagina 175 do seu Jornal Tomo I. Parte Segunda. Janeiro 1848. Bahia, o Discurso que fez o Conego Luiz Barroso de Bastos á morte do Conego Baena.

Cumpre hoje a Revista um dever sagrado consignando em suas paginas o discurso recitado em o Pará por



ocasião da inesperada morte do Conego João San-  
ches Monteiro Baena.

Era esse moço de grandes esperanças: seu amor  
aõ estudo, suas bellas qualidades presagiavão-lhe bri-  
lhante futuro, mas a morte, que se apraz em derra-  
mar o pranto e a dor no seio das Familias, cortou em  
flor essa vida tão curta, tão cheia de viço e força, des-  
pedaçando com mão cruel o socego de sua numerosa  
Familia, e dos amigos que lhe havião grangeado suas  
brilhantes qualidades. Conhecemos esse moço quan-  
do veio á Bahia ha bem poucos annos disposto a seguir  
a carreira Medica, que se vio obrigado a não encetar por  
ser atacado de enfermidade terrivel, que o fez voltar á  
sua bella Provincia, onde Deos lhe havia marcado o  
jazigo. Possa a lembrança de seu merito servir de  
lenitivo á dor de seus desolados Pais!! Dessa dor,  
que não se pode exprimir, e que só sabem sentir a-  
quelles, a que dotou Deos de uma alma sensivel!



SONETO.

Aõ Illmº. Senhor Antonio Ladislau Monteiro Baena por  
occasião da morte do seu filho o Conego Joaõ  
Sanches Monteiro Baena

He justo, illustre Baena, o teu pranto,  
Que por teu douto filho tens vertido:  
O Pará te acompanha entristecido  
Na dor acerba, com que choras tanto.

Mas os olhos erguei aõ Coro Santo  
A' disposição de Deos submettido,  
Na certeza que o filho que has perdido  
Entre os Anjos recita o puro canto.

Ja livre das prizões deste degredo  
Goza a vida melhor, mais feliz sorte,  
Vendo a face de Deos ditoso e ledó.

Quem se pode eximir do fatal corte?  
Todos somos mortaes: ou tarde ou cedo  
Havemos de pagar tributo á morte.

—o—

Levou-te para si, ó flor divina,  
Esse que gira o Sol, enfreia os ventos,  
A quem o Céu, a Terra, o Mar se inclina;  
Ja gozas immortaes contentamentos:  
Nós ficamos sem ti nesta baixaza  
Em magoas, em miserias, em tormentos,  
De que he cheia esta nossa natureza!

( Diogo Bernardes. Eclog. I. )  
Manoel Higinio Cardoso Pinto.

SONETO.

Hoje deves, Pará, chorar-lhe a morte:  
Descer Parca feroz fez aõ jazigo  
Quem sempre te prezou, mostrou contigo  
Amisade em extremo assás mui forte.

Ja da vida privou horrivel corte  
Dos Jovens estudiosos o abrigo,  
Do Padre Baena, do nosso amigo  
Hoje deves, Pará, chorar-lhe a morte.

Mas consolar-te deves, ponderando  
Que não pode morrer quem dos Céos goza,  
Quem a Deos para sempre está louvando.

Se de nós grangeou saudade honrosa  
Nos Céos descançar foi, mil bens deixando,  
Coroa a mais brilhante, a mais ditosa!

—o—

Do que sempre mostrou tanta candura  
Louro e flores lhe adorne a sepultura.  
Stat sua cuique dies; breve, et irreparabile tempus  
Omnibus est vitæ; sed famam extendere factis,  
Hoc virtutis opus.

( Virg. En. L. 10.)

Um Patricio, que sempre o prezou pelos seus ta-  
lentos e virtudes.

SONETO.

De teu doce filho a morte em quanto  
Sente o teu coração saudoso, e amante,  
Pensa meu Baena como exultante  
Foi-se aõs Astros seguindo o Coro Santo!

Suspende um pouco a dor, suffoca o pranto  
Bem que o motivo seja consternante:  
E repara, se podes, um instante,  
Que motivo maior tens para o canto.

Lá do Throno da immensa claridade,  
Gozando da do Céu sem par belleza,  
Ei-lo tornado em Nume, em Divindade.

Folga o Céu, quando geme a Natureza,  
Se deixa a Terra, lucra a Eternidade,  
Pequena perda para tal grandeza !!  
Pelo Autor do Soneto precedente.

N. B. Este segundo Soneto foi feito no mesmo dia, em que o autor ouviu aõ Pai do fallecido Conego estas palavras: *Saudades de meu filho dão lagrimas a meus olhos. Nada do que se possui com gosto, se perde sem desconsolação. Assim o quiz o Eterno, o Omnipotente, o Incomprehensivel, que só tem o ser de si, e dá o ser a todas as cousas.*

SONETO.

Do mais alto do Olimpo attentamente  
A sã Virtude, a Fama vigiava,  
As distinctas acções, que ja obrava  
De Baena o genio resplandecente.

E aõ ver como um Paraense excellente  
Pela estrada da Gloria caminhava  
Uma novos clarins ja preparava,  
Outra palmas colhia diligente.

Quando immatura morte n'um momento  
Invejosa vibrando a seta aguda  
Cruel lhes frustra o generoso intento.

Que a Fama aõ fatal golpe ficou muda,  
E cheia de piedoso sentimento  
A Virtude em cipreste as palmas muda.

OUTRO.

Pará, tu choras? Ah! Não. Deixa o pranto.  
Da frente arranca o funebre cipreste,  
Pois se entre nós a Baena perdeste  
O tens dos Anjos entre o Coro Santo.

Elle deposto ja o fragil manto  
No Impireo goza da visaõ celeste;  
Se logra-lo na Terra não podeste  
O logras lá no Impireo, enxuga o pranto.

Elle pisando estrellas veloz voa  
A se lograr em paz nos Céos supremos  
Da gloria, que sem fim os Justos croa.

Ah! Sobre elle não, sobre nós choremos  
Que elle torna em eterna a mortal croa  
E nelle um bom patricio nós perdemos.

Por Ernesto Facundo de Castro Menezes.

(172)

ODE

A' sentidissima morte do Muito Reverendo  
Senhor Conego João Sanches Monteiro  
Baena.

Se eu tivera d' Apollo a Lyra sem par  
E do Luso Cantor veia inspirada  
De versos dignos apresentaria  
Minha Nenia formada.

Se um tal genio me inspirasse a mente  
Hoje occupada de dor e saudade  
Eu poderia deplorar-te a morte  
Na tua breve idade.

Os dotes de tua alma pura e santa  
De tantos pensamentos innocentes  
E d'esse amor, que os Céos taõ mal fadáraõ,  
Fogos santos e ardentes!

Da filial piedade um exemplar,  
Fiel amigo, terno e carinhoso  
Do fraternal amor gentil modello  
Affavel, generoso !

Da Mantuana lyra o som ameno,  
Do amante Petrarca as melodias,  
Dos melhores Cantores eu invejo  
Tristonhas harmonias.

Sim, que podera então alçando a fronte  
De poetico ardor bem repassado  
Chorar, Baena, o teu fatal destino  
A' Patria tão pesado.

---

Parla, parla dal Cielo, ov' hai soggiorno,  
Parla, parla dal Cielo, ó sospirata  
Anima incomparabile, e beata.

( Bertola. Noit. Clement. C. 3.º Est. 2.ª )

Por José Joaquim Mendes Cavalleiro de Macedo.

SONETO.

Aqui deste sepulcro entre os horrores  
Baena, que ja foi nossa alegria,  
Para sempre nos cerra a Morte impia,  
Surda aõs ternos prantos, e aõs clamores.

Paraenses da virtude amadores  
Observar vinde um dever neste dia,  
Comigo derramai na campã fria  
As mãos cheias as mais fragrantas flores.

Sim, nós todos de Baena saudosos  
Em chuveiro sobre ella as derramemos  
Aõ amor, á virtude obsequiosos:

E ja que de outra sorte não podemos  
Entre lugubres ais, prantos piedosos  
Aõ menos esta sua cinza honremos.  
Pelo sobredito Macedo.

SONETO.

A' dolorosissima morte do meu mui apreciado amigo  
o Senhor Conego Joã Sanches Monteiro Baena.

Os Jovens Paraenses se ajuntáraõ  
A formar uma lugubre escultura,  
Mas aõ traça-la cheios de ternura  
Os meigos olhos com as mãos tapáraõ.

O Genio da Tristeza que invocáraõ  
Lhes applica o cizel á pedra dura  
E a tristonha e singela sepultura  
De seu Patricio juntos acabáraõ.

O Amazonas desta empreza advertido  
Deixa a sua urna, vem ligeiramente  
Ver o monumento a Baena erguido.

Mas aõ ve-lo desmaia: e de repente  
De compaixão insolita movido  
O rosto vira e o banha em pranto ardente.

Pelo P. M. B. S.

Veniat pax: requiescat in cubili suo, qui ambulavit in directione sua.

( Isaias C. 57. V. 2.

Viva seu nome na memoria, e na boca de todos com  
louvor e saudade.

EPITAFIO.

Debaixo desta campa sepultado  
Jaz Baena, Paraense famoso,  
Grande em virtudes, em lettras atilado,  
Não menos prudente e cautelloso.  
Foi triste e deploravel sua sorte,  
Falso curativo o levou á morte,  
Seja constante a todas as idades  
Que seus amigos cheios de saudades  
E lagrimas vertendo de ternura  
O vieraõ honrar na sepultura.

Pelo mesmo P.



QUADRAS.

A' morte do meu querido amigo o Senhor Conego Joaõ  
Sanches Monteiro Baena.

1.<sup>a</sup>

Cortar os dias da vida  
A quem somente eu amava  
Veio a Parca deshumana  
Quando eu feliz me julgava.

Retornello.

Dia doze de Novembro  
O' cruel nefando dia,  
Riscar-te da minha mente  
Eternamente eu queria.

2.<sup>a</sup>

Baena era esse Joven  
A quem somente eu amava  
Com mil extremos de amor  
Quando eu feliz me julgava.

Dia doze de Novembro &<sup>a</sup>.

3.<sup>a</sup>

Em ama-lo extremamente  
Prazeres mil encontrava  
Nesse tempo precioso  
Quando eu feliz me julgava.

Dia doze de Novembro &<sup>a</sup>.

4.<sup>a</sup>

Virtuoso, firme e constante  
Entre os mortaes não achava  
Como o tal Joven que amei  
Quando eu feliz me julgava.

Dia doze de Novembro &<sup>a</sup>

5.<sup>a</sup>

E na amisade sincera  
Que entre nós só reinava  
Consistia a minha vida  
Quando eu feliz me julgava.

Dia doze de Novembro &<sup>a</sup>

6.<sup>a</sup>

Mas a Parca que invejosa  
De nossa amisade estava  
Roubou-me todo o prazer  
Quando eu feliz me julgava.

Dia doze de Novembro &<sup>a</sup>

7.<sup>a</sup>

Foi no dia de Novembro  
Que ja doze se contava  
Que elle deo-me o fatal golpe  
Quando eu feliz me julgava.

Dia doze de Novembro &<sup>a</sup>

Pelo Padre Manoel José de Siqueira Mendes.

SONETO.

A' morte do meu preclaro patricio o Senhor Conego  
João Sanches Monteiro Baena.

Alli naquella campã inclemente  
Jaz Baena, não menos, sepultado,  
Em que vio com inveja o Sol dourado  
Competir o prestadio com o sciente.

O' quantas advertencias mudamente  
Nos ensina este tumulto enlutado  
Daqui o sabedor vai desenganado,  
Daqui o prestimoso vai prudente.

Que mal a flor da idade nos segura  
De impulso superior fado violento  
Se se murcha esta flor por varios modos!

Elle lá logra o bem que sempre dura:  
Nós cá sobre este duro monumento  
Choramos todos, mas eu mais que todos.

Por S. R. de C.



EPICEDIO.

A' morte do Conego Joaõ Sanches Monteiro  
Baena.

Que ás crueis mãos das Parcas  
Morrão talentos grandes, quaes Baena!  
E o ferro naõ cahio da mão de Clotho  
Quando desfez tal vida?

Lamentavel Destino! O homeni, que altos  
De Ingenho assomos logra, breve existe!  
E vê-se de Era em Era  
O estolido blazonar mui ufano!

Baena, oh *vále!* A Abelha em teu moimento  
Sempre o seu mel componha.  
Maná dos Céos, e balsamos da Arabia  
Alli distillem, louros enverdeção,  
Heras, nevados lyrios.

Denso rosal com mil botões o abrace:  
Mangerona, tomilho, e a flor vermelha,  
Que annuncia em queixumes

De Ajax a dor, n'um Ai tinto em seu seio.  
Do Amazonas e Guajará, as Nymphas  
E as formosas Nerêas

Com lagrimas a campã lhe humedeção.  
Clotho com fria mão cortou-te o fio  
A' vida desbotado

Pelo infortunio, pela falsa cura  
De rapida doença percursora  
Do angustioso gume.

Ouve oh Baena as queixas lastimadas  
Que o Pará afflicto manda aõ Olympo  
Pelos dons, com que o exalça

Mescla arrojados intimos suspiros:  
Ai falta-me um Baena! a minha gloria. . . .  
E a voz alli desmaia-lhe:

Que aõ romper das entranhas magoadas  
Lh'a entalla a perda do prestante filho  
E a fronte inclina, e geme.

Por um Anonimo, que sempre prezou o extraordinario merecimento do seu fallecido Patricio. Naõ declaro o meu nome, porque naõ busco gloria para mim, mas só a accidental para o engenho florente e afiado, que o Pará perdeo, qual o amavel Conego Baena fallecido sem aõ menos completar a sua adolescencia, pois lhe faltavão para isso dous annos e quatro dias.

QUADRAS.

A' morte do Muito Reverendo Conego Joaõ Sancheſ,  
Monteiro Baena.

Uma existencia prezada  
Derribaste ó Parca impia,  
Deixando dentro em minha alma  
Viva dor, viva agonia.

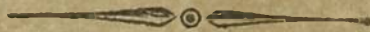
Baena, meu terno amigo,  
Na manhã do viver seu  
Victima foi prematura  
Do terrivel dardo teu.

Naõ mais eu desejo a vida  
A finda-la corre ó Morte,  
Mostra uma vez piedade,  
Sobre mim vibra teu corte.

Pelo Minorista Joaõ Verissimo Alves Junior.



Acabei esta Biographia em 7 de Setembro de 1848.



PARA' 1848.—TYPOGRAPHIA DE SANTOS & FILHOS.

NOTA  
DE ALGUNS ERROS QUE CUMPRE CORRIGIR.

PAG.	LI.	ERROS.	EMENDAS.
XIX.	7.	extremos louvores:	extremosos louvores:
Subse- quente a XX. 21.	1. 22.	Si quis est os Jesuitas do Rio de Janeiro,	Si quis at est os proscriptos Jesuitas no Rio de Janeiro,
22.	5.	Conde de Pirajá	Conde de Irajá
61.	1.	Duccem	Ducem
61.	2.	nen posse	non posse
64.	2.	ss minhas	as minhas
101.	31.	nos corroboras	nos corroboras
133.	1.	gruppo	grupo
137.	14.	Pamenides	Parmenides
143.	26.	Musico-Instrumenta	Musico - Instru- mental
173.	15.	As mãos	A's mãos

# LISTA

DOS

ILLM.<sup>OS</sup> SENHORES SUBSCRIPTORES

PARA A PRESENTE BIOGRAPHIA.

- Capitão de Fragata e Inspector do Arsenal da Marinha Antonio Leocadio do Couto.  
Commendador Antonio Lacerda de Chermont.  
Negociante Antonio Joaquim Ferreira da Silva.  
Escriturario da Alfandega Antonio Facundo de Castro Menezes.  
Beneficiado da Igreja do Pará Antonio Felipe da Cunha e Oliveira.  
Tenente de Artilheria Antonio Fernando Sodré e Silva.  
Promotor Publico Antonio Ricardo de Carvalho Penna.  
Negociante Antonio Marques de Carvalho.  
Escriturario da Contadoria da Fazenda Antonio Agostinho de Andrade Figueira.  
Proprietario Antonio Pereira da Silveira Frade.  
Dito Antonio José de Miranda.  
Empregado da Contadoria da Fazenda André Corsino Benjamin.  
Escriturario do Arsenal da Marinha Antonio Dias Ferreira Portugal.  
Proprietario Agostinho José Lopes Godinho.  
Estudante Antonio do Espirito Santo da Fonseca.  
Proprietario de Fabrica de Chapeos Antonio do O' de Almeida.  
Conego Bernardino Henriques Diniz  
Proprietario Bento José da Silva.



✻ (2) ✻

Negociante Bernardo José Antunes.

Empregado da Alfandega Belchior Olimpio de Azevedo Rangel.

Capitão de Engenharia Christiano Pereira de Azeredo Coutinho.

Negociante Domingos Ferreira Maia.

Coronel Domingos Simões da Cunha.

Negociante Elias José Nunes da Silva.

Conego e Reitor do Seminario Elias Xavier de Gouvea.

Estudante Ernesto Facundo de Castro Menezes.

Empregado do Arsenal da Marinha Francisco Bernardino Dias da Silva.

Negociante Francisco José Pinto da França.

Dito Francisco Rodrigues Correa.

Thesoureiro da Alfandega Francisco da Ponte e Souza.

Negociante Francisco Soares da Costa Corte Real.

Dito Francisco José de Araujo.

Felisberto José dos Santos Lisboa.

Official da Secretaria do Governo Francisco Carlos Marianno.

Proprietario e Lavrador Francisco José Rodrigues.

Proprietario Francisco Antonio de Miranda.

Official Maior da Inspectoria de Fazenda Francisco Pedro Gurjaõ.

Conego Honorario e Vigario de Santa Anna da Cidade de Belem Felipe Neri da Cunha.

Negociante Fortunato Alves de Souza.

Commendador e Consul da Nação Portugueza Fernando José da Silva.

Coronel Commandante do 4.º Batalhão de Caçadores Francisco Xavier Torres.

Desembargador Francisco Carneiro Pinto Vieira de Mello.

Empregado do Arsenal da Marinha Hilario José de Paiva.

Padre Capellão do 4.º Batalhão de Caçadores Henrique Josino Ferreira.

Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Provincia Jeronimo Francisco Coelho.

Procurador Fiscal Doutor João Maria de Moraes.

Inspector da Fazenda João José de Deos e Silva.

Proprietario Joaquim Antonio Alves.

Empregado da Fazenda aposentado João Henriques Diniz.

Proprietario João Florencio Henriques de Pinho.

Negociante João Henriques da Silva Labareda.

Doutor em Medicina José da Gama Malcher.

Inspector da Alfandega João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha.

Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

Guardião dos Capuchos Frei João de Santo Thomas de Aquino.

Empregado da Alfandega José Pio de Araujo Nobre.

Negociante José Gualdino da Silva.

Dito José Daniel da Silva.

Guarda Mor da Alfandega Joaquim José Fulgencio Carlos de Castro.

Negociante José Nunes Longra.

Dito Joaquim Francisco Fernandes.

José Carneiro da Silva.

Conego Honorario e Vigario de Camutá José Antonio Ventura.

Proprietario José Antonio de Miranda.

Negociante Jacinto José Ferreira.

Proprietario de uma Saboaria José do O' de Almeida.

Thesoureiro da Fazenda João José Monteiro.

Empregado da Secretaria da Camara Municipal José João da Silva.

Mercador Izidoro Ferreira da Costa.

Juiz de Direito da Comarca de Santarem Doutor João  
-Baptista Gonçalves Campos.

Juiz de Direito da Capital Doutor José Joaquim Pimen-  
ta de Magalhães.

Almoxarife do Arsenal da Marinha Joaquim da Silva  
Arantes.

Empregado do mesmo Arsenal José Francisco de  
Andrade Chaves.

Doutor João Lourenço Paes de Souza.

Negociante José Eduardo Monteiro.

Escripturario da Recebedoria das Rendas Internas  
João Lourenço de Souza.

Proprietario José Antonio Pereira de Faria.

Negociante José Caetano Cardozo.

Proprietario João Antonio Costa.

Dito Joaquim de Figueiredo Muniz.

Dito de uma Officina de Funileiro e Latoeiro José Gre-  
gorio Lourenço.

Capitão de Artilheria Joaquim Victorino de Souza  
Cabral.

Chefe de Policia do Pará Doutor Joaquim Rodrigues  
de Souza.

Proprietario Januario Antonio da Silva.

Lavrador José Honorato da Silva Miranda.

Stereometra da Alfandega João Ferreira Ribeiro Aranha.

Proprietario José Antonio Antunes.

Prior do Carmo Frei Joaquim José da Silva Costa.

Capellão da Fortaleza da Barra Frei Joaquim de San-  
ta Luzia.

Negociante Leopoldino José da Silveira.

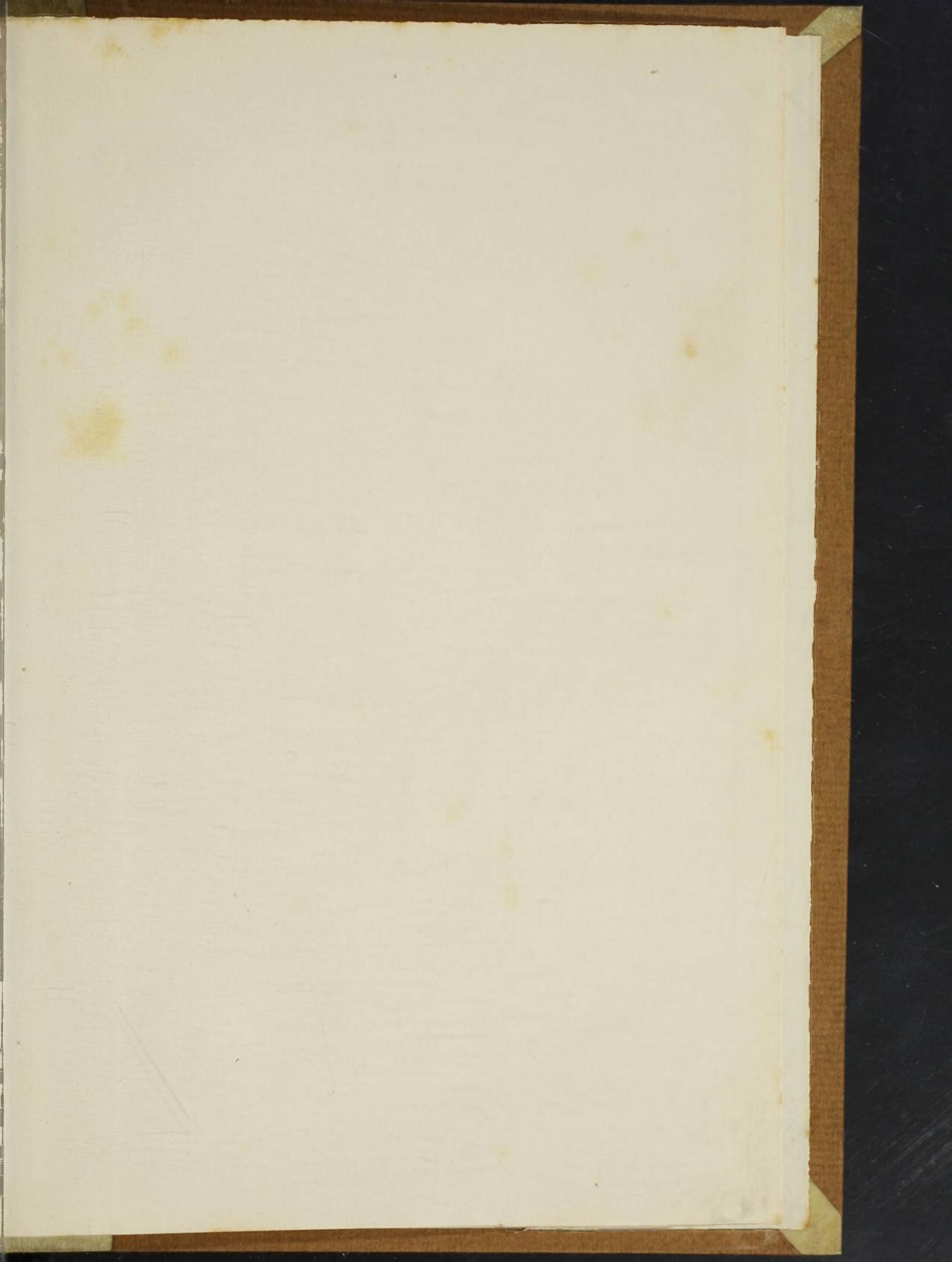
Dito Luiz Brelaz.

Advogado Manoel Gonçalves da Cunha Meninea.

✻ (5) ✻

Procurador da Camara Municipal de Belem Matheus  
Valente do Couto e Pinho.  
Negociante Manoel José Ribeiro.  
Dito Miguel José Raio.  
Secretario do Governo Miguel Antonio Nobre.  
Arceidiago da Sé Manoel Evaristo de Brito Mendes.  
Capitaõ de Artilheria Manoel Miguel Ayres Pereira.  
Reverendo Padre Manoel José de Siqueira Mendes.  
Reverendo Vigario da Freguezia da Santissima Trin-  
dade Manoel Vasques da Cunha e Pinho.  
Thesoureiro Provincial Miguel da Costa Rocha.  
Juiz dos Orfãos Doutor Manoel Gomes Correa de Mi-  
randa.  
Conego Cura da Sé Manoel Rodrigues Bicho.  
Empregado do Arsenal da Marinha Pedro Henriques de  
Almeida Seabra.  
Tenente Coronel Honorario Pedro Miguel de Moraes  
Betencourt.  
Chantre e Vigario Geral do Bispado Raimundo Se-  
verino de Matos.  
Official Maior da Secretaria da Camara Municipal de  
Belem Silvestre Tenreiro Aranha.  
Consul Hespanhol Dom Vicente Ruiz.  
Capitaõ de Artilheria Victorio Gonçalves Campos.  
Reverendo Vigario da Villa do Igarapé-Mirí Victorio  
Procopio Serrão do Espirito Santo.





J. 800. —

H/ Dr. Hindlin - etc

David - SP

(exame)

